

**De casa da família para uma nova casa. Como os objetos contribuem  
para o sentimento de casa nos jovens: estudos de caso**

**Margarida Lemos Alves Gonçalves Marques**

**Dissertação de Mestrado em Antropologia  
Área de especialização em Temas Contemporâneos**

**Maio, 2023**

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Antropologia – Temas Contemporâneos, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Filomena de Almeida Paiva Silvano

## **Agradecimentos**

Agradeço, acima de tudo, às sete jovens que generosamente me abriram as portas de um espaço tão íntimo como a casa para partilharem comigo as suas histórias, memórias e objetos pessoais. Obrigada, I., L., J., B., C., S. e M.

Agradeço, ainda, à minha família, ao Tiago e amigas que estiveram sempre comigo ao longo deste percurso.

E, claro, à Professora Filomena Silvano pelo acompanhamento e inspiração.

**De casa da família para uma nova casa. Como os objetos contribuem para o sentimento de casa nos jovens: estudos de caso.**

**Margarida Lemos Alves Gonçalves Marques**

**[RESUMO]**

Em contextos de mobilidade espacial, os objetos que acompanham as pessoas assumem-se importantes no que diz respeito à memória dos lugares deixados para trás, mas, também, nas ligações que estabelecem entre esta memória e a vida nas novas casas (Silvano 2017). Assim, os objetos que as pessoas transportam consigo podem ter um papel relevante para que estas se sintam enquadradas em novos ambientes (Marcoux 2001). Nesta dissertação procuro compreender, num contexto em que jovens adultos saem de casa da família para morar numa nova casa, qual é o papel que os objetos que decidem levar da casa anterior para o novo espaço têm na construção do sentimento de casa e como podem revelar-se centrais numa experiência tão marcante como o momento em que se constrói a primeira casa. Se a casa pode ser entendida como um “repositório de ideias complexas (...) sobre a relação das pessoas com outros, especialmente a família, lugares, espaços e coisas” (Mallett 2004, 84) ou “uma entidade que congrega memória e pertença, ideais e afetividade, espaço e tempo, local e global, avaliações negativas e positivas” (Rosales 2015, 64), o “apego a um lugar” reflete “um fenómeno complexo” que incorpora diversos aspetos, entre eles a emoção, os sentimentos, as práticas e ações levadas a cabo pelas pessoas nos lugares (Setha Low 1992). Assim, procura-se compreender como é que os objetos escolhidos para irem para a nova casa ajudaram na construção de sentimento de casa, mas, também, porque é que as jovens decidiram trazê-los para o novo espaço e o papel que ocupam na casa atual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Objetos; Sentimento de casa; Casa; Identidade; Memória

## [ABSTRACT]

In contexts of spatial mobility, objects that accompany people are assumed to be important regarding the memory of places left behind, but also in the connections they establish between this memory and life in new homes (Silvano 2017). Thus, the objects that people carry with them can play a relevant role for them to feel framed in new environments (Marcoux 2001). In this dissertation I seek to understand, in a context in which young adults leave their family home to live in a new house, what role the objects that they decide to take from the previous house to the new space have in the construction of the “feeling of home”, as well as how they reveal to be central in such a remarkable experience as it is the moment when we build our first home. If the house can be understood as a "repository of complex ideas (... ) about people's relationship with others, especially family, places, spaces and things" (Mallett 2004, 84) or "an entity that brings together memory and belonging, ideals and affectivity, space and time, local and global, negative and positive evaluations" (Rosales 2015, 64), the "attachment to a place" reflects "a complex phenomenon" that incorporates several aspects, including emotion, feelings, practices and actions carried out by people in places (Setha Low 1992). This investigation seeks to understand how the objects chosen to go to the new house helped on the construction of the “feeling of home”, but, also, why they were brought to the new space and the role they occupy in the current home.

**KEYWORDS:** Objects; Feeling of home; Home; Identity; Memory

## **Índice**

### **Parte 1**

1.1 Introdução	1
----------------	---

### **Parte 2**

2.1 Estado da Arte	3
2.2 Metodologia	32
2.2.1 Questionário quantitativo	32
2.2.2 Entrevistas em casa: os sete estudos de caso	34

### **Parte 3**

3.1 “Sentimento de casa”	37
3.1.1 Modos de sentir	37
3.1.2 Visões sobre o significado de casa	43
3.2 A casa da família	46
3.2.1 Olhares sobre a casa da família	46
3.2.2 Vivências na casa	57
3.2.3 Sentimento de casa	60
3.2.4 Objetos de maior valor emocional	63
3.3 A saída de casa da família	66
3.3.1 A escolha dos objetos a levar	66
3.3.2 O quarto de infância e juventude na casa da família	70
3.4 A casa atual	72
3.4.1 Olhares sobre a sua casa atual	72
3.4.2 A chegada à casa: o que fazer no espaço?	85
3.4.3 Vivências na casa	87
3.4.4 Sentimento de casa	91
3.5 Objetos de casa da família relevantes para a criação de sentimento de casa	96
3.5.1 Objetos como veículos de memória	99
3.5.2 Objetos que projetam valores pessoais	116
3.5.3 Objetos que projetam o “eu”	127
3.5.4 Objetos que projetam outros: a família	136

3.5.5 Presentes: quando os objetos também se tornam relevantes por via da oferta	141
3.6 Outros objetos relevantes para o sentimento de casa	147
3.7 Objetos pré-existentes na casa: visões e impacto no sentimento de casa	149
3.8 Conclusão	153
<b>Parte 4</b>	
4.1 Bibliografia	159
4.2 Referências online	163
4.3 Lista de figuras	164
4.4 Anexos	167
4.4.1 Guião questionário quantitativo	167
4.4.2 Guião entrevista semiestruturada	173
4.4.3 Sistema de categorização para análise dos objetos	176

## Parte 1

### 1.1 Introdução

Quando os jovens deixam definitivamente a casa da família para viver numa casa sua, quer seja comprada ou alugada, que objetos decidem levar consigo? E o que deixam para trás? Serão esses objetos importantes para criar um “sentimento de casa” no novo espaço? E onde se sentem verdadeiramente em casa hoje? Na nova casa ou ainda na casa da família? Estas questões foram o ponto de partida para a reflexão a que me propus na dissertação de Mestrado: compreender qual o papel dos objetos na construção da ideia de casa para jovens adultos que saíram definitivamente de casa das suas famílias para uma nova casa.

Durante o Mestrado em Antropologia, enquanto estudava *Objetos, Identidades e Culturas* e, nesse contexto, obras como a *Home Possessions* editada por Daniel Miller (2001), central num novo entendimento sobre o significado da casa e que evidencia a pertinência de uma etnografia no espaço doméstico, estava também a sair de casa dos meus pais para viver pela primeira vez de forma definitiva numa outra casa. Durante esse meu processo, que é pessoal e que, tal como os casos que serão descritos nesta dissertação não têm nenhuma ambição de ser representativos de uma geração inevitavelmente diversa, vi-me confrontada com a necessidade de fazer uma limpeza e arrumação grande ao quarto de infância e juventude para escolher o que queria levar comigo para a nova casa e o que deixaria para trás. No meu caso, foram vários os objetos que identifiquei como importantes de serem transportados, sobretudo porque me permitiriam manter uma certa ligação com a casa da família, e, na minha perspetiva, apoiar-me na construção de um novo sentido de casa num espaço que, até aquele momento, me era desconhecido. Foi ao longo deste processo, em 2021, apoiada pela literatura que estudava e motivada pela minha experiência, que decidi aprofundar esta questão numa perspetiva académica, através desta dissertação. Este é um trabalho sobre o papel que os objetos que os jovens decidiram levar de casa da família tiveram na construção de sentimento de casa no novo espaço. E é, sobretudo, um trabalho sobre a experiência de sete jovens-adultas que "saíram de casa" entre 2019 e 2021 e me abriram generosamente as portas da sua casa atual para contarem como viveram este período, partilhando o seu testemunho. Uma vez delimitada a dimensão teórica, o trabalho de campo começou por um primeiro questionário *online*, disponibilizado entre novembro e dezembro de 2021, onde procurei recolher, entre outros tópicos, dados sobre o contexto de casa da família e a razão de

terem deixado esse *lugar*, bem como ter algumas pistas sobre a casa atual. No contexto do novo espaço, interessava-me compreender o papel de diferentes materialidades, como aquelas que já estavam na casa no momento da mudança, mas sobretudo as que tinham vindo de casa da família, e os seus impactos na criação de “sentimento de casa”. Por outro lado, motivada por autores como Miller (2001) e Rosales (2015), que destacam a importância de uma etnografia dentro do espaço doméstico para compreender a relação da cultura material com a casa, ambicionava que o trabalho de campo se desenrolasse dentro das casas atuais dos jovens. Foi a partir das respostas ao questionário *online* (descrito com maior detalhe na secção dedicada à Metodologia) que, por um lado, fixei as questões que me interessavam aprofundar no trabalho de campo, nomeadamente, porque é que os objetos oriundos de casa da família apoiaram na criação de “sentimento de casa” no novo espaço e que, por outro lado, tomei contacto com as sete jovens que, meses mais tarde, me viriam a abrir as portas da sua casa na Área Metropolitana de Lisboa e a dar corpo aos sete estudos de caso que agora aqui apresento.

Assim, a partir da informação recolhida no trabalho de campo durante o período em que visitei as casas e, naturalmente, apoiada em toda a reflexão que se seguiu, procurei entender alguns contextos relativos à casa da família, à mudança de casa e à casa atual, que considere serem uma base importante para uma compreensão mais informada do papel dos objetos que iria analisar. Por um lado, quis perceber como é que as jovens entrevistadas percecionam o “sentimento de casa” e os contextos em que se aperceberam dessa relação com um espaço; como olham para a ideia de casa e que significado lhe atribuem; como veem a casa da família, os locais onde se “sentiam mais em casa” nesse espaço e os objetos de maior valor emocional que tinham quando lá viviam; mas, também, como foi o período de saída de casa e de escolha dos objetos a transportar para o novo espaço. Por outro lado, relativamente à casa atual, procurei entender, entre outras dimensões, como foi a chegada ao novo espaço e quais as decisões que foram tomadas quanto à distribuição dos objetos e disposição das diferentes divisões da casa; qual a divisão onde hoje se sentem mais em casa; quais as principais vivências que têm neste novo espaço; mas, também, se esta é uma casa que imaginam definitiva nos seus futuros. Por fim, por ambicionar compreender porque eram alguns objetos vindos de casa da família relevantes para o “sentimento de casa” interessava-me que este encontro pudesse proporcionar o relato de narrativas em torno dos objetos. Neste sentido, as visitas às casas previam que cada uma das jovens me conduzisse aos locais onde estes objetos estavam

expostos ou arquivados na casa, para que os pudesse observar no contexto exato em que cada uma os decidiu colocar e, a partir de uma série de questões dedicadas a compreender a origem e relação das jovens com os objetos, definir o ponto de partida para que a produção de narrativas em torno destes (Hurdley 2006) pudesse desenrolar-se.

A dissertação está dividida em diferentes partes, que abordam várias temáticas complementares na investigação, numa vontade de delinear um caminho que oferece o contexto suficiente para que se compreendam as relações estabelecidas pelas jovens com os objetos protagonistas na formação de um novo sentimento de casa, naquele que é genericamente o seu primeiro espaço fora da casa da família. Depois da imprescindível reunião e reflexão em torno dos principais contributos da literatura que são centrais para o objeto de estudo desta tese, e da descrição da metodologia aplicada a este trabalho, partimos, entre os testemunhos das entrevistadas e o suporte teórico e conceptual que os permite desvendar, por uma narrativa que aborda as visões sobre o sentimento de casa, a casa da família e a mudança de casa, para chegar à casa atual, aos objetos de casa da família que foram importantes para o sentimento de casa, mas, também, a outros objetos que, não tendo vindo do contexto familiar ou por serem uma herança material da nova casa, têm impacto na forma como as jovens se sentem neste espaço. Será, assim, através destes sete casos e respetivas experiências, que procuro desvendar como os objetos se podem revelar centrais numa experiência tão marcante como é o momento em que construímos a nossa primeira casa.

## **Parte 2**

### **2.1 Estado da Arte**

Iniciar esta reflexão implicada no papel da materialidade é voltar um pouco mais atrás para pensar que, durante vários anos, o consumo foi uma dimensão negligenciada no seio da antropologia, apesar de igualmente esquecida noutras disciplinas como a sociologia, geografia ou história (Duarte 2010, 367). A emergência do interesse da antropologia pelo consumo deu-se na década de 70 com um conjunto de obras que adotaram uma perspetiva que deixava de estar centrada na produção de bens e serviços, para considerar a forma como estes são consumidos (Duarte 2010, 372). Abordarei, de seguida, algumas das obras e autores que marcaram esta nova perspetiva.

Douglas e Isherhood (1979) em *The World of Goods* analisam os bens na sua perspectiva simbólica e expressiva, sendo que grande parte do seu significado reside no facto de estes “transportarem e comunicarem significado cultural” (Duarte 2010, 372). Assim, os autores sugerem que os bens, tendo significados sociais, são necessários para dar visibilidade e estabilidade às categorias de cultura, sendo que parte da análise deve ser focada na sua função enquanto comunicadores (Douglas e Isherwood 1996 [1979], 38). Por outro lado, Pierre Bourdieu (1979), em *La distinction*, destaca “a centralidade das práticas de consumo e manifestações do gosto na criação e manutenção das relações sociais de dominação e submissão” (Duarte 2010, 373). O autor aponta a estrutura de consumo como “a chave para a reprodução das relações de classe e os objetos como jogando um papel fundamental na naturalização da ideologia” (id: 373). Assim, as diferenças de gosto permitem entender as diferenças entre os grupos sociais.

Os anos 80 consolidam a abordagem ao consumo na Antropologia. Nesta fase foram essenciais autores como Arjun Appadurai, Igor Kopytoff ou Daniel Miller. Appadurai (1986), em *The Social Life of Things*, desenvolve a ideia de que “as mercadorias, como as pessoas, têm uma vida social” (Appadurai 1986, 15). Neste ensaio o autor parte da visão de Simmel que reflete sobre a troca como meio para “estabelecer os parâmetros de utilidade e escassez” e como fonte de valor económico. Assim, a troca não é encarada como um “subproduto de valoração mútua de objetos, mas a sua fonte” (id: 16). Appadurai explora uma alternativa que considera as condições que marcam a circulação dos objetos económicos em diferentes “regimes de valor no tempo e no espaço”. Por exemplo, como o desejo, a procura, o sacrifício ou o poder podem interagir para, em determinadas situações sociais, criarem valor económico (id:16). Para o autor e, do ponto de vista antropológico, a abordagem de que as coisas não têm significado a não ser aquele que é inscrito pela ação humana, não elucida “sobre a circulação das coisas no mundo concreto e histórico”. Os significados das coisas estão, assim, inseridos nas suas formas, usos e trajetórias. Analisar estas trajetórias é, também, interpretar as trocas e as intervenções humanas que dão vida às coisas (id:17).

Kopytoff (1986), em *A Biografia Cultural das Coisas: a Mercantilização como processo*, é, a par de Appadurai, um autor relevante não apenas para observar os percursos dos objetos, mas, também, os momentos críticos que marcam as suas trajetórias específicas (Marta Rosales 2015, 241). O autor salienta como “as mercadorias devem ser não apenas produzidas materialmente como coisas, mas também culturalmente

sinalizadas como um determinado tipo de coisas” (Kopytoff 1986, 89). Existe, assim, uma “economia moral subjacente à economia objetiva das transações visíveis” (id: 89), que encara os objetos como “entidades culturalmente construídas, dotadas de significados culturalmente específicos e classificada e reclassificada em categorias culturalmente constituídas” (id: 94). O autor parte da abordagem biográfica habitualmente aplicada às pessoas e sociedade para propor que se desvendem, de um ponto de vista culturalmente informado, as biografias das coisas (id: 90). Como esclarece Appadurai, esta perspectiva da biografia cultural formulada por Kopytoff é apropriada a coisas específicas, enquanto passam por mãos, contextos e usos diferentes, acumulando assim uma biografia específica ou um conjunto de biografias (Appadurai 1986, 52). Para Kopytoff, analisar a biografia dos objetos pode ajudar a encontrar significados subtis das coisas que, de outra forma, não seriam identificados. Por exemplo, num contexto de contato cultural, permitiriam salientar a forma como os objetos são “culturalmente redefinidos e colocados em uso” (Kopytoff 1986, 93). No entanto, como salienta também Appadurai, quando se observam classes de objetos é pertinente ter em atenção as dinâmicas de larga escala que afetam essa mesma classe e que transcendem as biografias culturais específicas dos objetos particulares que a constituem (Appadurai 1986, 52). Kopytoff encara, ainda, a cultura como “a força que se opõe à torrente potencial de mercantilização (...) na medida em que a essência da cultura é a discriminação”, assegurando que algumas coisas permanecem singulares (Kopytoff 1986, 100). O autor salienta como as sociedades complexas têm um desejo de singularização, sendo que grande parte desse desejo é satisfeito individualmente e de uma forma particular, com base, por exemplo, na longevidade do relacionamento que assimila os objetos às pessoas de uma forma muito forte. No entanto, por vezes, esse desejo é alargado coletivamente à sociedade, também alcançado pela passagem do tempo, como é o caso de objetos que passam para a categoria de velharias, ganhando valor e passando a ser vantajoso colecioná-los (id:109). No contexto de sociedades complexas, “uma biografia rica de uma coisa é a história das suas várias singularizações, classificações e reclassificações num mundo incerto de categorias cuja importância se desloca com qualquer mudança do contexto” (id: 121).

Daniel Miller (1987), figura central na nova linha da antropologia de consumo, aborda em *Material Culture and Mass Consumption* a relação da sociedade com a cultura material. Nesta obra fornece uma teoria geral de consumo, contextualizando-o como objetificação da cultura e realçando o papel dos consumidores na “ressocialização de

mercadorias” (Duarte 2010, 376). Miller procura, assim, ultrapassar uma visão negativa associada ao crescimento da cultura material e compreender o papel dos bens na contemporaneidade. O autor constrói ainda o seu conceito de objetificação: “um processo dinâmico pelo qual um dado sujeito se desenvolve através da sua projeção num mundo externo e da subsequente reapropriação dessa projeção” (Duarte 2002, 368). A cultura material é, assim, olhada como uma externalização particular da sociedade industrial e o consumo de massa como o meio pelo qual a sociedade pode concretizar a reapropriação da cultura material (id:369). O autor não reduz os bens materiais a mercadorias substituíveis por outras. Os bens são mercadorias, mas, apenas, até ao momento em que são obtidos, comprados ou atribuídos: a partir daí, tornam-se bens particulares e a sua especificidade passa a estar relacionada com o seu utilizador, que recontextualiza o objeto, um trabalho que pode ser visto como uma construção cultural (Duarte 2010, 377). Também G. McCracken (1988), em *Culture and Consumption*, aborda a relação de dependência mútua da cultura e consumo que marca a Modernidade. Para o autor os bens de consumo têm significado cultural e os consumidores apropriam-se desse significado para “expressar categorias e princípios culturais, cultivar ideais, criar e sustentar estilos de vida, construir noções de si e criar mudanças sociais” (McCracken 1988, 1). O significado cultural que pode ser encontrado no mundo culturalmente constituído, no bem de consumo e no consumidor individual, é móvel e está constantemente em trânsito, movendo-se numa trajetória do mundo para o bem e do bem para o consumidor. Assim, o trânsito percorrido pelo significado dos bens no mundo cultural começa no “mundo culturalmente constituído”, é transferido para os bens por ferramentas como *designers*, publicitários ou jornalistas e, depois, através de rituais, para o consumidor que personaliza o significado dos objetos no seu próprio mundo, transpondo-o para novas configurações que passam a estar concentradas no próprio consumidor (McCracken 1986, 80)<sup>1</sup>. Segundo o autor, quatro tipos de rituais são usados para transferir significado do bem para o indivíduo: rituais de troca, que se referem, por exemplo, a trocas de presentes, que permitem que os indivíduos que oferecem algo a outro insinuem “certas propriedades simbólicas na vida do destinatário do presente e iniciem uma possível transferência de significado”(id:78); rituais de posse, em que os indivíduos não reclamam apenas a posse de determinados bens como, também, retiram dos objetos as qualidades que lhes foram

---

<sup>1</sup> Em McCracken, Grant. 1986. “Culture and Consumption: A Theoretical Account of the Structure and Movement of the Cultural Meaning of Consumer Goods”, *Journal of Consumer Research*, Vol. 13 (1), 71–84, artigo lançado antes da obra final *Culture and Consumption*.

atribuídas pelo *marketing*, movendo, assim, o significado cultural dos bens para as suas próprias vidas; cuidados do corpo, aos quais tipicamente os indivíduos recorrem quando, pela sua natureza precíval, é necessário um processo contínuo de transferência de significado dos bens para o consumidor (id: 79); e rituais de desinvestimento que procuram esvaziar bens de significado, por exemplo, quando o indivíduo adquire um bem que já foi detido antes e quer apagar o significado associado ao anterior dono ou, ainda, quando quer vender ou dar um bem seu e tenta apagar o significado que investiu nele (id:80).

Em *Artefacts and The Meaning Of Things*, Daniel Miller (1994) aborda, entre outros temas, a relação das coisas com o tempo. Para o autor a temporalidade é intrínseca aos objetos, no sentido em que há sempre um período de tempo entre o momento da criação do objeto e o momento em que este está a ser considerado. No entanto, esta dimensão do tempo pode ser completamente inconsequente para o objeto ou, pelo contrário, ser aquilo que confere significado ao objeto, como é o caso de uma herança (Miller 1994, 409). O autor aprofunda esta relação do tempo com o objeto a partir de três cenários de diferentes contextos culturais: um em que o artefacto ou o que este representa dura mais do que as pessoas e, por isso, torna-se o veículo pelo qual as pessoas podem transcender os seus próprios limites temporais; outro em que há alguma equivalência temporal entre as pessoas e os objetos; e, por fim, um em que os objetos são considerados efémeros em relação às pessoas (id:409). No primeiro cenário, o da longevidade, o autor reflete sobre ser inculcado desde cedo às crianças que devem tratar com respeito ícones da identidade, símbolos de longevidade da cultura e de continuidade intergeracional. Em muitos contextos, a pré-existência das coisas confere, simultaneamente, responsabilidade e identidade (id:410). No segundo cenário há correspondência temporal entre as pessoas e as coisas, no sentido em que os objetos representam estados particulares das pessoas num certo momento e uma mudança nos atributos materiais é indicador de mudanças nas pessoas (id: 411). Neste contexto, o autor procura entender como os artefactos se relacionam com o projeto cultural mais vasto do momento, e como é que alterações nos materiais podem ser olhados como um meio para investigar a mudança cultural (id:412). Já no terceiro cenário, o autor olha para a transitoriedade como uma propriedade potencial da relação das pessoas com as coisas, da mesma forma que a longevidade o é, sendo que os seus significados culturais têm variações. Miller reflete ainda sobre os contextos transitórios em que não se desenvolve uma relação duradoura ou afetiva com um objeto

em particular e como isso poderá estar relacionado com a busca de autonomia e independência (id:414).

Também a antropóloga Annette B. Weiner (1994), em *Cultural Difference and the density of objects*, parte da teoria da troca para refletir sobre as estratégias usadas pelas pessoas para manterem as coisas fora de troca, enquanto meio para aumentar o seu valor. Como construções culturais, alguns objetos tornam-se simbolicamente densos, ao ponto de circularem no mercado de forma muito lenta, por estarem retidos junto dos seus proprietários (Weiner 1994, 394). Para a autora, os objetos podem ser classificados de acordo com a sua densidade simbólica, podendo ser inalienáveis, ao serem mantidos dentro de um determinado contexto, ou noutro extremo, facilmente trocáveis ou substituídos. Estas diferenças nas densidades simbólicas dos objetos são muito variáveis, mesmo quando estes são fisicamente parecidos (id: 394).

Csikszentmihalyi e Halton (1981), em *The meaning of things. Domestic Symbols and the self*, ao pensarem o sentimento das pessoas pelos objetos domésticos refletem, entre muitas outras dimensões, sobre os objetos enquanto “símbolos que expressam qualidades do eu”, que são representativos “de status” ou “de integração social”. Relativamente à representação do “eu”, os autores destacam como em muitas culturas “os objetos são escolhidos para representar o poder do seu proprietário”. Assim, “o poder de afetar o outro é aquele que se expressa simbolicamente através dos objetos” (Csikszentmihalyi e Halton 1981, 26). Neste contexto, os autores convocam ainda Geertz (1966) que argumenta que “os símbolos podem ser, simultaneamente, *modelos da e modelos para a realidade*”, um impulso para refletir em como as pessoas “usam objetos simbólicos para expressar possibilidades vagamente entendidas de si próprios e servir como modelos para objetivos” (id:28). Por outro lado, uma outra forma de utilizar os objetos como meio para representar o “eu” é estes serem significativos do *status*. Os autores referem como este tipo de representação está presente em quase todas as culturas, embora o tipo de objetos, a forma como são utilizados ou o tipo de *status* comunicado, seja diverso (id:29). Há, assim, diferentes formatos para que um objeto seja considerado um símbolo de *status*, como a sua raridade, idade ou a forma como chama a atenção de pessoas com *status* (id:30). Adicionalmente, os objetos para além de contribuírem para que as pessoas se diferenciem umas das outras, também alimentam o propósito mais lato de se integrarem socialmente, através da atribuição de significado feita pelos outros (id:33). Neste contexto, Csikszentmihalyi e Halton evidenciam como uma das melhores

formas para criar ligações entre as pessoas é através dos presentes, numa relação clara com Mauss e o seu *Ensaio sobre a Dádiva*, que sustenta que quando um objeto é doado é criada uma obrigação do presente ser retribuído e, se essa retribuição acontecer, é criado um laço definitivo entre os envolvidos. Os autores salientam, ainda, como os presentes poderão ser presumivelmente necessários quando a relação entre as pessoas é problemática e são necessários estímulos constantes para validar a sua existência. No entanto, os objetos também poderão ser manipulados para alimentar uma relação que é, na realidade, falsa (id:37).

Octave Debary e Laurier Turgeon (2007), em *Objets et Mémoires*, reúnem um conjunto de reflexões sobre a relação das pessoas e da memória com os objetos. Os autores salientam como diversas investigações vão além de uma leitura simbólica dos objetos para os colocar no centro das relações sociais (Debary e Turgeon 2007, 2). Neste contexto, a partir da análise da relação das pessoas com as coisas ao longo da vida, onde estas últimas vão assumindo diferentes papéis, aos objetos é atribuído um estatuto praticamente similar ao das pessoas no que diz respeito à sua capacidade de “construir mundo”. Estes trabalhos destacam, ainda, como “uma parte da história humana lhes é delegada”, constituindo-os como reservatórios de memória familiar, mas também de identidade ou património (id:2). Também a Modernidade, as suas práticas de memória e o consumo de massa começaram a exigir cada vez mais dos objetos, impulsionando o desejo das pessoas por estes e “pelos memórias que eles transmitem” (id:3). No contexto académico existiram igualmente mudanças ao entendimento dos objetos que foram sendo tratados de diferentes formas: primeiro enquanto testemunhos históricos, como fontes documentais do passado; mais tarde como portadores de sentido e, depois, como tendo funções sociais, realçando não só como as pessoas constroem objetos, mas também como estes têm um papel no mundo social (id:3-4). Bruno Latour, antropólogo cujo trabalho integra a obra *Objets et Mémoires*, utiliza a noção de “quadro” no sentido de “uma materialidade que delimita a ação” (Filomena Silvano 2017, 66) e a partir da perspetiva inicialmente proposta por Erving Goffman (1974) que entendia este conceito como representativo das “definições culturalmente determinadas da realidade que permitem que as pessoas atribuam sentido a objetos e eventos” (Shaw 2007). Segundo o autor, no contexto de uma interação social entre duas pessoas “é somente isolando-o com um ‘quadro’ que o agente pode interagir com outro agente, face a face, deixando o resto da sua história e demais parceiros fora desse ‘quadro’” (Latour 2007, 39). Num contexto

doméstico, por exemplo, pode dizer-se que constituem o “quadro” as coisas materiais que enquadram a vida quotidiana e que são construtoras de cada pessoa, muitas vezes sem se ter efetiva consciência. Janet Hoskins (2007), cujo trabalho é também parte da obra *Objets et Mémoires*, reflete sobre a ligação entre o poder de ação dos objetos e o seu valor biográfico. A autora parte do trabalho de Alfred Gell (1998) que, ao olhar para os objetos de arte como marcados por um quadro de ação e intencionalidade, tenta compreender todos os tipos de objetos. Hoskins reflete, também, sobre dois tipos de relação entre pessoas e objetos: a “inscrição biográfica”, que decorre quando um objeto está ligado à vida de uma pessoa, e a “reflexividade biográfica”, uma “relação que está na origem do poder mágico dos objetos e do que chamo a sua complexidade visual”. Essa “magia” que a autora refere reside, segundo o próprio, no efeito que o objeto tem na perceção das pessoas, sendo que a sua eficácia depende da sua interpretação social (Hoskins 2007, 148).

Estando este trabalho centrado na casa, importa convocar também para aqui os contributos de autores que pensam o contexto doméstico. No que diz respeito ao conceito de casa, o seu significado mais generalizado surge lado a lado com uma ligação emocional forte com um espaço, independentemente da sua escala (um quarto, uma residência, uma rua ou país) e a sua materialidade. Por outro lado, habitualmente, a definição também contempla a ligação emocional que existe em relação aos indivíduos ligados a esse mesmo espaço. Na perspetiva antropológica, destaca-se como este conceito de casa é central nas sociedades ocidentais e é fruto de uma oposição emocional, social e espacial histórica, entre os domínios do trabalho e da vida pessoal, uma resposta à industrialização e à conseqüente construção de zonas urbanas (Cieraad 2018, 1). É, aliás, da separação entre estas duas dimensões que, na segunda metade do século XX, cresce dentro da Antropologia o interesse pela casa enquanto objeto de pesquisa. Como identifica Cieraad (2018), o conceito e entendimento da casa como modelo ou reflexo de uma cultura foi introduzido na Antropologia nos anos 60, inicialmente relacionado com a organização espacial e demarcações dentro da casa, pela mão de autores como Claude Lévi-Strauss, com os conceitos “Maison” e “Société à Maisons”, e Pierre Bourdieu (1970), com *La Maison Kabyle ou Le Monde Renversé*. Também Marta Rosales (2015) salienta como a Antropologia começou por se dedicar a estudar a casa “exótica” e distante, que encarava o conceito de casa como uma “entidade socialmente construída, fundamental ao entendimento de muitas das práticas que compõem e estruturam os quotidianos” (Rosales

2015, 131). A autora refere, ainda, a visão de vários autores<sup>2</sup> sobre a necessidade de contrariar o aparente desinteresse e pouca visibilidade que a Antropologia dá ao espaço doméstico, por oposição à atenção dada ao espaço público no contexto ocidental. Contornar esta visão é, também, reorganizar a forma como se olha para o conceito de casa: por um lado, atribuir às práticas que decorrem no interior do espaço doméstico um estatuto equivalente às práticas que acontecem no espaço público, valorizando as primeiras; por outro lado, entendendo a casa como “uma forma específica de organização social” que não só acolhe um conjunto de práticas sociais, como também as condiciona (Rosales 2015, 47).

Lévi-Strauss, o primeiro contributo relevante para a redefinição da ideia de casa, estabelece no seu trabalho uma comparação que permite encontrar semelhanças entre as casas nobres da Europa Medieval e duas sociedades nativas norte americanas, Kwakiutl e Yurok, estudadas por Boas e Kroeber, procurando, assim, ultrapassar a dicotomia existente entre as sociedades ocidentais e as então ditas “tradicionais”. Nos dois casos, as casas são descritas como “estabelecimentos perpétuos, nomeados a partir da sua localização, decorações ou funções cerimoniais, que são usados pelos seus proprietários (Lévi-Strauss 1979; 1991 em Rosales 2015, 53). As semelhanças alargam-se também a um conjunto de outras dimensões teóricas evidenciadas por Rosales como “a casa, enquanto coletivo perdura no tempo, sendo a sua continuidade assegurada através de sucessão e reposição dos seus recursos humanos”; a casa, enquanto instituição social, permite aproximar e fundir um conjunto de conceitos que antes eram pensados como estando correlacionados ou mesmo afastados; Já a *Société à Maisons* está a meio caminho entre as estruturas sociais baseadas no parentesco e as baseadas na classe (Rosales 2015, 53). Algumas críticas a esta obra foram, entretanto, ultrapassadas por outros autores, como a pouca atenção dispensada à casa enquanto entidade física e ao seu entendimento como uma estrutura estática. Por oposição, trabalha-se depois o entendimento da casa como um espaço dinâmico, em movimento, da mesma forma que se entende quem nela habita (Rosales 2015, 54). A afirmação desta natureza processual da casa, relaciona-se com Pierre Bourdieu (1970) e a sua *La Maison Kabyle ou Le Monde Renversé*. Nesta obra a casa ocupa o lugar metafórico da organização do universo simbólico e social dos

---

<sup>2</sup> Marta Rosales refere autores como Birdwell-Phesant e Lawrence-Zuniga, 1999; Carsten e Hugh-Jones, 1996; Cieraad, 1999; Jackson e Moores, 1995; Mackay, 1997; Miller, 2001; Short, 1999; Silverstone, Hirsch e Morley 1994.

Berberes. A casa está, assim, organizada a partir de um conjunto de relações de oposição que se expressam simbolicamente atribuindo à mulher a parte de baixo da casa, “escura e noturna” e ao homem a parte alta, “luminosa e nobre”. Como o autor revela: “A parte baixa e obscura opõe-se à parte alta, como o masculino ao feminino: além do que, a divisão do trabalho entre os sexos (fundamentada sobre o mesmo princípio de divisão que a organização do espaço) confia à mulher o encargo da maioria dos objetos que pertence à parte escura da casa (...)”. Assim, a oposição entre estas duas zonas da casa reproduz a oposição que existe na sociedade, numa perspectiva mais lata, entre o lugar atribuído à mulher, o espaço fechado, e o espaço dos relacionamentos sociais, atribuído ao homem (Bourdieu 1970, 149). Este trabalho de Bourdieu, como sugere Rosales, é um contributo relevante e demonstra “(...) a relevância da cultura material e das dimensões físicas da casa nos processos de expressão e reproduções sociais da ordem cultural vigente” (Rosales 2015, 138). A casa parece, assim, potenciar que se agreguem imaterialidades que antes estavam dispersas. No entanto, a arquitetura e os objetos que a preenchem são também relevantes para se compreender este espaço como unidade social: “A relação entre o edifício e o grupo que o habita é multifacetada e contextualmente determinada. O papel da casa enquanto idioma cultural complexo, instrumento de naturalização das hierarquias sociais ou fonte de poder não pode ser observado independentemente das suas dimensões físicas” (id:138-139).

Mais tarde, com a contribuição de autores como Mary Douglas, as abordagens à casa tornam-se mais centradas no comportamento, nos rituais e domínios simbólicos dentro ou em redor desta (id:2), abordando o significado pessoal da casa. Mary Douglas (1991), em *The Idea of a Home: A Kind of Space*, reflete sobre a casa como uma ideia localizada no espaço, embora não necessariamente num espaço fixo. É, também, uma estrutura no tempo e, em função das pessoas que nela vivem, tem uma dimensão estética e moral também associada (Douglas 1991, 289). A autora refere-se, ainda, à casa como um cruzamento de convenções, de direitos e deveres, e convoca o conceito de “dádiva” de Marcel Mauss para esta reflexão. Neste contexto, todas as transferências fazem parte de um sistema de trocas entre aqueles que compõem a casa (id:302). Foi, aliás, em 1980 que, através da ligação entre as perspetivas simbólicas tradicionais e feministas da Antropologia, se começa a transitar do termo “house”, para “home”, um conceito que traz

consigo uma conotação mais emocional.<sup>3</sup> O entendimento cultural da casa, como sinaliza Cieraad, “foi moldado pela história da classe média e ideologia de género” (Cieraad 2018, 6), quando os trabalhadores rurais se deslocaram para as cidades em busca de trabalho, em números crescentes, o que no contexto das cidades inglesas veio provocar tensões sociais. Esta agitação social, que deu origem a uma separação espacial entre o trabalho e a casa, promoveu o crescimento dos subúrbios para onde a classe média se deslocou e estabeleceu as suas casas. Como sinaliza a investigadora, pode-se olhar para o subúrbio como o espaço que marca o nascimento do significado cultural da casa, no sentido em que este simbolicamente correspondia, em contraponto ao centro da cidade, a uma zona segura para as famílias da classe média que, aqui, estavam afastadas das revoltas que por lá se faziam sentir. No seguimento deste contexto, formalizaram-se uma série de oposições, tanto entre os domínios da casa e trabalho, como nos domínios económicos (a cidade ligada a atividades lucrativas e a casa a não lucrativas, com a mulher a ser identificada como a figura da cuidadora) ou de comportamento (id:5). No século XX, o entendimento cultural da casa sai reforçado quando as casas dos trabalhadores foram melhoradas e reformuladas, tendo como referência as casas e ideologias das classes médias, uma forma de amenizar o espírito revolucionário dos primeiros (id:6).

Ainda no que diz respeito ao entendimento da casa como um processo, já mais tarde, também Alison J. Clarke (2001) trabalha sobre a ênfase dada à decoração da casa enquanto prática e como a sua relação com dimensões como a classe, o género ou a etnicidade está relacionada com a construção de ideais no mundo atual. No entanto, não considera apenas o impacto que estas e outras dimensões externas têm em casa, mas, sim, “a casa enquanto processo em oposição a um ato de expressão individual onde as trajetórias de passado e futuro (inseparáveis de abstrações externas como a classe) são negociadas pela fantasia e ação, projeção e interiorização” (Clarke 2001, 25). As transformações ou mudanças de casa estudadas pela autora estão inseridas num contexto de aspiração social, ambição e projeção de um ideal de relações sociais. Segundo a mesma, as narrativas históricas e futuras reveladas através de práticas de decoração, enfatizam a ideia da casa enquanto processo (Clarke 2001, 32).

---

<sup>3</sup> Em português, tal como Marta Rosales sinaliza, não é tão claro encontrar um termo que seja equivalente ao termo “home” do inglês (Rosales 2015, 48). Nesse sentido, partindo das razões apresentadas pela autora, opto pela utilização do termo “casa”, aquele que parece ser o mais certo para enquadrar tanto o que se reproduz com o conceito “house”, como “home”. Para mais detalhe ver Rosales, Marta V. 2015. *As coisas da casa: cultura material, migrações e memórias familiares*. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais

Tony Chapman (2001), em *There's no Place Like Home*, reflete a partir de uma breve revisão bibliográfica de obras que têm a casa como foco de análise, sobre como esta, apesar de ser um espaço tão familiar, é difícil de ser definida, já que é maioritariamente conceptualizada no abstrato, quer por cientistas sociais quer pelas pessoas no seu dia-a-dia, sendo que estas visões afetam as expectativas e as experiências sociais em relação a este lugar. No fundo, as pessoas constroem a sua própria imagem deste espaço, tanto na sua memória, como na sua imaginação (Chapman 2001, 144). Chapman salienta, também, como embora exista aparentemente um imaginário da casa como um espaço que é permanente, seguro e privado, a sua experiência é marcada regularmente por contextos de mudança. A saída dos jovens de casa dos pais, quando os idosos deixam as suas casas para viverem noutros locais, o casamento, nascimento de filhos ou separações, mas, também, catástrofes naturais, crises económicas ou migração forçada, são exemplos de fenómenos que trazem mudança a este espaço (id:136).

Uma das obras referidas por Chapman é *House Life – Space, Place and Family in Europe* de Birdwell-Pheasant e Lawrence-Zuniga (1999), onde as autoras reúnem um conjunto de estudos de caso sobre a casa e dinâmicas familiares na Europa, com especial enfoque para como o espaço e o tempo podem contribuir para analisar a forma como as pessoas interagem com a fisicalidade do mundo que as rodeia e que significados culturais e simbólicos podem ser retirados dessa relação. Na introdução da obra, Birdwell-Pheasant e Lawrence-Zuniga começam por pensar a relação da casa com a Antropologia e em como, genericamente, os antropólogos tendiam a olhar para a casa como “um pano de fundo (...) onde presumivelmente aspetos mais interessantes e importantes do drama da vida social e cultural se desenrolam” (Birdwell-Pheasant e Lawrence-Zuniga 1999, 1). Segundo as autoras, Henry Morgan (1881), em *Houses and House-life of the American Aborigines*, terá sido um dos primeiros antropólogos que refletiu sobre o papel da casa na organização social doméstica. Também o surgimento de novos focos de análise nas ciências sociais para além da família, como são exemplos o agregado familiar ou outros graus de parentesco, ajudaram a enfatizar a necessidade de um entendimento mais profundo da casa na análise antropológica (id:2). Birdwell-Pheasant e Lawrence-Zuniga consideram, por exemplo, que, apesar de alguns antropólogos colocarem os conceitos de

unidade doméstica<sup>4</sup> e família em oposição<sup>5</sup>, estes conceitos antropológicos não são domínios separados de discurso. Para as autoras os dois conceitos constituem-se mutuamente e a casa serve, muitas vezes, como um elemento mediador (id:2-3):

“Tanto os lares quanto as famílias usam as casas mais do que como cenários para “atividades de produção e distribuição” (Wilk 1984: 224) ou como bens de consumo (Wilk 1990). São também mecanismos de comunicação (Blanton 1994), que canalizam e regulam a interação social entre os membros da família e entre famílias separadas (Segalen 1983). As casas são tanto construções culturais quanto formas construídas. A casa define um lugar que “pertence” a um determinado conjunto de pessoas e também define, por meio da coresidência e do uso compartilhado, o conjunto de pessoas que “pertence” a um determinado lugar.” Birdwell-Pheasant e Lawrence-Zuniga 1999, 3-4

Estando esta obra focada em estudos de caso do contexto europeu, as autoras salientam, também, como os conceitos de casa, no sentido do inglês “house” e “home”, família ou unidade doméstica,<sup>6</sup> derivam da cultura europeia e estão embebidos das suas tradições culturais e históricas (id:5). Por exemplo, casa, no sentido do inglês “house”, nasce a partir de termos do inglês antigo que significam esconder e, mesmo os conceitos atuais usados em alternativa estão relacionados com a noção de parar e ficar num lugar ou do regresso habitual a um espaço, revelando um lado mais frágil dos moradores. Já expressões como “domicílio” vão buscar a sua origem a termos como “domesticação” ou “dominação”, uma construção mediterrânea da casa como um símbolo de poder e propriedade. Também os termos casa, no sentido do inglês “house” e “home”, como sugere Rykwert (1991), citado pelas autoras, descrevem construções culturais distintas. Enquanto casa no sentido de “house” implica uma estrutura física, casa no sentido de “home” define um lugar em vez de um espaço, de origem ou retiro, implicando ligações emocionais e significados (id:6). As autoras refletem, ainda, sobre como pensar as casas e as famílias como mutuamente constitutivas é pensar também questões de agência. Se,

---

<sup>4</sup> Tradução do original “household”

<sup>5</sup> Como referem Birdwell-Pheasant e Lawrence-Zuniga, estando ambos os conceitos definidos culturalmente, o primeiro refere-se, sobretudo, às unidades residenciais orientadas para tarefas e o segundo a grupos de parentesco que não precisam de ser localizados no espaço (id:2-3)

<sup>6</sup> Tradução do inglês “household”

por um lado, os indivíduos têm a sua agência pessoal que, nestes contextos, pode ser comprometida, por outro lado deve ser considerada a agência da própria casa que condiciona o dia-a-dia dos indivíduos (id:8). Neste sentido, o conceito de agência de Gell, atribuído “às pessoas e coisas que são vistas como iniciadoras de sequências causais de um determinado tipo (...). Um agente é a causa, a origem dos eventos causais (...)” (Gell 1998, 16), pode ser alargado por analogia às dimensões materiais da casa, tema que irei aprofundar mais à frente. Daniel Miller, aliás, no seguimento da proposta de Gell, vai além da literatura que se refere as questões de agencialidade dos indivíduos sobre a casa para examinar o que a casa faz com os indivíduos, a agência da casa em si, como se conceptualiza e manifesta (Miller 2001, 4). Também o conceito de *habitus* de Bourdieu (1979), um “sistema de predisposições inculcadas pelas circunstâncias materiais da vida e pela educação familiar” (1979: 118, citado em Birdwell-Pheasant e Lawrence-Zuniga 1999, 8) é refletido neste contexto pela forma como condiciona a materialidade da vida em casa e contribui para a reprodução dos contextos familiares, biológicos, sociais, morais ou económicos (id:8). Como salientam as autoras, as casas são codificadas com significados práticos, como a existência de espaço para atividades do dia-a-dia (comer, dormir, entre outros), mas, também, com significados simbólicos complexos que expressam dimensões como a identidade ou o *status* e que, em conjunto com as dinâmicas práticas, atribuem à casa “o poder de comunicar, representar, influenciar e ensinar” (id:9). As autoras salientam ainda como no período pré-moderno na Europa as casas eram de uma forma global construídas para durar, inclusivamente albergando durante várias gerações a mesma família. Esse investimento em casa, pensado para o longo prazo, terá implicação na ligação emocional dos membros da família com a casa. Já na última metade do século XX, o olhar cada vez mais mercantilizado sobre a casa na Europa começa a alterar a relação e o significado que esta tem para quem a habita, mas, também, espelha uma mudança mais ampla no significado da casa (id:12).

No que diz respeito à relação do espaço doméstico com a cultura material, como identifica Marta Rosales (2015) em *As coisas da casa. Cultura material, migrações e memórias familiares*, a literatura em torno da relação do espaço doméstico com as práticas de consumo assenta, sobretudo, em dois argumentos distintos: um que salienta a importância do espaço doméstico para contextualizar as práticas de consumo - a casa é central para as estratégias de práticas de consumo e apropriação das coisas que a compõem; e, um segundo, que se foca na família, unidade doméstica e a casa, revelando

como a materialidade é importante para a constituição dos espaços domésticos mas, também, para compreender “relacionamentos, práticas e identidades dos elementos que as integram” (Rosales 2015, 46). Refletir sobre como e de que forma a fisicalidade da casa se envolve na estruturação das práticas domésticas é pensar que não só as casas, mas, todos os objetos, podem participar na vida da casa. Com esta ideia relaciona-se o conceito de agência de Gell, atribuído às pessoas ou coisas, mas que pode ser alargado por analogia às dimensões materiais da casa, como já referido. Como indica Rosales, Gell sinaliza que as casas, enquanto artefactos, têm características próprias que surgem organicamente da sua capacidade para reunir, dividir, se reestruturar e reorganizar (Rosales 2015, 61). Também Rosales (2010) salienta como os objetos e as práticas de consumo têm um papel relevante na “estruturação e apropriação dos espaços domésticos, bem como na produção, consolidação e negociação das interações que ocorrem em casa”. A casa é, assim, um espaço que deve ser observado quando se estuda “a mútua e complexa relação entre as pessoas e as coisas” (Rosales 2010, 512).

Daniel Miller (2001), em *Home Possessions. Material Culture Behind Closed Doors*, pretende mostrar como a casa é o “mais importante espaço para o estudo da cultura material” (Miller 2001, 3). Nela o autor reúne um conjunto de estudos de caso que resultam de etnografias realizadas em contextos domésticos, onde se procurou observar os processos em que a casa e os seus habitantes se influenciam e “transformam mutuamente” (id:2). Miller sinaliza também como nos anos 80 e 90, com o surgimento de estudos que se concentraram, sobretudo, na domesticidade e na casa, esta passou a ser olhada não apenas como um “pano de fundo ou reservatório de um *habitus* quase inconsciente” mas, sim, como uma forma de expressão e um meio para que as pessoas trabalhem as suas ideologias (id:10). No entanto, foram surgindo constrangimentos ao entendimento exclusivo da casa como uma forma de expressão e passou também a ser relevante considerar a influência que o legado histórico das casas, nomeadamente presenças anteriores e a sua cultura material têm nas pessoas:

“Se a casa é aceite como algo que reflete o longo prazo ou um conjunto de processos históricos, então qualquer ocupante atual tem que lidar não apenas com a agência dos ocupantes anteriores, mas cada vez mais com a própria casa como agente.” (id:10)

Assim, o estudo da casa deve ter em consideração outras dimensões para além do seu entendimento como “uma entidade expressiva da identidade pessoal” (Rosales 2015, 56), por exemplo, a ligação e mútua influência entre a esfera privada e pública. Miller salienta como esta não é uma dicotomia simples e como dentro de casa existem relações complexas, com a agência pessoal dos indivíduos a entrar em conflito e a ser repetidamente negociada com a agência da família ou da unidade doméstica (Miller 2001, 4). Assim, a casa não deve ser olhada como um espaço livre, em que as pessoas se podem expressar sem constrangimentos, visto que os diferentes relacionamentos que coexistem na casa interferem nas ações pessoais (Rosales 2015, 56). Miller reflete, ainda, sobre o papel da casa no desenvolvimento e reprodução de relações sociais. A relação entre as pessoas e a casa é mediada, na maioria das sociedades, por uma terceira categoria social, a unidade doméstica<sup>7</sup>, que implica a própria casa, atribuindo “algum peso à fisicalidade do lar na constituição das relações sociais” (Miller 2001, 12):

“Uma vez que se reconheça o grau em que a própria casa é tanto um local de agência quanto um local de mobilidade, em vez de simplesmente um tipo de sistema simbólico que atua como pano de fundo ou plano para prática e agência, então as recompensas desse foco na cultura material na tentativa de compreender as relações sociais que pertencem ao lar tornam-se aparentes.” (id:12)

David S. Kirk and Abigail Sellen (2010), em *On Human Remains: Values and Practice in the Home Archiving of Cherished Objects*, refletem sobre os objetos que as pessoas escolhem guardar em casa, como são guardados e quais os valores por detrás dessas práticas de arquivamento. Kirk e Sellen sugerem que as decisões que estão por detrás do arquivo de objetos em casa, mas, também, da sua exibição e acessibilidade, são negociadas e não tomadas de forma isolada (Kirk e Sellen 2010, 10:3). Neste sentido, os artefactos da casa não são resultado apenas de reflexões individuais, mas, sim, de um ecossistema familiar mais complexo (Hendon 2000, citado por Kirk e Sellen 2010, 10:3). Para os autores, “(...) o que as práticas de arquivamento familiar realmente revelam é a estrutura social do lar. E o que é importante nas práticas de arquivamento familiar são as maneiras pelas quais essas práticas moldam e, por sua vez, são moldadas pelas relações

---

<sup>7</sup> Tradução do inglês “household”

entre os membros da família.” (id:10:7). Neste trabalho, os autores traçam uma distinção entre os objetos que estão simplesmente acumulados em casa e aqueles que pelo seu valor sentimental são intencionalmente guardados (id:10:9), sendo que muitos desses objetos ganham valor sentimental por simbolizarem “lugares, tempos, coisas, pessoas e experiências importantes” (id:10:10). A partir da sua investigação, Kirk e Sellen sugerem seis razões pelas quais as pessoas guardam objetos em casa e, neste contexto, revelam como para além dos objetos serem repositórios de memórias, estes têm também um importante contributo para o presente e um papel relevante na relação entre os vários membros da família, nomeadamente na demonstração de afetos ou na criação de ligações partilhadas ao passado. Neste contexto, uma das razões apontadas é a vontade dos indivíduos expressarem a sua identidade, de forma privada e individual ou pública, quando utilizam os objetos para se projetarem neles (id:10:17). Também a vontade de honrar quem é mais próximo, quer seja família ou amigos, é apontada como razão para se guardar objetos em casa. Nalguns contextos o *status* dos objetos é elevado para ter impacto em quem vive dentro e fora de casa, promovendo a constituição e manutenção de um conjunto de relações sociais dentro e fora da família (id:10:19). A ligação que os objetos podem estabelecer com o passado e, nesse sentido, com pessoas, eventos ou lugares importantes, é mais uma motivação para que estes sejam guardados num contexto doméstico. Inclusivamente, os objetos podem ser usados para criar, dentro da família, um sentimento de um passado que é partilhado entre todos, embora por vezes esta abordagem também seja feita de forma individual (id:10:20). Também, nalguns contextos, o arquivo de objetos em casa procura ser representativo da organização social da casa e da família, impulsionando a projeção pública da sua imagem, por exemplo, a visitas (10:23). Por outro lado, a motivação para arquivar bens pode estar relacionada com um sentido de missão, em que os objetos são guardados pela vontade de que sejam preservados para a família, alguém que lhes é querido ou, no limite, ninguém em particular (id:10:25). Também há casos de objetos que são guardados para serem esquecidos, não para serem protegidos *per se*, mas para que os seus proprietários sejam protegidos destes (id:10:27-28).

Em *Dismantling Mantelpieces: Narrating Identities and Materializing Culture in the Home*, Rachel Hurdley (2006) reflete sobre a construção de narrativas à volta de objetos domésticos, especificamente com foco naqueles que estão expostos em lareiras em casa. Segundo a autora, a gestão dos objetos que são exibidos em casa pode ser

encarada enquanto “*performance* para os outros”, mas, também, como um impulso para que as pessoas negociem a sua identidade no âmbito das suas relações (Hurdley 2006, 718). Quando aborda as narrativas em torno dos objetos, Hurdley realça como os artefactos em exibição, embora se mantenham materialmente os mesmos, dão muitas vezes origem a narrativas diferentes a si associadas, em função daquela que é a identidade que o seu proprietário quer invocar num determinado momento (id:721). Adicionalmente, também o contexto doméstico contagia o significado dos objetos nele presentes que, por sua vez, atribui também à casa o seu significado (id:723). Partindo do caso de uma estátua de duas figuras humanas masculina e feminina abraçadas, oferecida a uma das entrevistadas pelas suas filhas e que, por esse contexto, tem um significado moral especial, Hurdley reflete sobre como o significado simbólico dos objetos varia em função do contexto em que este está inserido e como o contexto doméstico parece abrir espaço a determinadas “exibições do inusitado”, uma vez que este surge enquadrado em “limites convencionais do lar, família, segurança, entre outros” (id:723). O mesmo objeto, neste caso a estátua, noutro local qualquer poderia ter uma leitura radicalmente distinta: “a sensualidade aceitável poderia ser vista como erotismo ou mesmo pornografia” (id:723). A autora realça, por fim, como as pessoas, enquanto seres sociais e ao contarem histórias sobre os objetos que têm em casa, estão também a contar histórias sobre si mesmas, dando conta das suas identidades que, de outra forma, poderiam não estar presentes de forma óbvia (id:729).

Pensar a relação dos objetos e da casa é, ainda, refletir sobre como as pessoas constroem o significado de casa. Rosales salienta como os objetos e o consumo são relevantes na transformação de uma “casa anónima” para uma “casa com significado”, que se revela em diferentes contextos, desde os hábitos familiares, às práticas domésticas, à alimentação ou mesmo à decoração (Rosales 2010, 518). Partindo do entendimento da casa enquanto processo, uma visão que segundo a autora permite olhar para o tempo presente com dinamismo, a casa pode ser compreendida como “uma entidade que congrega memória e pertença, ideais e afetividade, espaço e tempo, local e global, avaliações negativas e positivas” (Rosales 2015, 64). Adicionalmente, a casa ao ser constituída por diferentes materiais embebidos em significado, da mobília, aos objetos decorativos, à própria estrutura física da casa, pode ser encarada como “um testemunho material que alberga simultaneamente memórias de tempos passados e expectativas em relação ao presente e ao futuro.” (Rosales 2015, 64).

O significado que os indivíduos atribuem à casa é realçado pelo confronto com contextos opostos, como os de trabalho, no caso dos adultos ou da escola no que diz respeito às crianças. Segundo Cieraad (2018), a casa ganha significado no tempo em que se está longe desta. Quando esse contrário ou distância não existe, por exemplo, no caso de indivíduos desempregados ou quando a dimensão trabalho se funde com a casa, o significado desta é alterado. Aquele que seria um espaço de prazer e relaxamento, pode passar, pelo contrário, a ser um espaço que aprisiona (Cieraad 2018, 6). Adicionalmente, também a idade e a biografia das pessoas têm implicação no significado que estas atribuem à casa. Pode, assim, dizer-se que este significado não está fixo nem no tempo nem no espaço, mas sim que, em função da evolução da vida dos indivíduos, se vai redefinindo. Como refere a autora, no caso das crianças, para além da importância que a materialidade pode ter, nomeadamente os brinquedos, também a dimensão de convívio da casa, onde estão os pais, é central na forma como estas constroem o seu significado em relação a este espaço. Já os jovens adolescentes ancoram a ideia de casa, tipicamente, no seu quarto, na privacidade que lhes traz e nos amigos. Por outro lado, no caso dos adultos, para além do interior da casa, também outras escalas são centrais para o seu entendimento, como o bairro onde se vive, a cidade ou o país (id:7). Estas perceções vão, como já referido, sendo alteradas conforme as fases de vida. Por exemplo, os jovens adultos, quando saem de casa da sua família, começam um trajeto de redefinição do conceito de casa num novo local. A materialidade é relevante nesta mudança, na criação do seu próprio espaço, mas também é a privacidade ou, mais tarde, quando constroem a sua própria família, a vizinhança. A casa de infância, segundo a autora, mantém-se como uma referência, quer a experiência nela tenha sido positiva ou negativa, condicionando os significados atribuídos à casa numa fase posterior da vida. Também as práticas do quotidiano e os rituais, fundamentais na infância na construção de afetos e sentidos em casa, são relevantes para manter ativos os significados pessoais da casa (id:7).

Shelley Mallett, em *Understanding Home: a critical review* (2004), faz uma revisão da literatura dedicada ao significado e experiência de casa. Convoco para aqui alguns autores e visões, embora de forma breve. No que diz respeito, por exemplo, às questões de memória e à sua relação com casa, há autores que salientam como esta última tem a capacidade de reunir memórias, ideais, dimensões afetivas, mas, também, físicas; de serem permeáveis a questões globais e locais; ao positivo ou ao negativo (Rapport e Dawson, 1998 em Mallett, 2004). Por outro lado, a casa e a permanência das pessoas

naquelas por onde passam, são sugeridas como relevantes para a sua compreensão do significado de casa e para a respetiva visão de “casa ideal” (Perkins e Thorns, 2000; Giuliani, 1991 em Mallett, 2004). Também a relação de casa com família tem sido amplamente trabalhada por vários autores, embora esta relação e o conceito de família sejam, igualmente, amplamente contestados. O termo casa, muitas vezes, surge ligado à família de nascença ou de origem (Crow, 1989; Oakley, 1976; Bernardes, 1987 em Mallett, 2004), à casa onde se viveu depois de nascer, mas, também, às vivências e relações familiares relacionados com esse local. Relativamente à casa onde se nasceu, Bachelard (1969) considera-a como “o primeiro universo”, aquele que promove um sentido de estabilidade. Para outros (Jackson, 1995 em Mallett, 2004), a casa de nascença é aquela que fica fisicamente inscrita nos indivíduos. Esta visão euro centrista é criticada, no entanto, por autores que olham para estes imaginários como fruto de uma construção de ideais patriarcais (Mallett 2004, 74). No que diz respeito ao entendimento da experiência de “estar em casa”, a revisão feita por Mallett evidencia diferentes perspetivas: autores mais interessados em perceber a relação entre o indivíduo e a produção intencional do objeto casa (Somerville 1997); outros que se dedicam aos processos dinâmicos que transformam o espaço físico de uma “unidade habitacional numa casa no contexto da vida quotidiana” (Despres, 1991; Dovey, 1985; Korosec-Serfaty, 1985 em Mallett 2004); a dimensão emocional é, também, evidenciada por autores como Gurney (1997) que argumenta que a casa é uma construção ideológica que se forma a partir das experiências de vida das pessoas. Neste contexto, a emoção – o amor, intimidade, família, depressão, entre outros - é relevante para a construção do significado de casa (Mallett 2004, 81). Também Berger (1984) evidencia como em contextos de migração, exílio, turismo ou outros, o conceito de casa pode ser criado não a partir de uma estrutura física, mas a partir de um conjunto de práticas, formas de vestir, memórias, mitos, entre outros (citado em Elia Petridou 2001, 88). Já Kenyon (1999) salienta como jovens estudantes identificam como um elemento fundamental do entendimento da casa, sobretudo, a dos pais, o direito a voltar e a noção de continuidade a isso associada (citado em Elia Petridou 2001, 88). Como sugere Petridou: “A viagem, ela própria simbólica da aventura que leva ao desenvolvimento do eu, é constitutiva do sentido de casa. Não pode haver um lar sem uma jornada, tanto quanto não pode haver um eu sem um ‘outro’” (Petridou 2001, 88).

Mihaly Csikszentmihalyi e Eugene Halton (1981), em *The Meaning of Things - Domestic symbols and the self*, analisaram cerca de 300 pessoas de 82 famílias de uma zona urbana de Chicago para tentar compreender quais os seus sentimentos sobre os objetos que têm em casa e o seu papel na definição do que as pessoas são, foram ou querem ser. Os autores salientam que é possível argumentar que a casa contém os objetos mais especiais, que foram selecionados pelas pessoas para estarem próximos de si de forma regular, presentes na vida íntima e que, por consequência, estão envolvidos na formação da sua identidade. Os objetos domésticos constituem um conjunto de significados que refletem e moldam as pessoas que os detêm e, da mesma forma que são escolhidos, podem ser dispensados se forem causadores de conflitos (Csikszentmihalyi e Halton 1981, 17). Os autores destacam, também, como os objetos projetam significados, independentemente da sua principal função ser, efetivamente, representar algo simbólico como é a religião, conquistas pessoais ou relações, ou serem objetos cujo propósito é o de ter funções práticas, como é o caso de um móvel. Neste sentido, mesmo os objetos com propósitos utilitários operam dentro de um quadro simbólico cultural (id:20) e servem, por exemplo, para relacionar as pessoas com um determinado hábito ou forma de estar, enquanto símbolos representativos de um modo de vida. Também quando um objeto tem um significado para alguém, tipicamente, este é interpretado no contexto de experiências passadas, quer de forma consciente, quer inconsciente enquanto hábito (id:21). Os autores refletem sobre como a casa é mais do que um simples “abrigo”, mas sim um universo onde as pessoas criam um ambiente material representativo do que consideram significativo. A casa torna-se, assim, um símbolo de quem nela habita (id:123).

Ao longo da obra, os autores abordam os resultados da sua investigação, nomeadamente as razões para os inquiridos terem objetos: a principal razão apresentada está relacionada com uma motivação “pessoal e hedonista”; a segunda com o parentesco e o facto do objeto ser um meio para recordar alguém; e, em terceiro lugar, a falta de determinadas relações (id:84-86). Outra generalização identificada pelos autores nos resultados é a flexibilidade de significados que as pessoas criam para os objetos e que retiram deles. Apesar das características físicas do objeto ditarem alguns dos significados e o quadro cultural em que as pessoas estão inseridas também, cada pessoa cultiva, potencialmente, um vasto número de significados a partir daquelas que são as experiências da sua vida (id:87). Csikszentmihalyi e Halton refletem, ainda, sobre a

diferença do significado dos objetos em função da idade e do ciclo de vida das pessoas. Para ilustrar estas tendências os autores arrumam os objetos em duas categorias distintas: objetos de ação e objetos de contemplação, sendo que o primeiro refere-se ao desenvolvimento do autocontrole a partir de atos únicos e o segundo ao desenvolvimento de identidade a partir de uma reflexão consciente. Os objetos mais queridos pelas crianças apresentam uma propensão para a ação e é através da sua manipulação física que surge o seu significado. Por outro lado, os idosos entrevistados apontam genericamente como objetos especiais aqueles que não implicam uma interação física, como fotografias, livros, pinturas, entre outros, demonstrando no seguimento das categorias apresentadas que existe uma viragem, com o avançar da idade, da ação para a contemplação. A geração adulta estudada, pais das crianças referidas, está ligada a ambas as tendências embora mais próxima dos idosos (id:96). Os autores salientam, ainda, que os significados referentes ao passado aumentam significativamente da adolescência para a idade adulta, sendo que “os objetos servem o propósito de manter a continuidade do eu à medida que este se expande ao longo do tempo” (id:100). Assim, objetos que recordam memórias, relações, família ou valores tornam-se mais relevantes (id:119). Por outro lado, quando o significado de um objeto resulta de um episódio do passado, tendencialmente parece ser partilhado entre os membros da família (id:116). Os autores salientam ainda como a localização de um objeto especial na casa se vai alterando, também, em função da fase da vida. Se nos mais jovens os objetos especiais estão sobretudo nos seus quartos, o seu espaço privado em casa onde cultivam a autonomia, no caso dos adultos estes alargam-se de uma forma mais genérica a toda a casa e com “padrões de significado orientados socialmente”. Por outro lado, nos mais idosos, quando a mobilidade pela casa volta a estar mais condicionada, o quarto parece tornar-se novamente relevante (id:137-138). A casa é, assim, cultivada pelos diferentes membros que a compõem, podendo, neste sentido, “conter várias casas dentro de si”, que vão alterando ao longo do tempo, tal como quem a habita (id:138). Os objetos domésticos têm assim significado em si mesmos, mas também contribuem para comunicar o “sentimento de casa”, bem como de um padrão de significados para a casa de uma perspetiva mais ampla, nomeadamente, o tipo de atividades que podem ser apropriadas para cada divisão (id:184). Uma das funções mais relevantes dos objetos da casa é, precisamente, “fornecer um ambiente familiar, que possa refletir a ordem, o controlo e o significado de seus habitantes (...)” (id:185).

Retorno à edição *Home Possessions*, de Daniel Miller (2001), para destacar três estudos de caso que ajudam a pensar como a materialidade empresta significado à casa e como os objetos são repositórios de memórias. Anat Hecht (2001), em *Home Sweet Home: Tangible Memories of an Uprooted Childhood*, evidencia como os objetos que compõem uma casa, sejam eles decorativos, mobília ou ornamentos fixos de outro tipo, são “mais do que meras coisas”. Embebidos de significado e memória, refletem o passado, o presente e, eventualmente, os “futuros possíveis” das pessoas: “são eles que transformam a nossa casa no nosso lar, um cosmos privado que abriga as nossas memórias dos tempos passados, bem como as nossas esperanças para o que ainda está por vir. Eles ligam o nosso passado com o nosso presente e os nossos futuros possíveis, enquadrando e refletindo o nosso sentido de identidade” (Hecht 2001, 123). Neste trabalho, a autora apresenta o caso de Nan, uma mulher “que se tornou cada vez mais consciente do que as casas fizeram com ela.” (Miller 2001, 11) e que articula, através dos objetos que foi recolhendo e da narrativa oral, uma viagem ao seu passado, da casa da sua infância até à casa presente, onde vive. Ao longo do ensaio a autora analisa o papel da cultura material e da narrativa oral num contexto de lembranças pessoais e de perda, mas, também, a produção de lembranças e até mesmo de memoriais, representativos de uma história pessoal e, até, coletiva (Hecht 2001, 124). A perda da mãe, da sua casa de infância e o facto do irmão, pela idade que tinha quando tudo se passou, não ter memória da mãe de ambos, fez com que esta assumisse o papel de dar voz e de querer reviver de forma tangível o seu passado. Como a autora sinaliza, foi provavelmente este contexto que impulsionou a memória detalhada de Nan, bem como a necessidade de narrar a sua história e de recriar representações do seu passado, através de objetos que vai adquirindo ou mesmo criando (id:131). A sua casa de infância, por exemplo, já não existe e, na impossibilidade de ter um registo dela, Nan recriou o espaço numa ilustração por si desenhada, uma peça que a ajuda a enquadrar as suas experiências enquanto criança, “ligar memórias, histórias e, também, práticas familiares” (id: 132-133). Já a sua casa atual é identificada por Hecht como sendo “um museu privado de memória” (id:141). A sua noção de estar em casa está hoje intimamente ligada aos objetos que a rodeiam, que a ajudam a reviver simbolicamente o passado e as casas por onde foi passando ao longo da vida. Pode dizer-se, assim, que foi a agência destes objetos que lhe ofereceu a identidade, de certa forma, perdida. A sua casa de infância é, no entanto, identificada como “o seu verdadeiro lugar de origem e pertença” (id:141).

Jean-Sebastián Marcoux (2001), em *The Refurbishment of Memory*, acompanha um conjunto de pessoas que estão em processos de mudança de casa em Montreal e analisa o confronto destas com os seus próprios objetos, no momento em que têm de passar por um processo de escolha para decidir o que devem ou não levar para a casa nova. O autor explora, assim, a relação entre memória, cultura material e mobilidade, refletindo sobre como os objetos podem ser usados para que as pessoas se sintam enquadradas em novos ambientes, mas, também, como o processo de escolha pode ser encarado como uma metáfora para a seleção de memórias e relações e, no fundo, para se repensarem as narrativas pessoais (Marcoux 2001, 70). No contexto de Montreal, as mudanças de casa fazem, de certa forma, parte da identidade da cidade. Habitualmente, os indivíduos mudam-se para casas que não têm m bilia e, nesse sentido, poderá dizer-se que os objetos estão no centro desta experiência de mobilidade com um duplo sentido: se, por um lado, se deslocam para um novo local, por outro, são também uma “representação de estabilidade para as pessoas” (id:71). As razões que levam à decisão de manter determinado objeto na nova casa são variadas. Deixando de lado os que são escolhidos pela sua utilidade, concentro-me aqui naqueles cujas razões poderão contribuir para a construção do significado de casa, numa dimensão mais pessoal e emocional. Assim, algumas das coisas são consideradas “objetos mnemônicos”, ou seja, que ganham valor pela associação a eventos ou pessoas importantes. Pessoas idosas, por exemplo, muitas vezes, querem rodear-se deste tipo de objetos, como se, assim, estivessem rodeados das pessoas que estes representam. Em casos mais extremos, as coisas podem ser a única coisa tangível que as pessoas têm para as ajudar a criar um sentimento de casa (id:72). Noutros cenários, determinados objetos podem ser tão centrais para quem vive na casa que se transformam em “metonímias”, ou seja, eles próprios cont m, em si, a casa e são protagonistas na criação do sentimento de estar em casa: “Longe de terem apenas um papel instrumental, estão no centro simbólico da casa. É em torno dessas coisas que a casa   simbolicamente recriada e reconstruída.” (id:74-75). Por outro lado, os objetos podem, também, provocar sentimentos negativos e de aprisionamento dentro da própria casa. Marcoux descreve o caso de uma das pessoas que acompanhou que, embora tivesse desenvolvido esse tipo de sentimentos por objetos que guardava desde a sua infância, não se desfez deles. As coisas acabaram por se revelar “companheiros pesados”, carregados com o peso da memória (id:77). Neste contexto de dor, também nos casos de luto, o sentimento de casa pode desmoronar-se, pela ligação que tem a quem se perdeu. A materialidade, nesses casos, pela sua importância, pode também tornar-se um peso e um

foco de dor. Marcoux analisa a situação de um homem de 71 anos de idade que perdeu a mulher e que decidiu sair de casa, deixando todos os seus pertences para trás, para começar num sítio novo (id:81). Num cenário diferente, no que diz respeito aos mais jovens, o autor refere também casos em que, em contextos de mobilidade, estes optaram por deixar em casa dos pais alguns dos seus bens (id: 80). Se, na perspetiva dos pais, a partida dos filhos da casa da família pode ter consequência na forma como estes olham para a casa, o papel de “fiel depositário” de bens dos filhos ajuda, também, a lidar com a sua partida.

Também Elia Petridou (2001), em *The Taste of Home*, fala de um processo de mobilidade, mas, desta vez, que envolve uma mudança de país. A antropóloga aborda uma dimensão lateral às dimensões físicas e simbólicas da casa que contribui, igualmente, para a construção do significado de casa para quem nela habita: as práticas do dia-a-dia. Esta linha é abordada por autores como Berger (1984) que evidencia como em contextos de migração, exílio, turismo ou outros, o conceito de casa pode ser criado não a partir de uma estrutura física, mas a partir de um conjunto de práticas, formas de vestir, memórias, mitos, entre outros (citado em Petridou 2001, 88). Já Kenyon (1999) salienta como jovens estudantes identificam como um elemento fundamental do entendimento sobre o que é casa, sobretudo, a casa dos pais, o direito a voltar e a noção de continuidade que lhe está associada (citado em Petridou 2001, 88). No contexto de mobilidade sobre o qual se debruça, estudantes gregos que vão estudar para Inglaterra, Petridou centra-se numa materialidade diferente da abordada até agora: a comida. A facilidade com que esta é transferida de um país para outro faz com que possamos olhar para este como um mecanismo que ajuda a rapidamente estabilizar o sentimento de casa (Miller 2001, 8-9). A comida de casa e o seu sabor permitem, assim, trazer uma sensação de estabilidade, bem como um sentimento de pertença ao novo local. Num novo contexto, em que os indivíduos estão longe da família, a “comida de casa”, enquanto conceito, contribui para a construção da ideia do “eu”. Mas a comida, enquanto meio e materialidade, também ajuda a compreender as diferenças e legítimos comportamentos (Petridou 2001, 101). Uma das estudantes que integra o estudo salienta que a casa grega é pensada como um lugar que promove momentos que aproximam as pessoas como é, por exemplo, o caso do momento de cozinhar. Assim, o seu entendimento de casa está ligado a processos domésticos como cozinhar, limpar ou arrumar. Para si, sem estes momentos, as tradições familiares e a casa ficam esvaziados. Especificamente, o processo de limpar, enquanto

conceito, ocupa um papel central na construção do sentimento de casa e está intimamente ligado à identidade, já que existem, entre diferentes culturas, diversos entendimentos sobre o que é a limpeza e a sujidade (id:94-95). Uma outra estudante entrevistada revela como a sua experiência com a comida é transposta para as pessoas: por exemplo, comida que considera não ter sabor e a ponte que pode ser estabelecida com pessoas desinteressadas. Nestes momentos, a casa grega surge como “o centro de processos que resultam na criação de sentido por meio do cuidado e da dedicação do tempo e do trabalho. O lar torna-se um ponto de referência constante na procura de sentido, um ponto de partida para a autocriação. A comida serve esse propósito ao proporcionar a sensação de estabilidade e continuidade do lar idealizado.” (id: 102). A mobilidade da comida embora, aparentemente, pouco palpável, parece contribuir, no caso destes estudantes, para criar um sentimento de estabilidade e de conforto enquanto estão longe de casa.

Também relacionado com o sentimento de casa está o trabalho de Caron Lipman (2019), *Living with the past at home: The afterlife of inherited domestic objects*, que reflete sobre as respostas das pessoas aos objetos herdados ou que descobrem de habitantes anteriores nas suas próprias casas. Neste contexto, o autor avalia quais os valores e significados que estão presentes no momento das pessoas tomarem uma decisão sobre se querem recuperar, reter ou substituir os objetos em casa. Criar e tratar da casa é um processo alimentado pelo “desejo de desenvolver um sentimento de casa, privacidade e familiaridade” (Lipman 2019, 84). Neste sentido, objetos que têm valor pessoal e que reproduzem memórias refletem e reforçam o sentimento de pertença e familiaridade, promovendo o “sentimento de estar em casa” (id:84). O autor parte de *Possessions* de Daniel Miller (2001), onde este reflete sobre a ansiedade que pode ser gerada a partir da relação das pessoas com a herança material das suas casas, para sugerir que a relação das pessoas com o passado das suas casas é ambíguo e complexo, podendo a materialidade herdada na casa impulsionar sentimentos de pertença partilhados com estranhos exigindo, também, negociações com a liberdade individual: “A compreensão do lar como um espaço partilhado ao longo do tempo leva a decisões informadas por uma estrutura de valores que equilibra os direitos individuais com a compreensão da responsabilidade coletiva, esta última muitas vezes refletindo o desejo de preservar o passado do lar como parte de uma ética de respeito, cuidado e custódia” (id:85). O encontro com o passado em casa pode ter diferentes expressões: há quem promova a preservação da casa porque tem o entendimento de que “a identidade da casa está refletida no seu projeto original” (id:87)

e, por outro lado, há quem olhe para a casa como um acumulado das contribuições das pessoas que lá moraram, um espaço que evolui com elas (id:87). Assim, segundo o olhar de Lipman, é possível que a casa seja ajustada às necessidades e escolhas individuais dos novos moradores, mas as decisões sobre os objetos que são mantidos ou afastados resultam de uma negociação entre as vontades individuais e o valor que é atribuído à herança daqueles objetos, processo que resulta, também, do contexto social (id:90). O autor refere ainda como, no contexto dos seus entrevistados, “o significado dos objetos herdados está imbricado no processo pessoal de criar o lar” (id:91), sendo que a recuperação de objetos que foram deixados para trás parece ajudar na criação de uma ligação íntima com a casa (id:92).

Liz Kenyon (1999), em *A Home from Home - Students' transitional experience of home*, reflete sobre as experiências e significados da casa para jovens estudantes que saíram de casa dos pais para ir para a universidade. A autora sinaliza como a casa pode ser utilizada e entendida pelos jovens como um espaço para o desenvolvimento da idade adulta e como uma nova casa, longe da casa de infância, pode ser vista como “uma manifestação física de independência e cidadania, bem como a arena onde desenvolvimentos emocionais e sociais são mais prováveis de acontecer” (Kenyon 1999, 84). A saída de casa é, assim, vista como um fator que contribui para marcar a complexa passagem da juventude para a idade adulta e, por outro lado, os espaços físicos e emocionais da casa e os significados a eles associados são relevantes também para definir quando é que a idade adulta é alcançada (id:84). A partir da sua pesquisa, Kenyon, que reflete sobre como as três casas atuais ou imaginadas dos estudantes (a dos pais, a temporária na universidade e a do futuro) são vistas como casas, identifica quatro níveis de entendimento: a casa como um espaço pessoal, temporal, social e físico (id:86). Relativamente ao entendimento pessoal da casa, para os estudantes entrevistados, é mais provável que uma casa se torne efetivamente uma casa<sup>8</sup> quando está ligada a um conjunto de significados e experiências pessoais (id:86). Neste contexto, para os alunos a casa deve refletir a sua personalidade e necessidades, algo que é impulsionado sobretudo através da personalização do espaço e decoração. No entanto, apenas as suas futuras casas próprias, é que são vistas como aquelas que terão um cunho verdadeiramente pessoal. Por outro lado, a casa dos pais é aquela que está mais obviamente relacionada com um “sentimento de pertença”, espaços onde sentem que têm o direito de voltar (id:88-89). Também a casa

---

<sup>8</sup> Tradução do termo inglês “home”

dos pais continua a projetar para estes alunos uma sensação de estabilidade, uma característica temporal que é apontada como relevante para a constituição da ideia de casa, “um local onde a vida pode ser conduzida” (id:89). No entanto, tanto a casa temporária onde estão na universidade como a casa dos pais não são vistas como tendo potencial para serem permanentes (id:90). Quando a casa é olhada como um espaço social, esse entendimento encerra em si três partes constitutivas: a partilha do espaço e da vida em casa com outras pessoas com significado, como são na casa dos pais os familiares próximos; a existência de um ambiente solidário onde as necessidades sociais e emocionais são consideradas; e uma vizinhança amigável onde cada um sente que encaixa e recria um ambiente familiar (id:90-91). Por último, o ambiente físico da casa parece estar relacionado com um conjunto de dinâmicas que ajudam na construção do significado da casa: a presença de pertences pessoais que promovem um ambiente familiar e de continuidade; o espaço físico da casa deve promover um contexto onde as pessoas sintam que podem relaxar e viver de forma tranquila, sendo a dimensão física e o conforto da casa dos pais identificados como expressões do sentimento de casa; e, também a segurança da casa, é sinalizado como um elemento físico que impulsiona o sentimento de casa.

Importa, no contexto deste trabalho, também refletir sobre questões como a transição para a vida adulta, uma área estudada no âmbito das ciências sociais, nomeadamente a sociologia, desde os anos 80, quando o entendimento desta transição estava ancorado, sobretudo, num conjunto de acontecimentos lineares e previsíveis: a entrada no mercado de trabalho, a saída de casa dos pais, o início da conjugalidade e a parentalidade (Ramos e Alvarez 2021, 15). Contudo, esta linearidade de acontecimentos alterou-se estruturalmente nos últimos anos, da mesma forma que um conjunto de dinâmicas sociais se alteraram, como o acesso alargado ao ensino, as transformações no mercado de trabalho ou na habitação (id:16): “A passagem para a idade adulta apresenta-se, pois, como um trajeto socialmente construído, formado por cursos vitais e histórias de vida que, dada a sua individualidade, refletem as dinâmicas dominantes na sociedade.” (id:16). Ser jovem, à semelhança da “adulícia” ou “velhice”, é hoje mais impreciso e uma etapa de aprendizagem marcada por episódios incertos que confrontam os indivíduos com possíveis “pontos de viragem” que podem vir a assumir-se como “momentos críticos”, ou seja: “eventos indicadores de situações de transição que, estando ou não sob o controlo dos indivíduos a eles sujeitos, sendo resultado das suas escolhas ou destinos,

trazem consequências maiores nas suas vidas e/ou identidade, alterando as suas estruturas previstas” (Ferreira e Nunes 2010, 41)<sup>9</sup>. Como os autores referem, os rituais que no passado assinalavam a passagem para a idade adulta foram deixando, tendencialmente, de ser incontornáveis e de ter uma “adesão social unânime”, dando origem a percursos individuais mais abertos (id:42), uma tendência que de uma forma geral parece ser comum no contexto europeu (id:43), embora com diferenças entre países, “devido à existência de regimes de transição juvenil nacionalmente institucionalizados” e à diversidade de contextos de vida dos jovens dentro de um mesmo país (id:44): “variáveis como a geração de pertença, o género, a escolaridade, o estatuto social, a pertença étnica, as orientações valorativas ou a prática religiosa, entre outras, são, de facto também suscetíveis de produzir diferenças na cronologização dos calendários de curso de vida” (id:44). Também a pandemia covid-19, cujo impacto está ainda a ser avaliado, pode ter implicações a curto e longo prazo na organização do percurso de vida das pessoas, nomeadamente adiando transições que são dadas como centrais, como terminar os estudos, encontrar um parceiro ou ter filhos (Settersten et al., 2020 e Aassve et al. 2020 citados em ESS-11 2021, 16).<sup>10</sup>

As sociedades organizam-se em torno de um conjunto de ideais que ditam como o tempo da vida deve ser organizado, roteiros que implicam as pessoas numa avaliação dos seus próprios percursos e dos outros, que podem ser alterados pelo contexto das sociedades ou ser fontes de mudança (Badolato et al. 2021, 3). O European Social Survey (ESS) avalia, a nível europeu, entre outras dimensões, questões relacionadas com os “tempos da vida” e o valor social atribuído a diferentes marcadores de passagem à “idade adulta”. Um desses marcos é a saída de casa dos pais, mas a idade em que essa mudança é feita, no contexto europeu, tem grandes variações entre os diferentes países. Historicamente, os europeus dos países do Sul vivem mais tempo em casa dos pais e, nas últimas décadas, esse tempo tem vindo a prolongar-se ainda mais, um indicador, na generalidade, de que é difícil atingir a independência (id:8). Quando interrogados, no âmbito deste estudo, sobre qual é a sua perceção relativa à idade em que é demasiado tarde para viver em casa dos pais, os entrevistados dos países do sul da Europa e vários

---

<sup>9</sup> Harevan e Masaoka, 1988; Brettel 2002 e Thomson *et al.* 2002 são autores referenciados por Ferreira e Nunes para os conceitos de “ponto de viragem” e “momentos críticos”.

<sup>10</sup> Ver Aassve, A., Cavalli, N., Mencarini, L., Plach, S., & Livi-Bacci, M. (2020). The COVID-19 pandemic and human fertility. *Science*, 369(6502), 370–371. e Settersten et al., 2020. Understanding the effects of Covid-19 through a life course lens. *Advances in Life Course Research*, 45(September), 1-11 (Advance Access). <https://doi.org/10.1016/j.alcr.2020.100360>

países da Europa central e oriental tendem a indicar as idades mais altas (os homens italianos sinalizaram a idade mais elevada, 34 anos). Os dados relativos a Portugal mostram que os entrevistados apontam como limite aceitável a idade entre os 28 e os 29 anos, sendo que estes marcos são notoriamente mais baixos em 2018/19, anos em que foi realizado este estudo, do que na edição anterior de 2006/07.<sup>11</sup> As experiências habitacionais dos jovens são, hoje, uma preocupação generalizada em vários países e, atualmente, a geração jovem mantém-se mais tempo em casa dos pais. Portugal tem um dos valores mais altos de jovens adultos (18-34 anos) a viver em casa dos pais, uma tendência comum, como já referido, aos países do Sul da Europa quando comparado com o Norte (Xerez *et al.* 2019, 40). A média de idade de saída de casa dos pais na Europa é de 26.4 anos, sendo que na maioria dos países do Norte e do Oeste os jovens deixam a casa dos pais no início dos 20 anos, valor que sobe para o final dos 20 ou início dos 30 anos nos países do Sul ou do Leste. Em Portugal, os jovens saem de casa dos pais, tipicamente, aos 30 anos (Eurostat, 2020). Também a pandemia COVID-19 parece estar a ter impacto na idade com que os europeus deixam a casa dos pais. Como revela o Eurostat (2020): “Com foco nos homens, a idade de saída atingiu 28 anos em 2006, o ponto mais alto desde (...) 2002. A partir de então, essa idade começou a diminuir (em média 0,1 ano por ano) atingindo o seu ponto mais baixo em 2019 com 27,1 anos. Em 2020, a idade dos homens que saem da casa dos pais aumentou 0,3 anos, o aumento mais significativo desde 2005. A evolução a longo prazo da idade das mulheres que saem da casa dos pais não revela tanta flutuação ao longo dos anos, variou apenas entre 25,1 e 25,5 anos. No entanto, essa idade aumentou 0,2 ano entre 2019 e 2020, que também foi o maior aumento desde 2005. Este último desenvolvimento poderá refletir a situação em torno da pandemia de COVID-19, que pode ter levado os jovens a reconsiderar a mudança e a permanecer um pouco mais na casa dos pais.”<sup>12</sup>

## 2.2 Metodologia

### 2.2.1 Questionário quantitativo

De 23 de novembro a 28 de dezembro de 2021, foi lançado um questionário *online* que ambicionava ser um ponto de partida para o pensamento e para encontrar as

---

<sup>11</sup> Ver Figura 4 no relatório aqui:

[http://www.europeansocialsurvey.org/docs/findings/ESS9\\_toplines\\_issue\\_11\\_timing\\_life.pdf](http://www.europeansocialsurvey.org/docs/findings/ESS9_toplines_issue_11_timing_life.pdf)

<sup>12</sup> Para mais informação ver aqui: [https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Age\\_of\\_young\\_people\\_leaving\\_their\\_parental\\_household#Gender\\_differences](https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Age_of_young_people_leaving_their_parental_household#Gender_differences)

problemáticas específicas a abordar no trabalho de campo desta investigação. Procurou-se, assim, obter respostas de jovens adultos, entre os 18 e 34 anos, que tivessem saído definitivamente da casa da família para uma nova casa, dentro da Área Metropolitana de Lisboa, entre janeiro de 2019 e dezembro de 2021. Divulgado através das redes sociais *Facebook* e *Instagram*, foram angariadas 384 respostas, 286 delas completas. O questionário, composto por perguntas de resposta aberta e fechada e cujo guião pode ser consultado no anexo 4.4.1, procurou compreender a principal razão para a saída de casa da família, obter dados de contexto sobre a casa atual, como se era comprada ou arrendada, ou se a pessoa vivia sozinha ou acompanhada, e um conjunto maior de questões que ambicionavam entender o papel de diferentes materialidades no novo espaço e na criação de sentimento de casa nesse mesmo local. Entre elas, se teria levado objetos de casa da família para a nova casa, se algum destes foi escolhido para ir por razões emocionais, se o tipo de comida confeccionada no novo espaço procurava replicar hábitos de casa da família, e se todas estas dimensões teriam um papel relevante na criação de “um sentimento de casa” na casa atual. Por outro lado, procurava também compreender onde é que a pessoa se sentia mais em casa hoje e quais os hábitos e padrões de visita à casa da família. Relativamente aos dados de caracterização dos 286 respondentes, 47,72% tem um nível de instrução correspondente a Mestrado ou mais, 67,72% trabalha por conta de outrem e 55,44% tem um valor de despesas médias mensais do agregado entre 501€ e 1000€.

O foco desta investigação está em compreender o papel que os objetos têm na construção de sentimento de casa para jovens adultos que deixaram, pela primeira vez, a casa da família. Neste sentido, entre todos os dados que resultaram das respostas ao questionário, interessou-me, sobretudo, olhar com mais detalhe para o grupo de respondentes que indicou ter levado, pelo seu valor emocional, objetos de casa da família para a nova casa e que os considerou úteis para a criação de “sentimento de casa” no novo espaço<sup>13</sup>. O caminho para o trabalho de campo começou a ser trilhado a partir daqui. Numa fase inicial, para chegar ao universo total de pessoas que poderia contactar para a entrevista de maior profundidade, comecei por identificar as variáveis que me interessavam aprofundar. Eram, essencialmente, quatro e que implicavam o jovem:

---

<sup>13</sup> Do universo total de respondentes, 90,04% levaram objetos de casa da família para a nova casa, 79,63% indica que pelo menos um foi levado pelo seu valor emocional, e 80,67% considerou que esse mesmo objeto foi útil para a criação de sentimento de casa.

- ter levado objetos de casa da família para a nova casa que foram relevantes para a criação de um “sentimento de casa”. Ambicionava compreender, com mais detalhe, que objetos são e o papel que desempenharam nessa construção;
- sentir-se, atualmente, “mais em casa” no seu novo espaço do que em casa da família;
- partilhar a nova casa com uma ou mais pessoas para, eventualmente, compreender como são geridos os objetos no contexto do novo agregado familiar ou entre os colegas de casa;
- ter feito a mudança para uma casa que já tinha mobília ou algum tipo de objetos no espaço, para procurar refletir sobre o impacto desses objetos “herdados”

No total, 16 inquiridos do questionário tinham dado respostas que correspondiam a estas variáveis e indicaram estar disponíveis para uma entrevista de maior profundidade, que aconteceria presencialmente nas suas casas atuais com os objetos que tinham trazido de casa da família. Foram todos contactados por email e obtive resposta positiva de sete jovens mulheres, que me abriram as portas de sua casa.

### 2.2.2 Entrevistas em casa: os sete estudos de caso

Desde o início que considerei relevante para a investigação que o trabalho de campo acontecesse na nova casa das jovens, na presença dos objetos que trouxeram de casa da família e que consideraram relevantes para a construção de “sentimento de casa” no novo espaço. Como salienta Miller (2001) ou Rosales (2010), a casa é um espaço que deve ser observado quando se estuda a relação das pessoas com as coisas e, sendo o foco deste trabalho, precisamente, o papel que os objetos tiveram na criação deste novo *lugar*, era imprescindível observar as casas e os objetos nos seus contextos originais, ou seja, nos locais da casa onde as jovens os decidiram colocar. Por outro lado, por ambicionar compreender porque eram estes objetos relevantes para o “sentimento de casa” interessava-me que este encontro pudesse proporcionar o relato de narrativas em torno dos objetos. Ao construírem narrativas no espaço privado da casa, “as pessoas participam na realização contínua de identidades sociais e morais”, sendo que a “prática de produzir narrativas em torno de objetos contribui para o trabalho pessoal de autobiografia e torna os objetos como participantes significativos no trabalho social de construção da identidade” (Hurdley 2006, 718). As entrevistas em cada casa aconteceram apenas num

único momento, numa data e hora acordada previamente por *email* com cada uma das jovens. Nesse sentido, optei por um modelo de entrevista semiestruturada, que teve como base um guião de questões que foram cobertos numa ordem específica (Bernard, H. Russell (2011 [1995]), e que estava dividido em diversas secções. Na primeira, dedicada ao significado e sentimento de casa, procurei compreender se as jovens alguma vez se aperceberam que tinham sentimento de casa por um espaço, em que contextos esse sentimento surgiu e qual o seu entendimento do significado de casa. Uma vez que o trabalho de campo decorria apenas na casa atual e não teria oportunidade de visitar a casa onde viveram anteriormente, dediquei a segunda secção da entrevista à casa da família. Nesta fase, procurei que me descrevessem a casa, numa perspetiva física mas também emocional, bem como compreender qual a divisão onde se sentiam mais em casa; quais os principais momentos de partilha familiar; como era a sua participação nas tarefas domésticas; quem na família tomava as principais decisões quanto à decoração e colocação de objetos no espaço; quais os objetos de maior valor sentimental que a jovem tinha nesta casa e onde é que estes estavam guardados ou expostos; ou, até, como é que idealizava, quando lá vivia, a sua própria casa. A terceira secção, por outro lado, era dedicada à casa atual, onde procurei compreender as divisões onde passa mais tempo; como foi o processo de decisão quanto à decoração e disposição do espaço; as vivências na casa; se existe um local específico onde se sente mais em casa; ou se considera este um espaço definitivo no seu futuro. A quarta secção abordava os objetos na casa atual. Neste momento, era pedido às entrevistadas que me levassem até aos locais da casa onde estavam os objetos que tinham vindo de casa da família e que foram importantes para a construção de “um sentimento de casa”, de forma a vê-los nos espaços onde os decidi colocar. Para cada objeto fiz o mesmo conjunto de questões, como se de uma pequena entrevista se tratasse, que procuravam compreender como é que tinham sido obtidos, qual a razão para os trazerem de casa da família, onde e porque estavam guardados em determinados locais, o seu papel na construção do sentimento de casa, o que representavam para a jovem, que papel ocupam hoje na casa e o que significaria ficar sem eles (Csikszentmihalyi e Halton, 1981). Ainda dentro desta quarta secção, procurei saber se existiam outros objetos na casa que, embora não tivessem vindo de casa da família, eram já importantes para o sentimento de casa; se tinha trazido algum objeto que permitia manter um hábito da casa anterior; e um conjunto adicional de questões para averiguar como conviviam com os objetos herdados da casa, visto que todas se mudaram para casas que tinham já algum tipo de mobília ou objetos no espaço. A quinta e última secção era

dedicada ao momento de saída de casa, onde procurei compreender como foi o processo de escolha dos objetos a trazer, se algum objeto importante tinha ficado na casa da família ou se o quarto de infância, depois da sua saída, foi mantido ou transformado. No final de cada entrevista, os objetos eram fotografados individualmente, no seu local original, fotografias essas que foram incluídas ao longo da investigação.

As entrevistas, que tiveram uma duração variável entre 53 minutos e 2h22 e que decorreram entre novembro e dezembro de 2022, foram todas transcritas integralmente e os dados extraídos analisados à luz do conhecimento referido no estado da arte desta investigação e na respetiva bibliografia. Mais especificamente, para a análise dos significados associados aos objetos “entrevistados” individualmente, recorri ao trabalho desenvolvido por Mihaly Csikszentmihalyi e Eugene Halton (1981), em *The Meaning of Things: domestic symbols and the self*, onde entrevistaram 82 famílias da área metropolitana de Chicago para compreenderem, naquele contexto, as relações empíricas entre as pessoas e as coisas que têm em casa. Para classificar os diferentes objetos e os significados atribuídos pelos inquiridos, os autores criaram, a partir dos testemunhos, uma grelha de categorias que me foi conveniente para pensar também os significados por detrás das experiências das jovens que entrevistei. Tanto o guião da entrevista, como o sistema de categorização usado para a análise dos objetos podem ser consultados nos anexos 4.4.2 e 4.4.3, respetivamente.

Por fim, parece-me ainda pertinente partilhar um breve e genérico perfil de cada uma das jovens que me abriu as portas de casa e deu a oportunidade de concretizar esta investigação:

- I. tem 23 anos, é animadora e produtora cultural, morou com ambos os pais até ao seu divórcio quando tinha 7 anos. A partir daí, viveu com a mãe e o irmão na mesma casa no concelho de Cascais e hoje vive com o namorado no concelho de Almada.
- L. tem 22 anos e é estudante. Viveu até aos 4 anos com os pais no concelho de Lisboa. Após o seu divórcio, viveu com a mãe em casa da avó no concelho de Almada. Entre os 8 e os 19 anos, regressou ao concelho de Lisboa onde viveu com a mãe e padrasto e onde hoje vive, também, com o namorado.
- J., tem 28 anos e é arquiteta. Viveu com os pais e irmãos no concelho de Oeiras, onde vive hoje também, com uma amiga, numa casa que comprou.

- B. tem 24 anos e é artista visual. Viveu com a mãe até aos 18 anos no concelho de Lisboa, de onde saiu para fazer a licenciatura em Inglaterra. Vive na casa atual com o namorado, no concelho de Almada.
- C. tem 30 anos e é técnica superior. Viveu com os pais e irmão até aos 3 anos no concelho de Braga e, depois, em Lisboa, apenas interrompido por um breve período nos EUA, devido ao trabalho do pai. Hoje vive com o namorado no concelho de Lisboa.
- S. tem 31 anos e é engenheira. Viveu com os pais e o irmão numa casa no concelho de Vila Franca de Xira. Hoje vive com o namorado no concelho da Amadora
- M. tem 25 anos e é *Product Owner*. Viveu com os pais e irmãos numa casa no concelho da Moita. Hoje vive com o namorado no concelho de Palmela.

Entre o questionário *online* e a concretização do trabalho de campo passou-se 1 ano. Durante esse período, três das jovens entrevistadas, I., S. e J. mudaram de casa, as primeiras para viver com os respetivos namorados e a última porque comprou uma casa. Apesar dessa mudança, todas as variáveis que tinham sido apuradas através do primeiro questionário mantinham-se estáveis, sem perturbar a investigação. Havia apenas uma diferença: as novas casas para onde se tinham mudado estavam vazias no momento da mudança, ao contrário das primeiras. Nesse sentido, quando na entrevista procurei compreender o impacto dos objetos que já estavam na casa, foi combinado com cada uma das jovens que descreveriam a experiência da casa anterior.

## **Parte 3**

### **3.1 “Sentimento de casa”**

#### **3.1.1 Modos de sentir**

“Sim, de certeza”, diz B. quando lhe pergunto se nalgum momento da sua vida se apercebeu que tinha “sentimento de casa” por um espaço. Filha de pais separados, cresceu na casa da sua mãe, na baixa de Lisboa, onde viveu 18 anos “sempre na mesma casa”. O pai mudou de casa várias vezes e, durante parte da sua infância, B. dormia na sua casa, por vezes, ao fim-de-semana. Aos 18 anos, foi estudar para Inglaterra, onde passou por quatro casas distintas que “não eram bem a sua casa, porque só tinha um quarto”. Quando

vinha a Portugal, reconhecia na casa da mãe “a sua casa”, onde estava o seu quarto e, pela qual, ainda hoje, tem “um sentimento de casa”: “é entrar nos espaços da minha infância e nas minhas memórias”.

Mas este não é apenas o caso de B. Todas as sete jovens entrevistadas revelaram ter consciência de que, nas suas vidas, nalgum momento, se sentiram em casa num lugar, sendo que, de uma forma geral, esse espaço corresponde à casa da sua família. Casa, como salienta Shelley Mallett (2004), é um conceito multidimensional, “um repositório de ideias complexas, muitas vezes interrelacionadas ou até contraditórias sobre a relação das pessoas com outros, especialmente a família, lugares, espaços e coisas” (Mallett 2004, 84). Adicionalmente esta é também uma “construção ideológica, cognitiva e intelectual, já que as pessoas podem ter sentimento de casa sem terem experiência ou memória desta” (Somerville 1992, citado em Mallett 2004, 81)<sup>14</sup>.

Também Chapman (2001), como já referido, salienta como a casa é uma ideia conceptualizada sobretudo no abstrato, sendo que as pessoas constroem a sua própria imagem desse espaço na sua memória e imaginação (Chapman 2001, 144). Por outro lado, Birdwell-Pheasant e Lawrence-Zuniga (1999) evidenciam como as casas são codificadas com significados práticos, mas, também, com significados simbólicos complexos que expressam, entre outras, questões de identidade. Já Marta Rosales, partindo do olhar da casa enquanto processo, indica que esta pode ser compreendida como “uma entidade que congrega memória e pertença, ideais e afetividade, espaço e tempo, local e global, avaliações negativas e positivas” (Rosales 2015, 64).

Quando refletimos sobre casa e o que é, afinal, uma casa com significado, pensamos, também, os conceitos de “lugar”<sup>15</sup> e de “apego a um lugar”<sup>16</sup>. “Lugar” refere-se a um espaço ao qual é atribuído significado, através de processos que podem ser pessoais, coletivos ou culturais e que variam em “escala, tamanho, escopo, podem ser tangíveis ou simbólicos, conhecidos e experienciados ou desconhecidos e não experienciados” (Altman e Low 1992, 5). Neste sentido, o “apego a um lugar” reflete “um fenómeno complexo que incorpora diferentes aspetos da ligação das pessoas a um lugar” (id:4). A emoção e os sentimentos, quer sejam positivos ou negativos, e as práticas

---

<sup>14</sup> Neste trabalho, também citado por Mallett, Somerville estuda a ideia de casa na relação com os sem-abrigo.

<sup>15</sup> Tradução minha do inglês “place”

<sup>16</sup> Tradução minha do inglês “place attachment”

e ações levadas a cabo pelas pessoas nos lugares, são aspetos identificados como centrais para este conceito (id:4-5). Mas se, por um lado, o vínculo afetivo das pessoas assenta no próprio lugar, por outro lado, o apego poderá, também, estar nas relações sociais:

“(…) baseado ou incorporado noutras pessoas, como a família, amigos, a comunidade ou, até, a cultura. Assim, as relações sociais associadas a um lugar podem ser tão ou mais importantes para o processo de vinculação como o lugar enquanto lugar. Os lugares são, portanto, repositórios e contextos nos quais ocorrem as relações interpessoais, comunitárias e culturais, e é a essas relações sociais, não apenas ao lugar enquanto lugar, que as pessoas estão ligadas”. Setha M. Low 1992, 6-7

Neste sentido, como refere Setha Low (1992), o apego ao lugar “é a relação simbólica formada por pessoas que dão significados emocionais/afetivos culturalmente compartilhados a um determinado espaço ou pedaço de terra que fornece a base para a compreensão e relação do indivíduo e do grupo com o ambiente” (id:165). Pensar, neste contexto, a casa enquanto lugar ao qual é atribuído significado e o “sentimento de casa” é, também, refletir sobre um sentimento que aparenta ser abstrato, fluído e subjetivo, conceptualizado por cada pessoa em cima daquelas que são as suas experiências pessoais e memórias, bem como as suas construções cognitivas, intelectuais e ideológicas, na perspetiva de Somerville. É, igualmente, uma ideia que aparenta estar presente no imaginário das entrevistadas e para a qual cada uma tem um entendimento claro. Perante a pergunta, “nalgum momento da tua vida te apercebeste que tinhas sentimento de casa por um espaço?”, em nenhuma das sete entrevistas foi necessário definir o que se entende por este conceito, com todas as jovens a relacionarem-se com esta ideia e a demonstrarem clareza sobre a sua aplicação nas suas vidas.

Para I. a casa de férias da família, em Sesimbra, é o primeiro sítio que se lembra quando pensa em “sentimento de casa”. É um local de infância, onde nunca viveu, mas passou muitas férias, e onde continua a ir hoje: “até quase que tenho mais sentimento de casa neste espaço, às vezes, do que propriamente em casa da minha mãe”. É uma casa que lhe traz boas recordações, onde sente que pertence, um refúgio longe da cidade onde sempre viveu e “da confusão do dia-a-dia. É um espaço de paz”. S., por outro lado,

partilha que sempre teve sentimento de casa na casa dos pais, mas refere especificamente o seu quarto de infância como a representação desse apego: “ficava muito tempo no meu mundo, nos meus brinquedos, desarrumava o quarto todo e depois voltava a arrumar ou deixava durante dias assim (...) aquele quarto em especial sempre teve muito esse sentimento. Eu podia ir para todo o lado, mas depois voltava sempre ali. É a referência.”. Projetava nesse espaço uma sensação de segurança, onde estava aquilo que era seu: “ainda hoje é um sítio especial, um santuário quase”. Para L. o sentimento de casa extravasa a casa da família, para contagiar o bairro onde a casa estava inserida, que é o mesmo onde hoje vive: “a minha ideia de casa estava muito ligada àquele espaço e à zona. Eu sempre vivi nesta zona, mesmo quando vivia em casa dos meus pais, portanto era sempre um sítio que eu associava a casa”, demonstrando como outras escalas, para além do interior da casa, são centrais para o entendimento de casa, como o bairro onde se vive, a cidade ou o país (Cieraad 2018, 7).

Quando as entrevistadas abordam a relação com os espaços que foram e são referência na sua ideia de “sentimento de casa” são, sobretudo, salientadas dimensões como a ligação desse lugar com as memórias e recordações de infância; a relação com um sentimento de estabilidade, por terem, por exemplo, vivido na mesma casa desde sempre; ser um espaço familiar, de pertença e conforto, onde estavam os seus próprios objetos ou aqueles que conheciam; a ideia de ser um espaço de refúgio e porto seguro, onde é possível regressar; bem como terem controlo sobre ou conhecerem as dinâmicas e vivências do lugar. Para J. é claro que sempre teve “sentimento de casa” pela casa onde vivia com a família, no entanto, esse sentimento era perturbado, sobretudo nos anos mais recentes, antes de sair de casa, por nesse espaço estar sujeita às regras e forma de viver dos pais: “claro que a casa dos meus pais era a minha casa, mas esta, a atual, é 200% a minha casa. A casa dos meus pais não é tanto porque não eram as minhas regras, não era a minha forma de viver”. O olhar sobre a casa deve, assim, ir além do seu entendimento como uma expressão de identidade individual (Rosales 2015, 56) e ter em conta que, dentro de casa, existem relações que são complexas e que a agência pessoal dos indivíduos pode entrar em conflito e ser repetidamente negociada com a agência, por exemplo, da família (Miller 2001, 4), como no caso de J.

Todas as entrevistadas indicam ter começado a desenvolver, pela primeira vez, “sentimento de casa” em casa das suas famílias, a sua primeira referência de casa, como conta I.: “em casa da minha mãe, porque foi onde nasci. Eu nunca mudei de casa, sempre

vivemos no mesmo sítio e, portanto, sempre senti que fosse a minha casa”. Também B. destaca: “foi em casa da minha mãe. Era muito o meu quarto, que é sempre onde criamos a nossa primeira identidade de espaço em criança. Como era só eu e a minha mãe, eu tinha muito o resto da casa também para mim, às vezes tinha brinquedos espalhados por todo o lado.”. A estabilidade, expressa em rituais ou na presença constante de determinadas pessoas ou animais de estimação, mas, também, a relação com o espaço físico da casa, nomeadamente o seu próprio quarto ou a possibilidade de usar outros espaços da casa, revelam-se importantes para a criação deste sentimento: “acho que sempre senti em casa da minha família porque é muito um ritual, os meus cães vivem lá, a nossa empregada de família também era de lá, portanto, aquilo tudo para mim é casa”, conta J. Para outras duas jovens, esse “sentimento de casa” foi evidenciado, na infância, a partir de situações de confronto com outros: “teria três, quatro ou cinco anos quando me apercebi disso pela primeira vez e a primeira coisa que me vem à cabeça foi algures fora de casa, na casa de outra pessoa, alguém ter dito: gostavas de ficar aqui connosco hoje? E eu pensei: não, nem pensar. Eu quero é ir com os meus pais, não quero ficar aqui na vossa casa, isto não é o meu sítio.”, relata S. Como revelam Birdwell-Pheasant e Lawrence-Zuniga (1999), “A casa define um lugar que “pertence” a um determinado conjunto de pessoas e também define, por meio da coresidência e do uso compartilhado, o conjunto de pessoas que “pertence” a um determinado lugar.” (Birdwell-Pheasant e Lawrence-Zuniga 1999, 3-4).

Por outro lado, M. conta como o sentimento de casa se foi clarificando a partir da relação com os irmãos mais velhos, dos quais tem uma grande diferença de idade e que tinham crescido numa outra casa anterior da qual M. não tem memória: “Os meus irmãos são mais velhos e eles falavam da casa antiga, e eu para mim ficava: mas esta é que é a minha casa. Lembro-me que eu e os meus irmãos tínhamos conversas do género, quais são as nossas casas? Para mim a minha casa é esta, a casa deles, quando eles eram pequeninos, era a outra.”. A casa de infância, como indica Cieraad (2018), mantém-se como uma referência, quer a experiência nela tenha sido positiva ou negativa, condicionando os significados atribuídos à casa numa fase posterior da vida. Também as práticas do quotidiano e os rituais, fundamentais na infância na construção de afetos e sentidos em casa, são relevantes para manter ativos os significados pessoais da casa (Cieraad 2018, 7). A percepção que outras pessoas convidadas tinham da sua casa quando a visitavam foi impulsionando a consciência de M. para a ideia de casa: “A casa dos meus

pais era uma casa grande, com quintal e sítio para brincar e para os cães estarem lá fora. E lembro-me que quando as pessoas iam lá visitar faziam muitos comentários: ah, que casa tão grande, tão agradável. Havia sempre muitos comentários sobre a casa, então aquilo para mim também era: ok, isto é uma coisa, isto é um conceito a sério. E acho que sempre tive essa sensação”.

Procurou-se, também, compreender se as jovens entrevistadas já tinham desenvolvido “sentimento de casa” por outras casas que não a sua. I., S. e M., três das entrevistadas, não consideram que, nalgum momento da sua juventude e infância, tenham criado um sentimento equiparável ao que tinham, por exemplo, pela casa das suas famílias, existindo uma clara separação entre a dos pais e qualquer outra: “Acho que nunca se sente exatamente como sendo a nossa casa. Mas já tive casas em que me sentia igualmente bem e acolhida. Mas, claro, depois, quando voltava a casa era sempre aquele “ah” de estar em casa. Eu acho que é um sentimento de casa, mas não é a casa. É uma casa também confortável e que também traz coisas boas.”, partilha I. Para M., na infância, era difícil sair para outras casas: “era super medricas mesmo, então lembro-me que toda a situação de ir passar uma noite fora, me fazia pensar: não quero dormir fora de casa.”, existindo uma clara separação entre a sua casa e a casa dos outros. Tem, no entanto, boas memórias da casa dos avós em Sintra, um lugar, para si, pacífico, onde tinha contacto com a natureza e convivia com os primos, dinâmicas a que não tinha acesso em casa dos pais. Refere, também, uma casa dos tios, da qual tem memória, sobretudo pela consciência de que era diferente da sua, com “móvel muito mais recente”: “diria que tinha essa noção de outras casas, mas em termos de eu sentir-me em casa nessas outras casas, acho que não, porque via sempre como uma coisa muito passageira. Não era equiparável à dos meus pais.”. Para S. não é claro que isso tenha acontecido, apesar de referir que talvez possa ter construído algum tipo de apego por casas onde ia regularmente, como as de amigos de infância com quem brincava, ou da sua tia-avó, onde ia quase todos os fins-de-semana para almoços de família. Por outro lado, L. revela “eu tenho um grande sentimento de casa, por exemplo, pela casa da minha avó, que é a mesma desde sempre”, algo que é partilhado por B.: “tenho essa sensação com a casa de família da praia onde vou todos os anos, também, desde pequenina. Quando chego lá é uma sensação parecida, só que com outra camada, a do relaxamento de estar de férias. E depois, claro, também a casa dos meus avós. Como é a mesma casa desde que eu era pequenina, sempre que vou para lá tenho a mesma sensação”. Para B., entrar na casa dos

avós é reviver as memórias de infância que tem naquele lugar e o sentimento de liberdade que lá sentia, por poder fazer coisas que na casa da mãe não eram recorrentes: “Acho que também essa repetição de sensações, conjugada com as memórias, dá a sensação de casa, apesar de não ser a minha casa. Eu sabia que ia lá passar o fim de semana e podia comer bué chocolates e ver bué televisão. Quando os vou visitar ainda tenho a mesma sensação.” Também J. se refere à casa de férias no Algarve como um lugar pelo qual tem “sentimento de casa”, sobretudo, por ser um espaço grande e permitir que cada membro da família tenha espaço pessoal, algo que valoriza na ideia de casa. Já C. identifica a casa da melhor amiga de infância como uma casa pela qual tinha “sentimento de casa”. Era próxima da família, passavam muito tempo juntas e inclusivamente partilhavam alguns rituais familiares: “(...) o Dia da Mãe ou do Pai. Sabia que era casa de outros, mas sentia-me totalmente em casa”. As outras casas pelas quais as jovens desenvolvem sentimento de casa estão, de uma forma geral, relacionadas com a vivência familiar, são casas de avós ou segundas casas da família, onde parece ser relevante a antiguidade da casa na vida das entrevistadas, a quantidade de tempo lá passado e as memórias criadas.

### 3.1.2 Visões sobre o significado de casa

Procurei, também, compreender como é que as jovens entrevistadas olham para a ideia de casa. O que significa casa para cada uma delas? “Conforto. Acho que é um espaço em que nós temos de chegar e sentir-nos bem, confortáveis, sem medos, em paz e tranquilos. É um ninho, um refúgio, onde descansamos, comemos, onde partilhamos momentos mais íntimos que não temos na rua ou no espaço público. É intimidade e partilha”. É assim que I. define casa. Viveu, até sair de casa da família, sempre na mesma casa com a mãe e irmão depois dos pais se divorciarem. Um espaço que descreve, em termos decorativos e da materialidade que o compõe, como sendo um espelho da mãe, que “adora velharias” e onde os momentos de partilha, nomeadamente em redor de refeições, quer com familiares ou amigos da mãe, foram marcantes: “Casa é muito partilha de almoços, jantares, estar em família. É aconchego e conforto”, acrescenta.

De uma forma geral, as sete jovens entrevistadas têm uma configuração positiva da casa, uma visão necessariamente abstrata que está ancorada nas suas experiências pessoais específicas e que, naturalmente, é representativa apenas destes estudos de caso, sem nenhuma ambição de ser generalizada a uma geração. Nalguns casos, o significado que atribuem à casa parece estar mais ligado à experiência de casa da família, noutros já

se revela mais ancorado na vivência que fazem das suas casas atuais. Como já referido anteriormente, o significado de casa vai-se, tipicamente, alterando ao longo da vida, nomeadamente em contextos de mudança, como é a saída de jovens de casa das suas famílias, onde, num novo local, redefinem o conceito de casa (Cieraad 2018, 7). No entanto, a casa de infância mantém-se como uma referência para a conceção dos significados de casa, quer a experiência tenha sido positiva ou negativa (id:7; Jackson, 1995 em Mallett, 2004). Algumas das características mais descritas pelas jovens quando conceptualizam a casa são as noções de conforto, de segurança e tranquilidade, como descreve B.: “Casa é aquela sensação de conforto e de relaxamento, um sítio onde te podes sentir completamente à vontade. É um lugar para quando estás a passar por dificuldades, mesmo que seja, por exemplo, começou a chover e estás a apanhar uma molha, é um sítio para onde queres ir e vais saber que vai ficar tudo bem.”. É, ainda, um refúgio que protege do exterior e que entretém, como partilha M.: “É mesmo um porto seguro, para mim é uma toca, um sítio onde eu posso esconder-me lá dentro e posso ficar aqui mesmo fechadinha, segura e confortável. E consigo ficar fechada em casa durante dias, não que eu queira, mas para mim esse é o significado de casa. Um sítio em que tenho a certeza que fico segura, entretida e bem”. Como identifica Liz Kenyon (1999), o ambiente físico da casa parece estar relacionado com um conjunto de dinâmicas que ajudam na construção do significado da casa, nomeadamente o espaço físico da casa promover um contexto onde as pessoas sintam que podem relaxar e viver de forma tranquila, em segurança (id:92). S., que até se mudar para a sua casa viveu em casa dos pais, primeiro 12 anos enquanto filha única e, a partir daí, também com o irmão, partilha igualmente deste entendimento de casa enquanto refúgio, que aparenta ganhar significado também pelo confronto com contextos opostos, onde é possível, por exemplo, descansar e recuperar do que acontece no exterior. Poderá assim dizer-se, também aqui, no contexto do que refere Cieraad (2018), que a casa ganha significado no tempo em que se está longe desta (id:6). É, ainda, considerada um reflexo e repositório de dimensões materiais e emocionais: “É um refúgio, para onde vamos descansar a cabeça e o corpo também. Onde estão as nossas coisas, onde há muitos sentimentos e emoções associadas”. Também C. destaca como “o que nós somos emocionalmente depois reflete-se na esfera física”, revelando uma visão do significado da casa imbricada na dimensão emocional de cada pessoa. Partindo do olhar da casa como uma construção ideológica, que se forma a partir das experiências de vida das pessoas (Gurney 1997, em Mallett 2004), a emoção torna-se relevante na construção do significado de casa (Mallett 2004, 81).

Por outro lado, J., apoiando-se na sua experiência atual de casa, olha para esta como uma personificação sua: “A casa é um espaço seguro, confortável, com que eu me identifico e que acaba por transparecer o meu *eu* num espaço. Há-de ser uma personificação, eu sou esta casa e esta casa sou eu também em pessoa. É um prolongamento de mim”. Ainda neste contexto da casa espelhar pessoas, B. também define casa como sendo, nalguns momentos e contextos específicos, uma pessoa. Enquanto viveu fora do país, considerava que casa era o seu namorado. Quando este a visitava, transportava com ele as sensações de conforto e relaxamento que associa, tipicamente, ao conceito de casa, mas que não encontrava nos espaços onde vivia nessa altura. Também C. e L., relacionam a casa com um lugar personalizado, representativo das suas referências estéticas, uma dimensão que é também referida por Mary Douglas (1991) que, em *The Idea of a Home: A Kind of Space*, reflete sobre a casa como uma ideia localizada no espaço, embora não necessariamente um espaço fixo. É, também, uma estrutura no tempo e, em função das pessoas que nela vivem, tem uma dimensão estética e moral associada (Douglas 1991, 289): “(...) gosto de ter a minha casa, o sítio onde pus os posters que eu gosto, os quadros que eu gosto”, conta L. Para C., “a casa tem um lado estético, que cada vez mais percebo que é importante para mim”. A jovem destaca esta dimensão ao explicar o contexto da sua casa atual, onde vive com o namorado, um apartamento que já está na família do seu namorado há vários anos e onde diferentes pessoas da família viveram anteriormente. Nesse sentido, a casa tem um conjunto muito significativo de objetos e materialidades herdadas, demasiadas em quantidade para C., que tem um perfil mais minimalista, mas também com as quais não se identifica, o que perturba a sua vontade de se ver espelhada esteticamente na casa: “O conflito estético com o meu namorado tem a ver com o conflito das nossas personalidades. Eu se calhar sou de alguma maneira mais desligada dos objetos, minimalista e organizada e isso reflete-se depois na esfera física”. Como Mihaly Csikszentmihalyi e Eugene Halton (1981) destacam, é expectável que a casa contenha os objetos mais especiais, que foram selecionados pelas pessoas para estarem próximos de si de forma regular e na vida íntima (id:17). Neste sentido, a casa é mais do que um simples “abrigo”, revelando-se um universo onde as pessoas criam um ambiente material representativo do que consideram significativo, tornando-se um símbolo de quem nela habita (id:123). Também Caron Lipman (2019) refere que os objetos que têm valor pessoal e que reproduzem memórias refletem e reforçam o sentimento de pertença e familiaridade, promovendo o “sentimento de estar em casa” (id:84). Por outro lado, Daniel Miller (2001), destaca a ansiedade que

pode ser gerada a partir da relação das pessoas com a herança material das suas casas, materialidade essa que pode implicar negociações com a liberdade de cada um (id:85). Neste contexto, para C. a construção de significado de casa na sua casa atual parece estar condicionada.

Relacionado também com uma ideia de segurança atribuída à casa, está a possibilidade, identificada por algumas das jovens, de este ser um espaço sobre o qual, quem nele reside, tem controlo, quer no sentido das pessoas com quem o decidem partilhar, no que lá acontece ou na dimensão material, como descreve S.: “É o espaço onde, se nós quisermos, temos total controlo sobre ele e mais ninguém lá vai, onde podemos estar sozinhos, fazer aquilo que queremos. No fundo, aquele espaço que pode ser só nosso. Não há nenhum espaço igual a este.”. L. passou a sua infância e juventude em três casas diferentes. Primeiro com os pais, que se divorciaram quando tinha 4 anos, depois a casa da avó, onde viveu com a mãe até aos 8 anos. Entre essa idade e os 19 anos, quando saiu de casa da família, viveu com a mãe e o padrasto. Conta que tinham uma dinâmica regular de partilha do espaço e de convívio entre os três na casa. Quando descreve o significado de casa valoriza, também, estas conceções de conforto e controlo sobre o espaço, mas, também a dimensão social que a casa pode proporcionar na relação com outros: “Eu associo muito casa ao sítio onde eu estou a estudar, a trabalhar, onde tenho os meus livros e os meus cadernos, onde posso estar à vontade a trabalhar e estudar sem ninguém me chatear. Um sítio onde me sinto confortável, onde recebo pessoas. Eu gosto de ter pessoas cá em casa. É o sítio onde voltas sempre, onde te sentes bem”.

## **3.2 A casa da família**

### **3.2.1 Olhares sobre a casa da família**

O propósito desta investigação é o de procurar compreender o papel que os objetos, que as jovens decidiram trazer de casa da família para as suas próprias casas, tiveram na construção de “um sentimento de casa” no novo espaço. Neste sentido, tendo sido o trabalho de campo realizado apenas na casa atual das jovens, importava dedicar algumas perguntas da entrevista à casa de família, de forma a angariar informação sobre esse contexto anterior. Assim, procurei obter uma descrição física, mas, também, emocional de casa da família, compreender as vivências familiares em casa, os locais onde se “sentiam mais em casa” nesse espaço, bem como quais os objetos de maior valor emocional que tinham em casa das famílias e os locais onde esses mesmos objetos

estavam guardados ou expostos. Em primeiro lugar, pedi a cada uma das jovens que, numa folha em branco a4, desenhasse uma planta de casa da sua família. Depois, partindo do trabalho de Mihaly Csikszentmihalyi e Eugene Halton (1981), foi-lhes pedido que descrevessem a casa onde viviam com a família. Tal como na experiência descrita por Csikszentmihalyi e Halton, esta pergunta genericamente deu origem a relatos detalhados, sendo que sempre que as jovens dedicassem mais tempo à descrição física da casa, procurava-se, no contexto da entrevista, impulsionar também a partilha da sua visão emocional do espaço e vice-versa. Pode dizer-se que as descrições feitas estão ancoradas, sobretudo, em três grandes dimensões: o espaço físico da casa, o “eu” na relação com a casa e a relação com a família.

Relativamente aos atributos físicos da casa, para além de um descritivo mais literal do espaço, são sobretudo destacadas pelas jovens características da decoração, estética ou tamanho da casa, luminosidade e funcionalidade do espaço. I., que vivia na casa com a mãe desde que nasceu,<sup>17</sup> começa por referir a decoração da casa, que considera espelhar a mãe e o seu gosto por objetos antigos: “É uma casa bastante cheia, com história, porque a minha mãe adora velharias, tinha muitos quadros, objetos que ela guardava, era muito personalizada”. Relata, ainda, a sua perceção sobre o conforto ou tamanho de determinadas divisões, evidenciando que valoriza materialidades da casa, como a mesa da cozinha, enquanto impulsionadoras de momentos de convívio: “Tem um sofá confortável, numa zona de estar confortável, uma cozinha simples, mas até acolhedora porque tem uma mesa, então quem está a cozinhar consegue estar também sentada e falar para quem estiver ali. Os quartos são confortáveis, não são muito espaçosos. É uma casa que até tem bastante luz e é numa zona tranquila. O meu quarto era muito simples, mas a minha mãe sempre me deu liberdade para fazer o que eu quisesse nele”, conta I. Ainda na sequência de uma reflexão mais dedicada ao bem-estar, revela algum desconforto com o facto da casa estar localizada num rés-do-chão e a falta de privacidade ou eventual insegurança que esse contexto lhe despertava.

---

<sup>17</sup> Recordo que os pais de I. se divorciaram ainda na sua infância, aos 7 anos, altura em que o pai deixou de viver na casa.

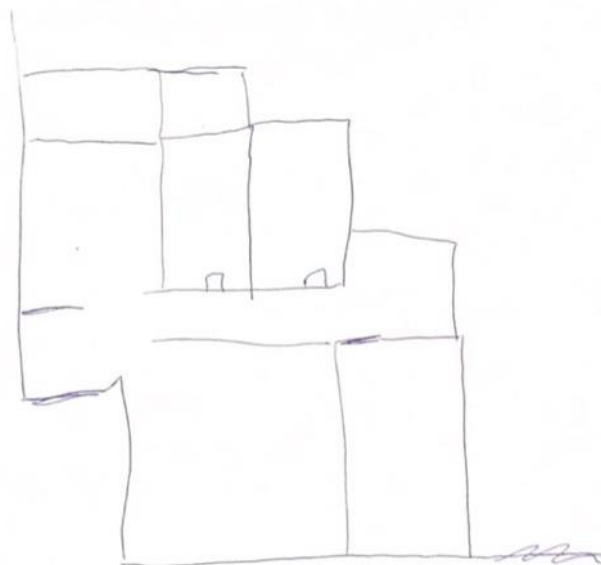


Figura 1 - Planta da casa da família de I., desenhada pela própria

Por outro lado, L., que, como já referido viveu em três casas diferentes com a família<sup>18</sup>, destaca, sobretudo, a configuração da casa e as suas diferentes divisões, bem como a luminosidade do espaço, característica que valorizava: “A casa era um T3, eu tinha um quarto, havia um escritório, os meus pais tinham um quarto pequeno sem janela que ligava com o escritório, tínhamos uma sala de estar e uma sala de jantar grande, com uma janela grande. Tinha imensa luz. A casa era super boa, tínhamos uma cozinha com boa luz, a casa era grande e tinha um pé direito alto. As paredes eram brancas, a casa tinha sido arranjada quando nós entrámos, tinha duas casas de banho, uma marquise e o elevador do prédio era daqueles estranhos antigos.”. Como para L. o significado de casa extravasa a casa em si para se alastrar ao bairro onde está inserida, refere-se, também, à sua localização e à proximidade com a sua casa atual: “Era na Almirante Reis, aqui ao pé”.

---

<sup>18</sup> Inicialmente em Lisboa com a mãe e o pai que se divorciaram quando tinha 4 anos. Nessa altura, mudou-se com a mãe para casa da avó em Almada e regressou a Lisboa aos 8 anos para viver até aos 19 anos, com a mãe e o padrasto, na casa anterior à sua atual. Quando refere na descrição citada “os meus pais”, refere-se à mãe e ao padrasto.

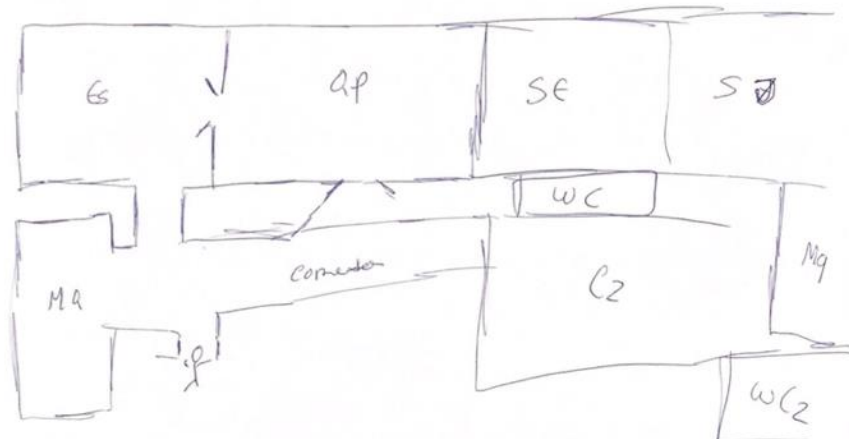


Figura 2 - Planta da casa da família de L., desenhada pela própria

J. viveu com a família, nos primeiros anos da sua infância, num apartamento em Oeiras, de onde saíram, provisoriamente, durante um breve período, para obras. Quando o seu irmão mais novo nasceu, os pais sentiram a necessidade de ter mais um quarto na casa e, nessa altura, mudaram-se para a moradia onde viveu com os pais, dois irmãos e, mais tarde, a avó, até sair de casa para viver sozinha. Na entrevista, é sempre a esta moradia que se refere. J. é arquiteta e descreve a casa da família assumindo, em muitos casos, este olhar mais profissional sobre o espaço: “É uma casa grande, antiga, que não tem assim um planeamento arquitetónico excelente. É uma coisa que também mexe comigo, conforme fui evoluindo”. Por outro lado, J., para quem a casa é “uma personificação sua”, valoriza o processo de decoração do espaço enquanto ferramenta para garantir a sua personalização e criar o seu conforto: “Já me mudei três vezes para uma casa e a decoração é sempre toda muito própria e minha, muda o espaço completamente”<sup>19</sup>. Relativamente à casa dos pais, é crítica em relação à dimensão decorativa: “(...) na sala as coisas são antigas, a decoração é muito pesada e não tem muita entrada de luz”, mas,

<sup>19</sup> J. saiu a primeira vez de casa para viver com o ex-namorado numa casa que já era deste, mas a relação terminou e regressou a casa dos pais. Quando respondeu ao questionário inicial, estava a viver numa casa alugada, já depois dessa experiência, que dividia com outras pessoas. No momento da entrevista, vivia já na sua casa própria, que comprou, com uma amiga.

também, quanto à configuração do espaço: “A casa está num patamar que faz com que haja (no exterior) um desnível grande, que se tiveres crianças até se torna perigoso. Há assim estas coisas que, quando se é da área, ainda fazem mais confusão. O terraço era gigantesco, tinha a mesma área da sala e não era usado para nada, porque, efetivamente, temos esta zona toda exterior que está relacionada com a nossa vivência social, e ninguém ia a este terraço”.

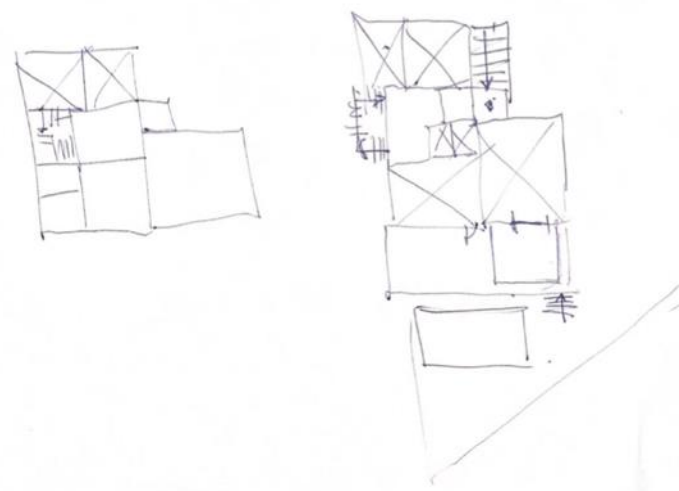


Figura 3 - Planta da casa da família de J., desenhada pela própria

B. viveu sempre na mesma casa com a mãe, que comprou quando esta tinha apenas 6 meses. Os pais divorciaram-se quando tinha 3 anos e, por isso, até aos 12 anos, altura em que o pai foi viver para fora de Portugal, vivia toda a semana em casa da mãe e passava quinzenalmente o fim-de-semana na casa do pai, que viveu em três casas distintas. No que diz respeito ao espaço físico da casa da mãe, ao descrevê-lo, B. vai partilhando memórias da sua vivência lá, nomeadamente quanto às divisões que foi “ocupando” ao longo da sua vida. A sua mãe, artista musical que toca cravo, tem uma sala a que B. se refere como a Sala do Cravo, a única divisão onde sentia alguma reticência em entrar: “Quando eu era mesmo pequena eu tinha dois quartos, um com beliche e outro com brinquedos. (...) Ao longo da minha infância acabei por dormir em quase todos os quartos, nós íamos trocando, sem ser o escritório dos instrumentos. Aqui era um quarto grande que agora a minha mãe tem como sala e que foi o último onde eu estive, desde os 18 até agora. Quando eu vinha a Portugal ficava neste quarto”. Descreve, ainda, o sótão da casa,

uma zona que ocupa a maior parte da área da casa, que hoje é o quarto da mãe mas que, durante a adolescência de B., era o seu quarto: “Eu vivia no sótão, que era *bué* fixe porque eu tinha muita privacidade e às vezes levava para lá dez amigos e ficávamos lá a dormir, porque era *bueda* grande”. Refere-se, ainda, à luminosidade e à temperatura da casa: “é *bué* solarenga, tem janelas por todo o lado. Antes de haver ar condicionado, a casa era um bocado quente, principalmente no sótão. Eu tinha que meter o meu colchão no chão e dormir com ventoinhas apontadas”.

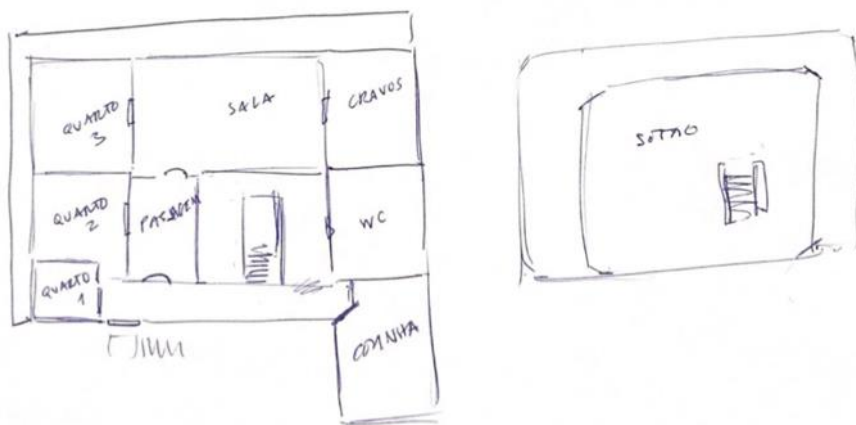


Figura 4 - Planta da casa da família de B., desenhada pela própria

C. vivia, nos últimos anos, em casa da família com os pais, após a saída de casa do irmão mais velho. Mas, ao longo da infância e juventude, passou por diferentes experiências de casa com a família. Até aos seus 3 anos viveu em Braga, altura em que vieram para Lisboa, uma mudança que considerou abrupta e que originou receios e “algumas paranoias” porque deixou de dormir no quarto com os pais e passou a estar num quarto que era “noutra ponta da casa”. Aos seus 8 anos, por causa do trabalho do pai, viveu uma temporada em Boston, nos EUA e aos 17 anos mudou-se para a casa de onde saiu para viver com o namorado, o espaço que é abordado na entrevista. Quando C. descreve o espaço físico da casa refere-se a esta como sendo “arejada”, embora “fria de clima e mobília”. Tem muita luz, que é o mais incrível”. Aponta a existência de alguns problemas de funcionalidade na casa: “é mais casa de arquiteto do que casa *cosy*, um calor louco no

verão, gélido no inverno e tem umas divisões meio bizarras”. Refere a sala como a zona forte da casa, que está virada para a “melhor vista da casa” e também por ser o local onde a família se juntava.

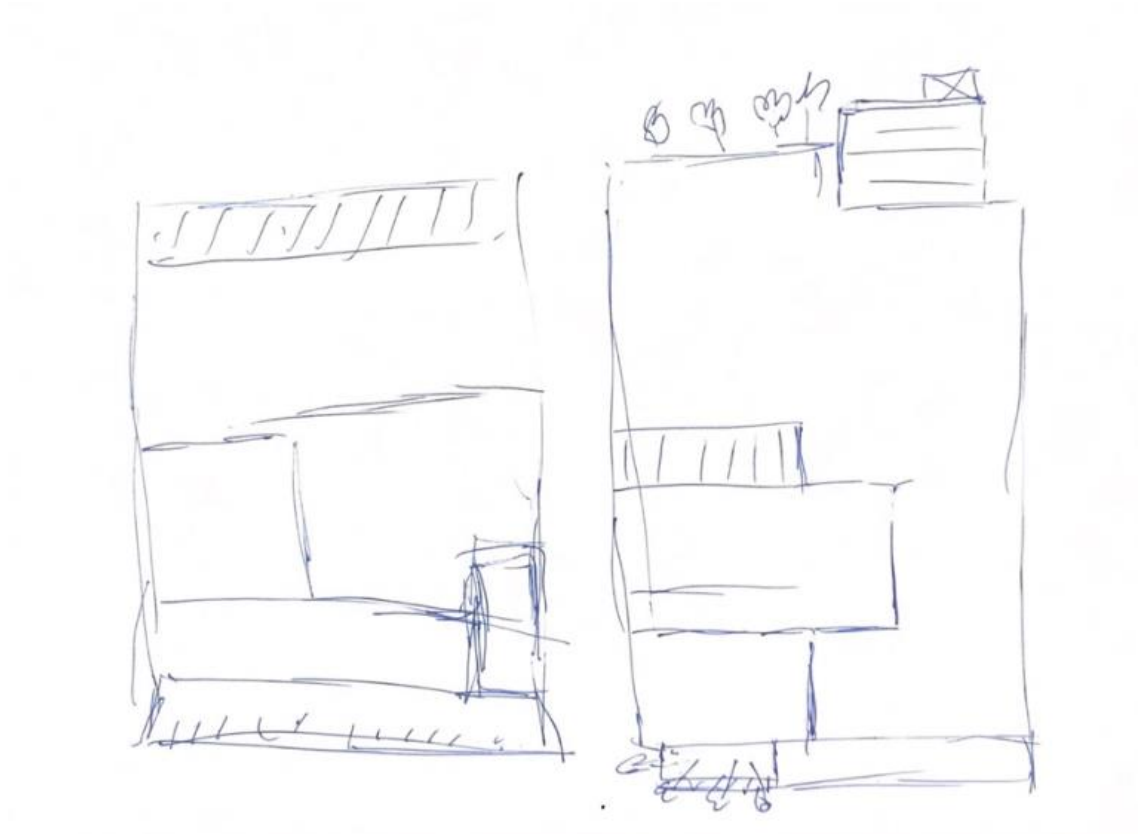


Figura 5 - Planta da casa da família de C., desenhada pela própria

Por outro lado, nas descrições que fizeram de casa da família, a relação do “eu” com a casa foi abordada em diversos momentos pelas jovens, ao refletirem sobre os sentimentos que a casa lhes desperta. M. viveu numa primeira casa em Sintra com os pais e irmãos mais velhos da qual não tem memória. Quando tinha 3 anos, mudaram-se para a única casa que conheceu como sua, a casa de férias dos avós, que descreve como sendo “muito antiga, dos anos 60”. Antes da mudança, apesar de não ter memória destes tempos, conta que a família costumava vir para esta casa durante as férias mais longas e, às vezes, ao fim-de-semana. Quando se mudaram, a avó vivia durante a semana em Lisboa e manteve o hábito de ir passar os fins-de-semana a esta casa com a família. M. associa a casa, sobretudo, a boas memórias de infância e às suas primeiras experiências: “para mim,

é a minha casa de infância e de sempre, que tenho muito boas memórias porque foi onde eu tive o nosso primeiro cão, onde aprendi a andar de patins e a brincar. É uma casa grande que eu sempre gostei muito”. Recorda, ainda, momentos de brincadeira com os irmãos na cave da casa, onde passava bastante tempo: “era como se fosse o nosso salão de jogos, o sítio onde nós brincávamos. E lembro-me que a minha mãe até fez uma área com um tapete muito grande que estava todo delimitado pelos meus brinquedos. Eu entrava e aquele era o meu espaço, ficava ali horas a brincar. A minha irmã estava no computador e o meu irmão a jogar numa consola”. Depois dos irmãos mais velhos saírem de casa, viveu com os pais e a avó e, cerca de 1 ano antes de se mudar para a sua casa atual, M. teve uma discussão com o pai em que “cortaram relações”. Foi viver para casa dos pais do namorado e só ia a casa da família para dinâmicas práticas, como ir buscar algo que lhe fazia falta, ou para estar com a mãe: “Deixou de ser o meu sítio ali durante um período de seis meses, mais ou menos”. Apesar deste episódio, conta que nunca ficou com maus sentimentos em relação à casa e, quando a descreve, salienta as boas memórias que tem deste lugar: “É muita felicidade e boas memórias, uma infância muito, muito feliz e muito calorosa em família, pelo menos com a minha família imediata sempre por perto”.



Figura 6 - Planta da casa da família de M., desenhada pela própria

Nesta perspetiva da relação do “eu” com a casa, I. considera a casa da família um espelho da sua evolução e crescimento. Olha-a como uma companheira no processo de transformação pessoal que decorreu ao longo da sua juventude e que implicou, também, uma evolução da sua visão sobre a casa e das vivências naquele espaço. Salienta, ainda, uma visão da casa permeável à dimensão emocional, olhando, nesse sentido, para este lugar, como feliz nalguns períodos e triste ou desconfortável noutros, sobretudo quando começou a ficar regularmente sozinha em casa, quando a mãe saía para programas pessoais: “Era confortável e acho que bastante alegre nalgumas situações, noutras menos. Acho que isso também tem muito a ver com os momentos. Foi uma companhia, um repouso, foi paz nalguns momentos, noutros não. Houve uma fase em que eu vivia muito sozinha lá em casa, e isso fazia-me sentir um pouco desconfortável, embora este fosse um espaço confortável para mim. Era um *mix* de *feelings* às vezes”. Também para L. a casa está associada a tornar-se adulta e a outros momentos importantes e definidores da sua vida, como a entrada para o liceu, o primeiro namorado, a primeira festa em casa ou a primeira menstruação. Por outro lado, J. que, como já referido, procura ver-se refletida no espaço da casa para o sentir como seu, descreve a sua relação com a casa da família destacando, sobretudo, dimensões que considerava negativas. São exemplos, a prioridade dada pelos pais ao funcional em detrimento do estético, que se revelava numa decoração que considerava pesada, ou o planeamento arquitetónico da casa do qual era crítica e que lhe “provocava irritações”. Adicionalmente, refere ainda um excesso de “dinâmica” dentro de casa, criado a partir da presença constante no espaço de várias pessoas, entre os pais, os irmãos, a avó, a empregada doméstica, ou mesmo os cães: “é difícil ter espaço, sossego, há sempre muita coisa a acontecer e tudo ocupa muito espaço. Nós ocupamos todos muito espaço emocional e, portanto, acho que é uma sensação de dinâmica que não acaba. Aquela sensação de paz que se deve ter também numa casa, às vezes não era fácil”. Por outro lado, elogia a zona exterior da casa, como uma área com espaço, metaforicamente representativa da sua libertação do espaço interior e de tudo o que este implicava emocionalmente. Já para B. a casa da mãe era muito recetiva e acolhedora, sensações que julgava que transpareciam em quem visitava a casa.

Também a relação com a família está presente nas descrições das jovens, associando as casas, ou mesmo divisões ou objetos específicos, a familiares ou momentos em família. S., que vivia na casa da família com os pais e um irmão 12 anos mais novo, mudou de casa com os pais, apenas uma vez, temporariamente, durante 3 anos, quando o

irmão mais novo nasceu e por razões relacionadas com o trabalho do pai. Neste espaço, que associa a um sentimento de solidão, numa altura em que a mãe passava por problemas no pós-parto, não desenvolveu sentimento de casa. Inclusive, na entrevista, quando falou sobre a casa da família, não se lembrou logo de referir esta casa, como se estivesse arquivada nas suas memórias. Voltaram, depois desse período, para a casa anterior, de onde saiu para viver sozinha. Para S. a casa são as pessoas importantes da sua vida e que são parte do seu crescimento. Neste sentido, quando descreve a casa, descreve também as pessoas nos locais onde habitualmente estão, como a mãe, doméstica, na cozinha, e o pai no quarto: “É uma casa que não é muito pequena nem muito fria. Ao entrar, vejo logo a minha mãe na cozinha a preparar alguma comida com a televisão ligada. Há a luz, há sempre luz e cheira sempre bem. Deve haver roupa estendida. Já dá para perceber que é logo ali que eu vou” ou “Logo a seguir é o quarto dos meus pais e, provavelmente, o meu pai há de estar lá sentado com o computador, com o estore mais para baixo e geralmente está mais escuro lá para dentro”. Refere-se, também, a alguns objetos nos quais revê pessoas da família ou vivências, como é o caso de uma cómoda do quarto dos pais que relaciona com a mãe e com o seu cheiro: “(no quarto dos meus pais) há uma cómoda com um espelho. E eu gosto especialmente daquele conjunto, a minha mãe tinha lá os perfumes todos arrumadinhos, alguns bibelôs e coisas assim engraçadas e aquilo sempre me pareceu ter um cheiro a mãe”. Também na sala destaca um armário com porta de vidro onde estão guardados copos e outros objetos “especiais” que S. associa a momentos de celebração em casa. Para si, é também importante entrar na casa e ver lá as pessoas que são importantes para si, como se a casa fosse um prolongamento destas. Neste sentido, S. descreve como estranha entrar no espaço e este estar vazio e relembra como, durante a sua juventude, apesar de gostar de estar no seu quarto isolada, era importante para si ouvir alguém algures em casa a fazer coisas”.

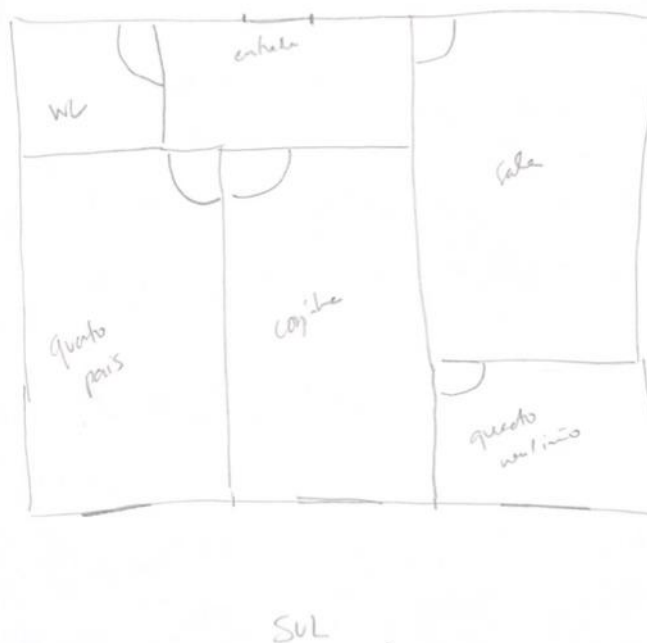


Figura 7 - Planta da casa da família de S., desenhada pela própria

Também I. projeta um ideal de conforto no quarto da mãe: “O quarto da minha mãe para mim sempre foi o mais confortável, tem mesmo a ver com o colo de mãe. Sempre fui para a cama da mãe, que é sempre a mais confortável. O quarto também é sempre o maior, o que tem tudo de melhor: é o quarto da mãe”. Por outro lado, B. destaca que uma das memórias mais antigas que tem da casa é a “sua” musicalidade, por acordar com a mãe a ensaiar cravo. Esta dinâmica musical, a temperatura e a descontração que atribui à casa, leva inclusivamente B. a relacioná-la com um grupo musical cubano: “Se houvesse uma banda sonora associada a esta casa era o *Buena Vista Social Club*. É *bué* esta casa. Quando recebo pessoas para jantar lá meto esse som porque é quente e descontraído e eles estão sempre *bué* contentes”. Relaciona, ainda, o gosto da mãe pelo “traço antigo” da casa com a música que toca: “Como a minha mãe é de música antiga, eu acho que ela gosta desse lado. As madeiras podem estar com bom ar, mas são antigas. E o teto tem decorações do século XVIII”. Também C., quando descreve a casa da família, refere o pai a tratar das plantas e a sala como a centralidade dos convívios em família, onde conversavam e viam filmes: “Em adolescente, claro que me resguardava mais para o quarto, mas houve sempre

essa dinâmica na sala. É um sítio de encontro e quentinho, de família, de estar de mantinha a ver filmes.”

### 3.2.2 Vivências na casa

Relativamente à casa da família, procurei também compreender quais as principais vivências familiares que decorriam nesse espaço. Para L. "era o momento da refeição dos três e depois víamos muitos filmes e séries juntos na sala.". As dinâmicas referidas neste caso particular são, na verdade, partilhadas pelas outras jovens entrevistadas: as refeições, sobretudo o jantar, são um dos principais momentos de partilha identificados, bem como os períodos em volta da televisão, a ver filmes, séries, novelas ou concursos televisivos. Por um lado, as refeições, ou como na literatura é definido, a “comensalidade”, são centrais “para definir e sustentar a família como uma unidade social” e, enquanto “lugares culturais”, têm também um papel importante na comunicação entre o grupo (Ochs, Elinor e Shohet 2006, 44). Por outro lado, ver televisão é, segundo David Morley (1988), uma prática que constitui os códigos da vida familiar e as “relações familiares ou domésticas por meio das quais construímos as nossas vidas” (id:7). Os seus usos sociais no contexto da família são diversos, desde “servir como um terreno comum para conversação” (id:7), para “desligar” do contexto familiar” (id:15), ou promover momentos de intimidade pessoal (id:22).

No caso de S. as refeições em família em casa eram regulares na infância, mas este hábito foi-se diluindo ao longo dos anos seguintes, quando começou a ser mais complexo alinhar as agendas de cada membro da família, nomeadamente entre os pais: “(...) procurou-se sempre fazê-las em conjunto durante a infância, mas, entre o casal, há destas coisas, as pessoas são mais unidas nos primeiros anos e depois a vida acontece e cada um começa a ter as suas atividades e os trabalhos. A minha mãe nunca trabalhou fora, escolheu ficar em casa. E o meu pai acabou por ser um pouco mais ausente na altura da minha adolescência (...)”. Conta, no entanto, que a sua saída de casa acabou por impulsionar o regresso desse hábito nas visitas que faz a casa dos pais, talvez por esse momento ser encarado como uma ocasião especial: “ninguém começa a almoçar enquanto não estivermos todos na mesa, mesmo que isso implique esperar até às 15h”. C. destaca, também, que, por defeito, jantavam sempre em família, mesmo que tivessem de esperar pela chegada de todos a casa. Ao domingo recorda, ainda, aquela que considera ser uma

das suas memórias mais carinhosas: “fazíamos panquecas, ovos mexidos e *bacon* todos juntos e ouvíamos sempre o álbum de música *Breakfast in America*”, dos *Supertramp*.

Adicionalmente às refeições e, de uma forma geral até na sua sequência, nomeadamente após o jantar, são descritos momentos de partilha familiar na sala em redor da televisão: “Víamos mais filmes e séries, e também as notícias e o *Joker*, aquelas coisas dos concursos. Quando era mais pequenina, também dançava muito, ouvíamos música”, conta I. Para S. este momento após o jantar era, sobretudo, vivido com a mãe: “Quando eu era mais pequena o momento da novela era importante. A minha mãe via as novelas à noite, a seguir ao jantar, e sentávamo-nos no sofá a ver aquelas coisas que eu não percebia nada e os concursos de televisão, tipo o *Agora ou Nunca*. Eram momentos giros, o meu pai nem sempre estava neles porque não gostava, mas às vezes aparecia e juntava-se a nós”. Morley (1988) refere, a partir do seu estudo, que podem existir diferenças nos hábitos de visualização entre géneros, sendo que essas diferenças serão “efeitos dos papéis sociais específicos que esses homens e mulheres ocupam dentro de casa”. Para M. há uma diferença clara nas vivências familiares quando compara o período em que a irmã e o irmão mais velhos, dos quais tem 8 e 9 anos de diferença respetivamente, ainda viviam na casa, e o período após saírem de casa. Durante a infância, partilhavam muito os três a cave, onde brincavam, e a sala com os pais. Quando saíram de casa, deixou, para M., de existir uma ponte tão clara entre si e os pais, como se a relação fosse mediada antes, de certa forma, pelos irmãos. Por isso, estes momentos de partilha desvaneceram-se. Manteve-se o jantar em conjunto e, por vezes, o período a seguir em que viam televisão. Também para B. estes momentos de partilha após o jantar se foram diluindo ao longo do tempo, à medida que foi crescendo e que procurava ocupar esses períodos com atividades suas no quarto: “Era sobretudo jantar e depois às vezes ver um filme. Mas, depois, a partir dos meus 15 anos, eu já não queria ver filmes, só queria ir lá para cima, fazer as minhas *cejas*”. Foram, ainda, descritos outros momentos de partilha familiar mais específicos, como era para I. o ritual anual de construir a árvore de Natal ou, para L., os jogos de tabuleiro que jogava com a mãe e o padrasto, ou os períodos em que partilhava o escritório da casa com a mãe, enquanto estudava e a mãe trabalhava.

Ainda enquadrado neste tópico das vivências familiares, quis compreender qual era, habitualmente, a participação das jovens nas tarefas domésticas em casa da família. As descrições feitas dividem-se, de uma forma geral, em duas dimensões. Por um lado, a perceção, em retrospectiva, de que não participavam nas tarefas domésticas como

poderiam, como relata I.: “Eu participava pouco, até começar a crescer um bocadinho e a ganhar mais pensamento crítico (...). A minha mãe bem tentou educar-me nesse sentido.” e C.: “Eu acho que fiquei mais sensibilizada com a minha mãe desde que saí de casa porque, embora fosse autossuficiente quando estava sozinha<sup>20</sup>, quando não estava, fazia os mínimos de levantar o prato ou ajudar a cozinhar. Os meus pais também têm muito apoio e não têm a carga doméstica aos ombros, mas não ajudava tanto como hoje em dia acho que devia ter ajudado”. Por outro lado, como neste caso de C., algumas casas tinham um apoio externo significativo nas limpezas e, por isso, a participação das entrevistadas estava sobretudo relacionada com tarefas do dia-a-dia, como pôr e levantar a mesa, garantir que o próprio quarto estava arrumado, tratar dos animais de estimação ou deitar fora o lixo: “Limpezas não, porque tínhamos empregada. Mas obviamente que arrumava o meu quarto, tudo o que tinha a ver com os cães, que faço ainda hoje em dia, pôr e levantar a mesa e compras quando era preciso”.

Foram referidos, no entanto, dois contextos particulares de participação nas tarefas domésticas. O caso de S. que indica que essas dinâmicas estiveram presentes desde sempre, através da mãe que a procurou capacitar para tarefas domésticas e do pai que procurou fazer o mesmo nas tarefas tipicamente relacionadas com o universo masculino, como bricolage, o carro e reparações. Também o confronto com a carga doméstica que estava sobre a mãe, e menos sobre o pai, a impeliu a ajudar: “uma coisa que me ficou bastante na memória foi uma história que a minha mãe partilhou comigo, de que uma vez a minha avó chegou a casa e a minha mãe estava cansada a esfregar o chão. E a minha avó disse: Então rapariga, o que é que estás a fazer? Tenho que ajudar a mãe. Mas eu não pedi. Pois, mas não é preciso pedir porque eu sei que a mãe está cansada. E, realmente, se eu vir alguma coisa para fazer eu posso tentar fazer, não é preciso estar à espera que a pessoa vá fazê-lo”. Esteve, também, bastante presente nas tarefas relacionadas com o nascimento do irmão, aos 12 anos, uma dimensão que indica que teve consequência em hoje não querer ser mãe. Por outro lado, M. vivia desconfortável com a forma como os pais geriam a limpeza e arrumação da casa. Este contexto, inclusive, gerava alguma resistência dos pais em receber visitas. Nos momentos em que estas existiam, a limpeza era feita com pressa, para esse momento, o que originava um clima de pressão e desconforto em toda a família. Neste sentido, M. assumia a responsabilidade de limpar e arrumar o seu quarto, da forma que considerava adequada. Adicionalmente, I., M., e J.

---

<sup>20</sup> Os pais de C. viajavam bastante durante a sua juventude, ficando regularmente sozinha em casa.

indicam ter começado a assumir certas tarefas, como cozinhar ou lavar a roupa, por necessidade, em função da ausência dos pais, ou, no caso da alimentação, por vontade de comer pratos diferentes dos que habitualmente eram cozinhados em casa.

### 3.2.3 Sentimento de casa

“Era o meu quarto. Um espaço onde eu podia descobrir-me, ter os meus livros, as minhas coisas, as minhas decorações nas paredes. Punha muitas fotos dos meus amigos, uma parede inteira cheia de fotos. E quando és adolescente é *bué* importante as bandas com que te identificas, os filmes que tu gostas. Então tinha posters dessas cenas, que era para ser um espelho de quem eu era.”. É assim que B. descreve o seu quarto, a divisão em que se “sentia mais em casa” na casa da mãe e um local onde procurava refletir-se a si e aos seus gostos. Apesar de partilhar interesses com a mãe, destaca como neste seu espaço, por exemplo, podia ouvir a sua música, que contrastava com a música que a mãe ouvia nos espaços comuns da casa, como a sala. Tinha, ainda, uma secretária grande para trabalhar, algo que, por ser artista plástica, sempre foi importante para si. Também L., J., S. e M., destacam o seu quarto de infância como o local onde se sentiam mais em casa, sobretudo, por ser o seu próprio espaço, um local de reserva pessoal e da família, onde se podiam refugiar, e onde estavam as suas coisas. Como refere Mihaly Csikszentmihalyi e Eugene Halton (1981): “na infância e na adolescência a privacidade é valorizada porque possibilita à criança cultivar um sentido de autonomia por meio de interações com um ambiente carregado de significados personalizados” (Csikszentmihalyi e Halton 1981, 138). O quarto, enquanto área privada, como refere Rochberg-Halton (1980), “dá uma sensação maior de controlo sobre as atividades e objetos” do que outras divisões da casa. Nesse sentido, “é um lugar onde a própria autonomia pode ser cultivada por meio de “diálogos” com o *eu*, mediados por posses queridas” (Rochberg-Halton 1980, referido em Csikszentmihalyi e Halton 1981, 137). Neste sentido, o quarto é, também, para estas jovens, um espaço de descoberta e de espelho do “eu”, onde faziam as suas próprias escolhas de decoração e personalização do espaço, refletindo e afirmando as suas personalidades, gostos e interesses. Esta personalização do espaço era apoiada genericamente pelos pais que, embora dominassem o resto da casa, consentiram que este lugar fosse decorado e personalizado conforme os gostos das filhas: “uma das coisas que eu sempre pedi ao meu pai, quando se pintava novamente ou se fazia uma limpeza mais profunda, era que eu escolhia a cor das paredes. Então, sempre foram coloridas, assim

mais para o cor-de-rosa. Quando voltámos da segunda casa, fez-se umas obras gerais e eu disse que gostava de escolher a cor do quarto. Já tinha 15 anos e ficou a minha cor favorita que é roxo, mais clarinho, para não ser carregado”, conta S. Também M. relata como foi importante para si o momento em que redecorou o quarto, que tinha mobília na qual não se revia<sup>21</sup>: “Como é uma casa antiga, era um quarto que também tinha mobília antiga, as madeiras escuras, pesadas e aqueles anjinhos nas paredes. Coisas horríveis. Apesar de ser o meu espaço, eu não gostava muito dele”. A entrada no secundário marcou o momento em que M. insistiu com os pais para fazer uma mudança na decoração e colocá-lo mais à sua imagem: “Fomos ao Ikea, e comprei uma cama minha gira, mobília nova, uma secretária como eu queria, e pintámos as paredes pela primeira vez, que eu me lembro, de um azul e cor-de-rosa”. Adicionalmente à nova mobília, M. colocou também novos objetos, espelhando os seus gostos e passando, finalmente, a sentir o quarto como o seu espaço, um santuário das suas referências: “Acho que é uma altura muito de individualismo e de afirmação, então eu lembro-me que depois pus uns quadros magnéticos, montes de frases de músicas que eu gostava e fotos. A partir dessa altura é que eu sentia, isto é mesmo o meu espaço, as coisas aqui são sagradas e feitas à minha maneira”. Perante a agência da casa (Miller, 2001) e dos próprios objetos (Gell, 1998), embora circunscrito, neste caso concreto, ao quarto de infância e, por outro lado, resultado de um processo de negociação entre a agência pessoal de M. e a dos seus pais (Miller, 2001), como destaca Maria Assunção Gato (2013): “é aos residentes que pertence o protagonismo da conversão de uma habitação numa Casa ou num *lar*. Isso acontece, sobretudo, através da ação de apropriação e personalização da Casa por via de remodelações, pequenas obras e decoração”. O seu quarto era, também, um lugar de poder e controlo para M., que estabeleceu as suas próprias regras de limpeza e arrumação do espaço, em oposição ao resto da casa, visto que não se revia na forma como os pais atuavam: “eu não gostava da maneira como os meus pais lidavam com a arrumação e a limpeza, e senti que no meu quarto tinha poder e controlo sobre como é que fazia as coisas, especialmente a partir do momento em que fiz esta remodelação. Aí ainda se tornou mais importante para mim”. Estas constantes negociações recordam-nos como a casa não é um espaço livre, mas, sim, um *lugar* também de constrangimentos pessoais, resultante da coexistência de diferentes indivíduos (Rosales 2015, 56). Por outro lado, L.,

---

<sup>21</sup> Quando M. e a família se mudaram para a casa, que era a casa de férias dos avós, esta já estava decorada. Nesse sentido, a maioria da mobília do espaço não foi escolhida pelos pais.

apesar de considerar o quarto como o espaço onde se sentia mais em casa, “porque era o meu quarto”, a ideia de partilha dos espaços da casa com a família era relevante para a sua construção de sentimento de casa: “Nós tínhamos uma dinâmica muito de partilha do espaço. Não havia aquela coisa das famílias que acabam de jantar e cada um vai para o seu quarto. Nós não tínhamos isso. Ficávamos na sala a ver filmes, séries e usávamos muito todos os espaços”. Também J., apesar de identificar o quarto como o espaço onde se sentia mais em casa, indica que a zona exterior também era importante para si, porque, tal como o quarto, era uma área da casa que podia personalizar, por exemplo, ocupando-o inteiramente, juntamente com colegas de faculdade, durante o período de entrega de trabalhos. A ideia de se refletir num espaço para o tornar seu é muito relevante para J.

Há, no entanto, duas entrevistadas, C. e I., que identificam a sala como o local onde se sentiam mais em casa na casa da família, por ser um espaço de repouso, mas, sobretudo, de convívio com a família, onde estão vertidas as principais memórias da relação familiar. Para I. é o espaço mais aconchegante e menos solitário da casa, onde tem várias memórias de infância a brincar, a abrir presentes no Natal, ouvir música, ver filmes, dançar com a família ou mesmo jantares com amigos da mãe. Já C., que se refere ao quarto de infância como a sua zona mais privada da casa, indica que a parte mais importante e emocional era a sala e o sofá, onde via regularmente com a família filmes e séries: “Era o nosso ponto de encontro. É quase como se o sofá fosse uma cama conjunta de nós os quatro. O quarto era a minha reserva pessoal e o meu isolamento da família. A minha zona de família era a sala”. Para além da privacidade e da importância da materialidade enquanto expressão individual, noutros contextos, a dimensão de convívio da casa revela-se central na forma como se constroem significados em relação a este espaço. Assim, as práticas do quotidiano e os rituais, fundamentais na infância na construção de afetos e sentidos em casa, são relevantes para os significados pessoais da casa (Cieraad 2018, 7), nestes casos, colocando, inclusivamente, lugares centrais da partilha e convívio, como a sala, como protagonistas da criação de sentimento de casa.

Procurei, ainda, compreender se a divisão onde as jovens se sentiam mais em casa, nas casas das suas famílias, era regularmente partilhada com outras pessoas ou não. Aquelas que referem o quarto como a zona onde se sentiam mais em casa, de uma forma geral, não o partilhavam com ninguém. Era um espaço próprio, um refúgio, onde tipicamente estavam sozinhas. Quando este espaço era partilhado, as pessoas que lá entravam eram sempre escolhidas por si e do seu círculo íntimo, como amigos ou, no caso

de M., a mãe: “Eu e a minha mãe damo-nos super bem, somos quase melhores amigas, então eu convidava-a muitas vezes para ir lá. Dizia: eu estou a ler, ou a estudar, queres vir para aqui ler ou fazer alguma coisa?”. Quem refere espaços comuns da casa, como a sala ou o espaço exterior, como C., I., L. e J., partilhavam-no com outros, nomeadamente a família e, até, os animais de estimação. Essa partilha era, aliás, uma razão central para os espaços serem protagonistas na criação de sentimento de casa.

### 3.2.4 Objetos de maior valor emocional

Como o foco da investigação está nos objetos que as jovens trouxeram de casa da família para as suas casas, e no seu contributo para a construção de sentimento de casa, procurei também ter algum contexto sobre os objetos de maior valor emocional das jovens em casa das suas famílias, bem como os locais onde estes estavam guardados ou expostos. Para M., um dos objetos de maior valor emocional eram os brinquedos, que ainda hoje guarda e que, na sua juventude, já estavam arquivados na cave da casa por não os utilizar de forma regular: “Acho que eram os meus brinquedos, eu ainda não disse à minha mãe para se livrar deles, porque são coisas que são importantes para mim. Tenho alguns que eu consigo ver que não faz diferença ficar sem eles, mas depois há outros que são mesmo muito importantes. Eu sou uma pessoa que atribui imensa importância a objetos, por isso, é muito difícil separar-me de alguns”. Também as pequenas lembranças que foi guardando ao longo da sua vida, como cartas, postais e bilhetes de concertos, representativas de experiências e memórias suas, eram relevantes emocionalmente, estando guardadas numa caixa no seu quarto, por serem objetos pessoais e querer assegurar que tinha controlo em quem lhes poderia aceder. Revisitava essa caixa com alguma regularidade, tentando tomar decisões sobre o que fazer aos objetos: “de vez em quando abria a caixinha, dava uma vista de olhos e pensava: se calhar isto já não preciso, já não tem aquele sentimento, ou vou tirar uma foto ao objeto em vez de estar a ocupar este espaço”. As lembranças de M., por serem entendidas como pessoais e, nesse sentido, ser importante para si controlar quem lhes poderia aceder, para além de guardadas no quarto, estavam ainda dentro de uma caixa. Envolver-se com estas memórias, como M. fazia de vez em quando ao reabrir a caixa, pode ser visto como “uma lembrança propositada (...) em que o proprietário pensa conscientemente em ir buscar o objeto para apreciá-lo novamente” (S. Kirk e Sellen 2010, 10:32).

Pode dizer-se que os objetos identificados pelas jovens, como sendo os mais relevantes emocionalmente em casa das famílias, se dividem, essencialmente, em dois tipos: “objetos pessoais”, que são da própria e que, genericamente, estavam alojados em espaços mais privados como o seu quarto, onde cultivam a sua autonomia (Csikszentmihalyi e Halton 1981, 138); e “objetos partilhados”, ou seja, que pertencem a um familiar mas com os quais conviveu, ou que são partilhados por todos e estão expostos ou arquivados em espaços comuns da casa. Recordações, livros, cartazes ou quadros, fotografias e instrumentos musicais são alguns dos objetos pessoais referidos nas entrevistas. L., por exemplo, destaca os seus livros, que associa a fases concretas do seu crescimento e que a fazem “sentir-se em casa”, bem como os cartazes e quadros que tinha no quarto e que tornavam o espaço personalizado, ao refletirem os seus gostos. Por outro lado, I. conta como durante toda a sua adolescência foi mudando de forma regular as paredes do seu quarto, que enchia de recordações como fotografias, bilhetes de avião ou de concertos. Já J. refere um espelho comprado numa viagem à Tunísia, os seus livros, o piano onde estudava música e as molduras com fotografias que ia alterando ao longo do tempo. Todos estes objetos estavam guardados no seu quarto, à vista, para contactar com eles regularmente: “Estavam ao pé da cama, numa espécie de uma secretária que servia de toucador ou em cima do piano, por exemplo. Para mim faz sentido estarem à vista porque olho para eles constantemente e, assim, fazem sempre parte do meu dia”. Para B., os objetos mais relevantes emocionalmente estavam, também, no seu quarto, por projetarem a sua identidade no espaço ou por os considerar objetos privados, sobre os quais queria ter controlo, tal como M.: “Os objetos que estavam no meu quarto não eram bem secretos, mas tinham um bocadinho desse lado. É uma coisa só minha que se eu quiser mostrá-la a alguém eu é que decido. Enquanto tudo o que está no espaço compartilhado da casa é para ser partilhado. A minha mãe, no seu quarto, também tem algumas coisas só dela e eu não vou para lá coscuvilhar”. Refere-se a fotografias, que representavam pessoas importantes para si ou momentos da sua vida, e que eram relevantes para personalizar o seu espaço e espelhar o seu “eu”; uma coleção de CD’s, que, na altura, eram importantes por espelharem os seus gostos; e os seus diários que, entre os 9 e os 12 anos eram escritos, e, a partir daí, passaram a ser gráficos, e que considera reflexos da sua identidade, do seu processo criativo e ideias, no fundo, do seu “eu”. Também C. refere caixas que tinha no seu quarto com lembranças e memórias: cartas de amor, declarações de amigos ou outros objetos que marcaram momentos seus, da escola e de amigos. Tinha, ainda, uma caixa específica apenas com objetos

relacionados com a sua melhor amiga. As caixas estavam numa prateleira no armário, ao lado da cama, não completamente escondidas, mas também não muito visíveis. As práticas de arquivo dos objetos em casa são diversas, como o serão as razões por detrás destas. Por outro lado, no contexto do agregado familiar, as opções de arquivo tomadas têm implicação também nas possibilidades narrativas em torno dos objetos: se são partilhadas com outros ou se estão reservadas ao próprio, como no caso dos exemplos descritos até agora, ditando, assim “como as histórias acontecem, ou mesmo se elas acontecem” (S. Kirk e Sellen 2010, 10:29). No caso destas jovens, os objetos guardados no quarto estavam, nalguns casos visíveis, noutros não, mas eram de uma forma geral de acesso reservado e, se partilhados, sempre de forma controlada pelas próprias. S., por outro lado, refere-se a objetos que, por estarem no seu quarto, “o seu mundo”, tinham adquirido um valor emocional especial: a sua almofada para dormir, hábito que tem desde pequena e que ainda hoje é imprescindível, livros, plantas, CD’s, fotografias que tinha na mesinha de cabeceira, o seu computador e tapetes. Tal como os objetos conferem significado ao espaço, o espaço também atribui significado aos objetos (Hurdley 2006, 723), como acontece neste caso: “Não era noutras zonas da casa que os objetos ganhavam esta dimensão. Era ali (no quarto) que essas coisas tinham adquirido valor, se fosse noutra sítio, seriam outras coisas”.

Já no que diz respeito ao segundo tipo de objetos identificados, os que me refiro como “objetos partilhados”, pode dizer-se que estes refletem, de uma forma geral, memórias partilhadas com outros elementos da família e estão, como já referido, expostos ou guardados em locais partilhados da casa, como a sala. I., que identificou a sala como o espaço onde se sentia mais em casa na casa da família, destaca uma estátua que a mãe comprou há uns anos e que disse que as representava às duas, mãe e filha. I. incorporou esta narrativa e revê-se a ela e à mãe na peça que ganhou valor por essa mesma associação. Pode ser, assim, considerado um objeto mnemónico (Marcoux, 2001), pelo qual I. tem muito carinho, ao ponto de ambicionar um dia levar a estátua para a sua casa. Por outro lado, também a coleção de CD’s da mãe é importante para si, porque representa as memórias do que ouvia em casa na infância e em família. Para C. o álbum de fotografias de família guardado na sala, com memórias passadas, era, a par dos seus objetos pessoais, um dos com maior valor sentimental. Estes objetos, com “padrões de significado orientados socialmente” (Csikszentmihalyi e Halton 1981, 138), ganham valor pela ligação que têm com momentos que são constitutivos da família e da sua história

(Marcoux 2001, 72). Também M. refere as muitas fotografias e álbuns guardados na cave da casa, às quais atribuía um grande valor sentimental, apesar de não se relacionar regularmente com estas: “Acabavam por estar longe de mim e eu não estava muito em contacto com elas”. Já B., destacou, neste campo, dois quadros da mãe que estão na sala: um de um amigo de família, artista plástico contemporâneo, que fez uma peça inspirada no cravo da mãe e, também, uma foto da avó, que morreu quando B. tinha 13 anos, a passear no deserto do Namibe: “Isto são coisas da minha mãe, ainda lá estão. Mas acho que são peças muito bonitas e são muito casa para mim”.

### **3.3 A saída de casa da família**

#### **3.3.1 A escolha dos objetos a levar**

Em contextos de mobilidade, os objetos que as pessoas transportam consigo podem ter um papel relevante para que estas se sintam enquadradas em novos ambientes, como refere Marcoux (2001): “os objetos estão no cerne da problematização da experiência da mobilidade porque, ao mesmo tempo que essas posses se movem em relação a um lugar, podem representar estabilidade em relação às pessoas” (id:71). Não tendo acompanhado a mudança de casa das jovens entrevistadas procurei compreender como foi o processo de escolha dos objetos a levar para a nova casa, bem como se algum objeto que valorizam ficou para trás. As experiências das jovens são, naturalmente, particulares, no entanto, é possível compreender alguns traços comuns entre os diferentes casos. Desde terem transportado os objetos por etapas, priorizando, numa fase inicial, objetos utilitários; ou outros casos em que levaram, simultaneamente, os objetos úteis e relevantes emocionalmente, por terem existido mudanças nos contextos de infância, como a casa ou o quarto ter deixado de existir, ou, simplesmente, por ser importante emocionalmente para as próprias. Outra generalização que se pode retirar das entrevistas é o facto de manterem hoje, nas casas atuais, todos os objetos que trouxeram de casa das suas famílias. Como conta I relativamente à mudança.: “Comecei com coisas mais funcionais e ao mesmo tempo de conforto, tipo o edredão, os lençóis, as toalhas, (...) os pratos, talheres. Também logo no início trouxe alguns livros porque na minha primeira casa eu tinha uma estante e tive logo essa necessidade de preencher com as minhas coisas”. Por outro lado, embora I. quisesse preencher o novo espaço com os seus objetos, nomeadamente aqueles que estavam no seu quarto de infância, como eram os postais que preenchiam as suas paredes, teve alguma reticência em fazê-lo de uma forma imediata.

Conta que pensou que o vazio do quarto poderia originar um sentimento de vazio na mãe ou, escondido atrás deste sentimento, como a própria assume quando conceptualiza esta sua decisão, um vazio em si mesma, ao olhar para o quarto de infância descaracterizado: “Lembro-me de pensar, quando estava a tirar os postais: não vou tirar todos porque a minha mãe vai ficar com um sentimento de vazio se de repente saírem os meus postais todos da parede. Tive essa consciência de calma, vamos fazer isto aos poucos. Eu digo que era para a minha mãe, mas também acho que inconscientemente era um bocado para não criar em mim esse vazio de chegar lá a casa dela e ter as paredes vazias, do meu quarto já estar descaracterizado”. S., que inicialmente se mudou para uma casa muito pequena, em função desse limite de espaço, começou por identificar os objetos funcionais e práticos que eram essenciais para as tarefas domésticas e que não existiam já na casa<sup>22</sup>, como utensílios de cozinha ou a sua roupa, que teve que ir levando de forma gradual para a nova casa, em função da adaptação que fazia ao espaço disponível: “As roupas, com aquele mini armário que eu lá tinha, tive que levar faseadamente e muitas ficaram em casa dos meus pais. Ainda hoje lá estão e até me dá jeito ter lá roupa quando vou lá e fico mais tempo”. Os objetos utilitários transportados são “coisas às quais as pessoas não estão realmente apegadas, mas que são necessárias na medida em que apoiam na realização das atividades do dia-a-dia” (Marcoux 2001, 71). A par disso, no que diz respeito aos objetos mais emocionais, S. conta que impulsionada também por uma questão prática, visto que a casa para onde se mudou tinha uma aparelhagem de som, levou os seus CD’s, mas, também, as plantas. A partir daí, foi trazendo aos poucos, já que, como refere, o tamanho do espaço e o facto de ir a casa dos pais regularmente fizeram com que não sentisse necessidade de trazer todos os pertences de uma forma imediata. A noção de continuidade associada à casa dos pais e, no limite, o “direito a voltar” (Kenyon 1999, citado em Petridou 2001, 88), parece estar de certa forma subjacente a esta sua opção. Também M. foi tomando decisões, ao longo do tempo, já na sua própria casa, sobre o que trazer para o novo espaço, apesar de ter começado a juntar objetos que julgava úteis ainda antes de sair de casa da família. Neste contexto, conta como foi preparando um enxoval ainda quando vivia em casa dos pais e não tinha perspectiva de sair de casa: “Eu gosto *bué* de ir às compras, ao *Lidl*, ao *Aldi*, e, numa altura que eu nem sequer sabia se ia sair de casa, estavam a aparecer coisas que pensava: gostava de ter isto em minha casa”. Eram, sobretudo, materiais de limpeza, como panos que comprou com um bordado

---

<sup>22</sup>A casa já tinha algumas utilidades como roupa de cama, por exemplo.

personalizado, em função da divisão da casa a que eram dedicados. É interessante pensar que a compra de produtos de limpeza para uma potencial futura casa tenha sido prioritária, com M. a ser tão crítica relativamente à forma como os pais geriam a limpeza e arrumação na casa, ao ponto de definir, para o seu próprio quarto de infância e juventude, as normas que considerava mais adequadas. Estes objetos de limpeza parecem ganhar valor pela associação a uma dinâmica que é constitutiva da vida familiar de M., mas, neste caso, da qual se procura distanciar. Por outro lado, funcionam como símbolos de uma identidade que projeta para o novo lugar e para a nova entidade social que está a criar (Marcoux 2001, 79), onde o espaço será gerido à sua maneira e onde poderá, como ambicionava, receber tranquilamente visitas. Imediatamente antes da mudança de casa, M. vivia em casa dos pais do namorado, na sequência da discussão que teve com o pai uns meses antes. Na fase inicial na nova casa, conta que foi tomando decisões práticas e faseadas relativamente ao que levar para o novo espaço, com o apoio da mãe, em função do que era mais urgente: “Foi muito às prestações, pensando o que é que eu preciso para a minha primeira semana? Depois foi um bocadinho à medida do que ia precisando: ‘olha mãe, esta semana fez-me imensa falta isto’, fazia uma lista e ela trazia-me ou eu ia buscar”. Sobre os objetos emocionais, inicialmente, levou consigo os seus livros, plantas e fotografias. Numa fase seguinte, trouxe a coleção de CD’s e discos, bem como os objetos relacionados com os seus *hobbies*, que serão detalhados mais à frente.

Por outro lado, houve quem trouxesse logo de uma vez todos os objetos no momento de sair de casa. Foi o caso de L. que, no contexto da separação da mãe e do padrasto, e da casa onde vivia com ambos ter deixado de existir, teve de trazer consigo todos os seus objetos: “A casa que eu tinha deixou de existir, então eu tive de trazer tudo comigo. Eu não tenho aquela coisa de haver um sítio onde estão as minhas coisas de infância. Não há. Elas estão ali numas caixas. Algumas coisas estão na casa da minha avó, mas, essencialmente, trouxe tudo comigo”. De qualquer forma, conta que começou por empacotar os objetos que estavam no seu quarto, nomeadamente os livros: “comecei a embalar os livros que eram mais importantes para mim levar, as coisas de decoração, os *posters* que queria mais levar, os cartazes e fiz a mala com a roupa”. No entanto, como a casa se “desfez” vários objetos foram divididos entre todos, nomeadamente peças decorativas: “Trouxe muita decoração, até alguma que não era necessariamente minha, mas que não dava jeito a ninguém ficar”. Também J. se mudou juntamente com todos os objetos pessoais relevantes porque, para si, a decoração e a presença de objetos

emocionalmente importantes são fundamentais na construção de uma casa na qual se reveja: “Acabei por trazer tudo o que eu considerava indispensável, a minha roupa toda, todos os objetos importantes e sentimentais como livros, quadros ou o espelho que comprei na Tunísia. Há coisas que é obrigatório virem”.

Refiro, ainda, o caso específico de C. que, não tendo assumido, numa fase inicial, como definitiva a mudança para a casa onde o namorado já vivia, acabou por não formalizar um momento de saída de casa dos pais: “Não foi assumido desde início, foi um processo meio de transição, nunca foi algo muito estável. Houve um racional (na transição dos objetos), que teve a ver com as necessidades que foram aparecendo, mas não foi feita uma curadoria de coisas importantes. Trouxe os objetos importantes numa fase muito posterior, só quando já tinha arranjado espaço na casa para eles”.

Também todas as jovens indicam ter deixado em casa das suas famílias algum tipo de objetos que valorizavam. São, sobretudo, recordações, livros, objetos ligados à infância e juventude que hoje já não valorizam tanto ou que não têm utilidade no dia-a-dia: “Em casa da minha avó ficaram alguns livros de quando eu era criança, livros que eu não queria deitar fora porque são bonitos, são livros que eu gostava quando era miúda. Gostava que um dia os meus filhos usufríssem disso”, conta L. Como principais razões para deixarem os objetos nas casas das famílias apontam a falta de espaço na casa atual, como é o caso de J. que, por isso, não conseguiu trazer o seu piano, ou terem a segurança de que estão bem guardados e acessíveis na casa das famílias, como é o caso de S., que tem um espaço reservado para as suas coisas no sótão de casa dos pais: “Não vieram caixas com recordações de bilhetes, de mapas de sítios onde fui. Tudo isso não vi necessidade de trazer porque é daquelas coisas, como álbuns de fotos antigos, que uma pessoa sabe que estão ali naquele sítio, se eu quiser visitar, posso lá ir, mas não é algo que vá ver numa base diária”. Os objetos deixados à guarda da família continuam a ser importantes e são preservados como uma opção para o futuro, altura em que poderão voltar a fazer sentido ou ser necessários (Marcoux 2001,80). Também a vontade de quebrar com o passado ou uma negociação com o parceiro, surgem, em algumas das entrevistas, como razões para não trazerem determinados objetos para o novo espaço: “As recordações não trouxe porque sinto que esse tipo de objetos, muito rapidamente, perco o controlo. Aquilo vai crescendo e depois de uma caixinha passa para uma caixa grande com coisas que não têm a mesma utilidade. E eu queria separar aquilo que funcionava de uma certa maneira em casa dos meus pais de como iria funcionar cá. E sei que, para mim,

são recordações importantes, mas se as trouxesse para cá para o meu namorado iam ser vistas como tralha”, conta M. Também este caso é demonstrativo de como a agência pessoal e a dos outros estão em constante negociação (Miller 2001, 4). Sob outro ponto de vista, em processos de mudança de casa, como na criação de um espaço para um casal, a escolha dos objetos a levar poderá implicar uma seleção dos objetos pessoais. Por um lado, porque podem existir repetições na conjugação de posses, mas, por outro, porque ao criar-se uma identidade no novo local, algumas das *coisas* podem revelar-se incompatíveis. A escolha dos objetos implica fazer concessões, como deixar para trás objetos que são relevantes para a própria pessoa, como este caso de M. revela (Marcoux 2001, 79). De outro modo, não ver a casa atual como definitiva no seu futuro, como é o caso de S., juntamente com a possibilidade de guardar objetos em casa dos pais, faz com que opte por deixar objetos para trás: “Deixei o resto da coleção dos livros. Era muito difícil de transportar e esta não é uma casa definitiva. Mas os mais especiais vieram, tinha que ser”. De uma forma geral, as jovens ponderam, no entanto, trazer, no futuro, estes objetos para as suas próprias casas, por diferentes razões. Simplesmente porque gostavam de os ter junto a si; por sentirem necessidade de “libertar” a casa da família, como é o caso de I.: “Pretendo trazê-los porque a minha mãe depois dá-me na cabeça e porque acho que uma pessoa sai, tem que sair. E também não é bom para a nossa família, estar ali naquela coisa de querer, se calhar, fazer daquele espaço um novo espaço”; ou, também, por reação a anteciparem que um dia os pais poderão querer transformar os seus quartos de infância, como diz M.: “Basta os meus pais dizerem que vão dar cabo do quarto e aí sei que vou buscá-las”.

### 3.3.2 O quarto de infância e juventude na casa da família

“Sim, tipo museu” ou “está tudo igual, imaculado”: são estas as respostas de C. e M., respetivamente, quando lhes pergunto se o seu quarto de infância e juventude se manteve ou foi transformado, em casa da família, após a sua saída. Também S., J. e I. partilham este contexto, apesar de no caso de S. hoje o quarto ser usado pelo irmão mais novo. Conta, no entanto, que, embora o irmão tenha levado outros objetos para lá, a disposição e função dos objetos que permaneceram mantêm-se praticamente iguais, da mesma forma que as paredes permanecem da cor que S. escolheu na sua adolescência. No caso de I. o espaço sofreu, mais recentemente, ligeiras alterações, apenas porque a sua mãe passou a dormir lá, temporariamente, por estar a fazer obras no seu quarto. Entre

todos, há apenas o caso de B. em que o quarto de infância foi transformado numa sala e o de juventude é hoje o quarto da mãe, e um outro, o de L., em que a casa de infância e, por isso, o seu quarto, deixou de existir, na sequência da separação da mãe e do padrasto. A decisão sobre manter os espaços foi tomada, de uma forma geral, pelas famílias, embora, na leitura das jovens, nem sempre de uma forma ativamente refletida. M., por exemplo, conceptualiza esta decisão em cima de diferentes dinâmicas. Por um lado, apesar dos seus irmãos mais velhos também terem vivido naquela casa, fizeram-no durante menos tempo e sem personalizar os seus espaços<sup>23</sup>. O seu quarto de infância era, assim, o único que foi personalizado e, nesse sentido, poderá existir, por parte dos pais, uma motivação mais clara na preservação do espaço. Por outro lado, no contexto da saída de casa da família após a discussão com o pai, M. interpreta também a manutenção do quarto como sendo significativa de uma eventual vontade dos pais de que voltasse para casa: “Acho que são os meus pais que têm respeito pelo meu espaço e que pensam: é o espaço dela e vai ficar aqui. E acho que até um certo ponto eles também queriam que eu voltasse, então deixaram as coisas como estão”. C., por outro lado, considera que a decisão foi tomada de forma passiva pela família, da mesma forma que já tinha acontecido com o quarto do irmão mais velho, apesar de hoje o seu próprio quarto ser utilizado para receber visitas: “Simplesmente aconteceu. O quarto do meu irmão também está igual, é usado agora como sítio onde se põe a roupa para lavar. Tenho uma prima, mais ou menos a viver na casa dos meus pais, no meu quarto, mas está completamente igual, parece que não está lá ninguém”. O caso de J. é similar: “Nunca houve uma conversa do que é que se devia fazer ao espaço. Acho que foi ficando, era meu, continuava meu. E, efetivamente, continua muito parecido com o meu quarto”. Esta preservação do espaço reflete-se também na preservação de um conjunto significativo de objetos que J. não considera desfazer-se, mas que julga não fazerem sentido estar na sua casa atual: “Há coisas que ficaram lá que não fazem sentido estarem na minha casa de adulta, tipo as minhas maquetes de trabalho, trabalhos que fiz em artes e coisas assim. Mas são coisas que quero manter, obviamente, não consigo deitá-las fora. Também fazem parte daquele quarto e daquela parte da minha vida e gosto de as ter lá por isso”. Assim, de certa forma, para J. é útil que se mantenha aquele espaço, como uma forma de preservar memórias de infância: “aquele contexto todo lembra-me muito a minha infância, a minha adolescência.

---

<sup>23</sup> Recordo que a casa onde M. vivia com a família era a casa de férias dos avós, já inteiramente decorada quando se mudaram. M. só na adolescência reformulou e personalizou o seu quarto. Os irmãos não o chegaram a fazer.

Lá tenho outras fotografias com outras amigas minhas, mais antigas, mais miúdas. Tudo isso fica lá meio congelado e é uma dimensão em que eu entro. Estão lá presentes que me deram quando tinha 12 anos. Se transformasse o quarto, eu acho que tinha de arranjar um destino para essas coisas que lá estão, que são importantes”. O caso de S. é, também, particular. Na casa da família, o seu irmão, 12 anos mais novo, não tinha um quarto próprio e dormia na sala, uma situação que perturbava S. e que também a impulsionou a acelerar a saída de casa: “Ele já estava na pré-adolescência e dormia na sala, na cama onde eu durmo agora quando lá vou. Não tinha exatamente um quarto, isso incomodava-me um bocadinho e não achava justo eu ter um quarto que é o meu espaço e o meu irmão não. Apesar de que ele nunca levantou qualquer problema com isso, nem os meus pais fizeram qualquer tipo de pressão nesse sentido”. Quando saiu, o seu quarto de infância passou, então, a ser do irmão que manteve o espaço, cor das paredes e disposição praticamente igual, uma decisão da qual S. se alheia: “Eu não tive nada a ver a partir do momento em que saí de lá, assumi, isto agora é o espaço dele. A decisão foi tomada pela minha mãe e por ele também”. Também I. atribui à mãe a decisão de manter o seu quarto de infância, salientando que não considera legítima a sua intervenção nessa decisão hoje: “Acho que ela era capaz de me perguntar opiniões, mas a decisão de transformar acho que ela ia tomar sozinha. E eu também acho que não estou no direito de intervir nisso, é a casa dela, apesar de tudo eu já não vivo lá. Desde que eu tenha um espaço para dormir, há-de ser o meu novo espaço, porque o meu agora é aqui”. Da mesma forma que a seleção de objetos a levar para o novo espaço poderá ser encarado como uma metáfora para a seleção de memórias (Marcoux 2001), também a manutenção dos quartos de infância por parte dos pais poderá ser indicador da sua vontade em preservar memórias e lidar com a saída de casa dos filhos, servindo o quarto de suporte mnemónico (Debary e Turgeon 2006, 1). No caso de B., o único em que o quarto foi ativamente transformado numa sala, a decisão também foi tomada pela sua mãe. B. participou no processo, ajudando a escolher o sofá: “Eu acho que é bom a minha mãe ter um espaço para relaxar, é fixe ela aproveitar aquele espaço, também”.

### **3.4 A casa atual**

#### **3.4.1 Olhares sobre a sua casa atual**

As entrevistas com as jovens decorreram nas suas casas atuais. Tendo recomendado que a primeira parte da conversa acontecesse num local onde ambas

podéssemos estar sentadas, em todos os casos começámos por conversar na sala de estar<sup>24</sup>, onde procurei compreender as suas visões da casa atual, como foi o processo de chegada à casa, como vivenciam este lugar e como criaram um “sentimento de casa” neste novo espaço. Depois desta fase de contexto inicial sobre o novo espaço, percorremos a casa para descobrir os objetos que trouxeram de casa da família e que foram relevantes para a criação do “sentimento de casa”.

À semelhança do que descrevi relativamente à casa da família pedi, em primeiro lugar, que cada jovem desenhasse numa folha uma planta da sua casa atual. Depois, partindo também do trabalho de Mihaly Csikszentmihalyi e Eugene Halton (1981), procurei que me descrevessem a casa, quer de uma perspetiva física, quer emocional. Proponho-me aqui a descrever os seus olhares e a cruzar estas visões com a forma como contaram idealizar, ainda quando viviam em casa da família, a sua própria casa e como perspetivam este espaço no seu futuro. Também neste caso as descrições foram bastante detalhadas e estão ancoradas em duas dimensões, comuns à descrição que fizeram de casa da família: os seus olhares sobre o espaço físico da casa e sobre o “eu” na relação com o espaço. Na primeira dimensão, as entrevistadas fazem uma descrição espacial e detalham características físicas, como a dimensão da casa ou de determinadas divisões, a luminosidade, decoração e objetos presentes, ou questões relacionadas com limpeza e arrumação. “É uma casa mais pequena, apesar de ter bons espaços e com luz. Tem uma cozinha ampla, que eu gosto imenso, dá para criar vários ambientes”, conta I., que vive nesta casa com o namorado desde junho de 2022, reforçando, tal como quando descreveu a casa da mãe, o valor que atribui à cozinha enquanto ponto de encontro e de convívio. A existência de espaço na cozinha para partilha de momentos foi, aliás, uma dimensão também identificada por I. ao revelar como idealizava, quando estava ainda em casa da família, a sua própria casa. A configuração da casa revela-se importante para a jovem reconstruir “um quadro doméstico” que procura dar continuidade e reproduzir hábitos e práticas familiares (Silvano 2017, 68) como os convívios que têm as refeições e a cozinha como ponto de partida.

---

<sup>24</sup> Nesta fase da entrevista, só conhecia ainda o espaço da entrada da casa e o local para onde nos deslocámos para conversar.

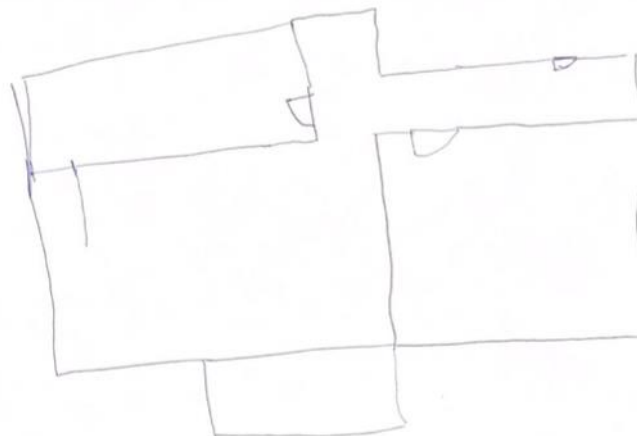


Figura 8 - Planta da casa atual de I., desenhada pela própria

L. mudou-se para a sua casa em maio de 2020, onde vive desde então com o namorado. Quando fez a mudança, o namorado vivia nesta mesma casa com um amigo, que no momento da entrevista, já não morava lá: “Isto é aquelas casas que dizem que é um T2, mas é mentira. Quando eu vim para cá viver este quarto era onde morava um amigo meu, que já não mora cá. O nosso quarto, meu e do meu companheiro, era aqui. Quando ele saiu fizemos o nosso quarto aqui e o escritório para eu trabalhar no outro quarto<sup>25</sup>. No momento da sua mudança, L. conta que a casa não estava decorada. A jovem associa a decoração da casa e a presença de objetos à ideia de vivência de um espaço e, nesse sentido, a inexistência de elementos decorativos era algo que a perturbava: “a casa não tinha decoração nenhuma, parecia que ninguém morava cá”. Grande parte da decoração foi a própria a colocar, com os objetos que trouxe de casa da família, um caso que evidencia como os objetos são relevantes na transformação de uma “casa anónima” para uma “casa com significado”, um processo que pode ser percorrido, nomeadamente, através da decoração (Rosales 2010, 518).

---

<sup>25</sup> Os dois quartos da casa, hoje um quarto e um escritório, estão ligados entre si por uma porta.



Figura 9 - Planta da casa atual de L., desenhada pela própria

Para J., que é arquiteta, o espaço físico da casa é muito relevante e é a centralidade da sua descrição da casa. Valoriza a vista da cozinha para uma zona de campo, a luminosidade da casa e a sua escala, nomeadamente, a da sala, que considera ideal para as duas pessoas que nela habitam: “Aqui tem uma sala de estar, de jantar e cozinha *open space*. Tudo em aberto com uma varanda. Esta zona da casa é virada a norte, portanto, esta varanda não apanha luz, a cozinha ainda apanha um bocado a nascente. Isto tem aqui à frente um grande campo e, por isso, é uma zona mesmo simpática de se estar, principalmente de manhã. Os dois quartos são virados a sul e recebem imensa luz, são os dois espaços mais quentes e têm uma varanda grande que os une. O meu quarto é o maior, a casa teve remodelações e o quarto era a sala e, por ser tão grande, acabava por ter uma configuração desconfortável. Então, tomou-se a opção de pôr um *closet* e o quarto continua a ser grande ainda assim”. Ao longo da descrição que faz do espaço, salienta também o papel que objetos específicos têm nas divisões, como o espelho ou os livros que tornam o *hall* não apenas um espaço de passagem, mas um espaço seu: “É uma casa pequena, à entrada tem um *hall* que até é bastante grande e acaba por ser super simpático porque não é só um espaço de passagem, tem um aparador com os meus livros praticamente todos e dois espelhos, porque é simpático chegar e sair de casa e ver um espelho”.

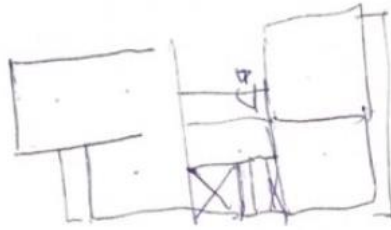


Figura 10 - Planta da casa atual de J., desenhada pela própria

Por outro lado, B., que está nesta casa com o namorado desde novembro de 2019, caracteriza-a como aberta, arejada, embora pequena, mas ideal para um casal. Mudou-se para este espaço depois de ter voltado de Inglaterra, onde estudou a partir dos 18 anos na Universidade. A casa pertence aos seus avós e, por isso, não paga renda: “para nós é um grande milagre que nos aconteceu, quando eu voltei de Inglaterra fiquei com a minha mãe uns meses e já estava pelos cabelos porque já tínhamos ritmos diferentes. Queria o meu espaço e o meu namorado também andava igual em casa do pai dele”. A existência de várias divisões em casa, juntamente com a sua luminosidade, contribui, na sua perspetiva, para que não seja “uma casa sufocante, tem janelas grandes e um bom ambiente”. Também o facto de permitir a existência de um local de trabalho para cada um, visto que são ambos trabalhadores independentes e, por isso, passam muito tempo em casa, é valorizado: “Para nós é perfeito, porque para além de termos o nosso quarto, cada um de nós tem um espaço de trabalho”. Revê, ainda, a configuração do espaço na casa da sua mãe, “versão mais simples”, nomeadamente pela existência de um sótão que, na casa de infância era o seu quarto e, aqui, é o seu *atelier*. Projeta nesta casa o espaço ideal para o arranque de uma vida adulta, por não exigir muito trabalho na sua manutenção, apesar de ambos passarem muito tempo em casa: “é fácil mantê-la arrumada e limpinha”.

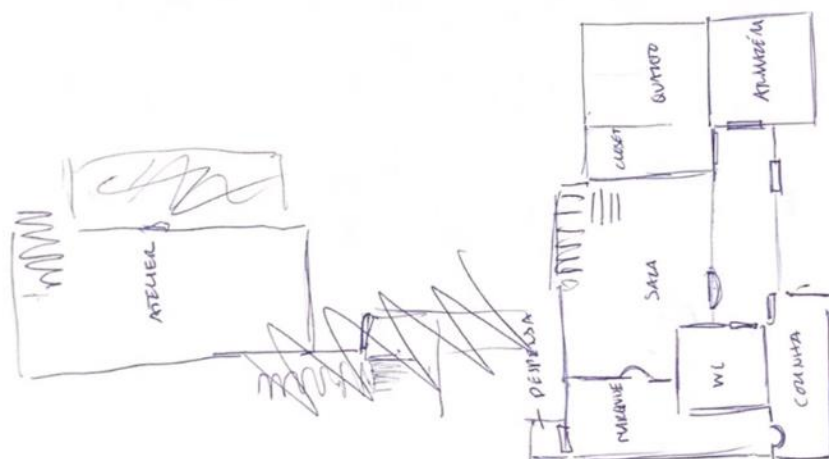


Figura 11 - Planta da casa atual de B., desenhada pela própria

C. mudou-se para a sua casa atual em agosto de 2020, onde o namorado já vivia há 5 anos<sup>26</sup> e onde tem o seu espaço de trabalho como músico, num estúdio que montou na parte de baixo da casa. Relativamente à fysicalidade da casa, C. identifica algumas dinâmicas positivas, como ter uma área que considera muito confortável, em dimensão, para duas pessoas; ou uma “cozinha amarela, dos anos 60 ou 70”, da qual esteticamente gosta muito, embora saliente que está, como vai sendo recorrente na descrição que faz do resto da casa, muito preenchida com objetos herdados: “tem muita tralha”. Valoriza, também, o facto da casa ter uma temperatura confortável, algo que não acontecia na casa da família: “Nem é muito fria nem muito quente, preserva o calor aqui dentro, ao contrário da casa dos meus pais, que era gelada no inverno e um bafo no verão”. Refere, também, algumas características que lhe trazem desconforto, como a insegurança que, por vezes, sente pelo facto da casa estar localizada num rés do chão ou, também, dimensões de que sente falta em comparação com a casa dos pais, como a falta de luz: “É uma casa que tem imensos problemas de luz que acho que é o que eu sofro mais em contraste com a casa dos meus pais. Tem uma zona, autorizada pela Câmara, mas que está para lá do limite do

---

<sup>26</sup> Como já referido, esta é uma casa que está na família do namorado há vários anos, onde, anteriormente, viveram diferentes pessoas da família. Quando se mudou para lá a casa estava já recheada de objetos e materialidades antigas que, ao longo dos anos, se foram acumulando.

prédio, que era uma garagem e foi reaproveitado para um estúdio, que come basicamente a luz toda do resto da casa, sem intenção para metáforas”.

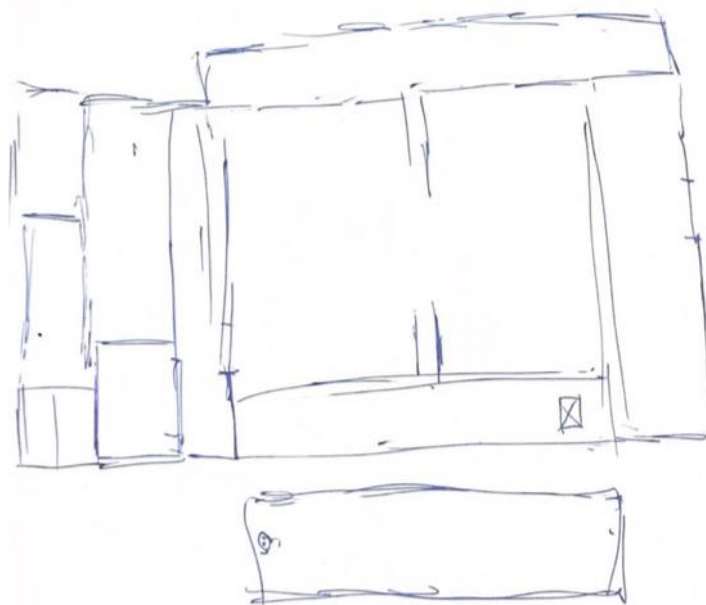


Figura 12 - Planta da casa atual de C., desenhada pela própria

S. mudou-se para a sua casa atual com o namorado em maio de 2022. Mas foi em fevereiro de 2019 que saiu de casa dos pais para viver sozinha, sendo que, mais tarde, ainda nessa primeira casa, o namorado juntou-se. Quando descreve a sua casa atual destaca um conjunto de características que valoriza em oposição à primeira casa onde viveu. É uma casa que foi remodelada antes da sua mudança, pelo que a estão a estrear: “É bom e mau ao mesmo tempo, porque as primeiras coisas que estejam menos bem feitas somos nós que detetamos. Mas, até agora, está a ser bastante tranquilo”. S. é engenheira e trabalha em energia solar, por isso, todas as dimensões relacionadas com luz e sol são valorizadas por si na casa, como a temperatura “amena”, a existência de janelas de um lado e do outro da casa, “tem muito melhor ventilação do que a outra”, a luminosidade do espaço e a existência de espaço exterior: “Tem muita luz, há duas varandas, o que é espetacular, uma delas, mais funcional, a outra mais para as roupas e para as plantas. No verão é espetacular”. Por outro lado, gosta muito do chão da casa, também pelas lembranças que lhe traz de um espaço onde, no passado, praticou *yoga*: “Eu quando cheguei aqui e o vi

pensei: que maravilha. Também me dava um certo sentimento dos locais onde eu costumava praticar *yoga*”. Como na sua primeira casa não tinha cozinha, apenas *kitchenett*, elogia a cozinha atual e as possibilidades de arrumação do espaço: “Poder ter um fogão a sério só para nós, é brutal. E ter armários com bastantes possibilidades de arrumação é ótimo”. S., em casa da família, gostava de estar no seu quarto, “o seu mundo”, mas partilhou como era importante para si “ouvir o resto da casa” e sentir que não estava sozinha. Quando descreve a casa atual, refere-se ao corredor que divide a casa como uma dinâmica a que não estava habituada, por isolar o som, o que, no limite, tem implicações nesta sua vontade de se sentir acompanhada: “O corredor acho que transmite assim um bocadinho de quebra: temos a zona lá para trás e aqui para a frente. Às vezes tem que se falar mais alto se queres chamar alguém, em casas pequenas toda a gente ouve. As portas também são bastante estanques, se estiver fechado, isola bastante”. Também este imaginário estava presente quando S. contou como idealizava a sua própria casa, ainda na fase em que vivia com a família. Para si eram relevantes características como ter um espaço confortável, que possibilitasse momentos de retiro e relaxamento, mas, sobretudo, que não promovesse um sentimento de solidão. Destaca, por fim, a possibilidade de na casa atual ter duas salas que lhe oferecem vivências distintas, uma mais dedicada ao trabalho e outra, a que chama “sala do som”, para ouvir música, fazer *yoga* e relaxar.

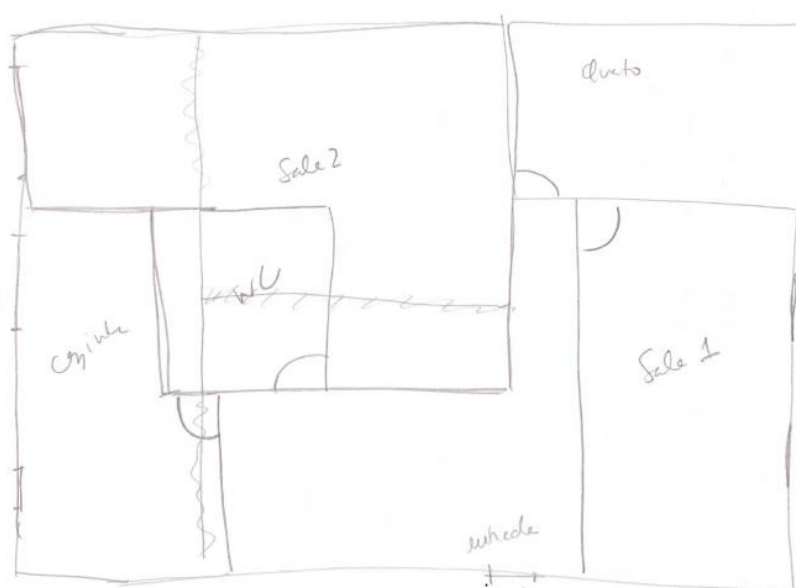


Figura 13 - Planta da casa atual de S., desenhada pela própria

Nas suas descrições, todas as jovens refletem também o seu olhar mais emocional sobre a casa e os sentimentos que esta lhes desperta. “Para mim é uma casa que não é muito minha, porque eu não posso fazer muitas coisas, é um daqueles bloqueios que eu e o meu namorado temos, que é, não podemos furar nada, então é muito difícil fazeres de uma casa tua quando não podes decorá-la. E eu sinto que grande parte da decoração vem de decorar as paredes”. Para M., como conta, é complexo sentir a sua casa atual como sua, com as limitações que tem à personalização, no contexto de ser uma casa alugada. Neste contexto, relata uma visita que fez umas semanas antes à nova casa do irmão mais velho, que remodelou e modernizou uma casa que herdou dos avós. M. considerou a casa muito impessoal, precisamente pela ausência de objetos, uma experiência similar à que tem na sua casa atual: “Não tem decorações, fiquei a achar que era muito impessoal. Eu acho que ainda vai ter, mas, neste momento, que é muito recente, não tem decoração nenhuma. Fiquei a olhar para aquilo, do género: é tão impessoal. Nem sequer fotos havia. E é assim que eu me sinto um bocadinho aqui”. Na sua casa, onde está desde abril de 2021, vive com o namorado, depois de ter passado 6 meses em casa dos sogros, após a discussão que teve com o pai e que a levou a sair de casa da família. No contexto destas limitações que descreve e, também, decorrente da condição de ser uma casa alugada que M. sente como um espaço que, a qualquer momento, pode deixar de ser seu, partilha que esta casa é difícil que tenha, para si, a mesma carga emocional que atribui à casa da família: “não consigo pôr as coisas bem à minha maneira, então também sinto que é o meu espaço neste momento, mas, como é alugada, a qualquer momento pode deixar de ser. Sinto, por isso, que nunca vai ter aquela carga emocional que tem a minha casa antiga. E, depois, tenho essa limitação que sinto que a casa também não consegue ter muita carga emocional porque eu não consigo fazer isto mesmo meu”. No entanto, olha para a casa como “um porto seguro”, o seu primeiro espaço com o namorado o que, simbolicamente, é muito relevante para si. No contexto desta dificuldade que M. revela em atingir, na sua casa atual, o mesmo nível de ligação emocional que tinha à casa dos pais, é interessante salientar que confrontada com a questão “como é que, ainda em casa da tua família, idealizavas a tua própria casa?”, M. indicou ter como grande receio não conseguir sentir-se bem e em casa no novo espaço.

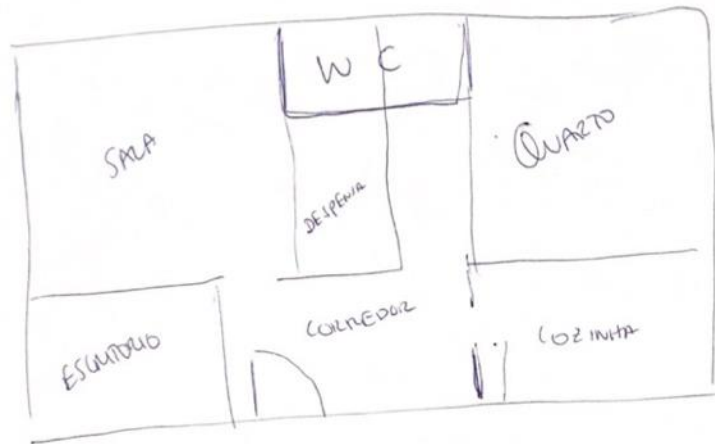


Figura 14 - Planta da casa atual de M., desenhada pela própria

Também I., no contexto do aluguer, refere ter dificuldades na personalização da sua casa atual, o que atrasa a criação de conforto no novo espaço: “Tem algumas coisas que não são minhas, são do senhorio, e acho quebram um bocadinho aquilo que nós teríamos escolhido para ser o nosso espaço. Há algumas nuances que eu mudaria, mas acho que é confortável, é simples. Ainda estou a criar o meu conforto aos poucos”. Sente-se mais segura nesta casa, por ser um 1º andar, em oposição à casa da mãe que ficava no rés-do-chão e considera o espaço simples, acolhedor e amigável, características que julga que reverberam para quem a visita: “As pessoas quando vêm cá também se sentem bem, é uma casa super simples”. Quando contou como, ainda em casa da mãe, idealizada a sua própria casa, I. revelou como a decoração, nomeadamente um estilo de mobília mais modernizado do que o da sua mãe, mas, também, a existência de objetos que promovem uma sensação de conforto, e a garantia de segurança e privacidade, eram fundamentais para si. Como refere Daniel Miller (2001), “a simples ideia de que a casa é uma expressão direta do gosto de alguém é falsa”. Em casos como o de M. e I., que, no contexto do aluguer das suas casas têm fortes restrições na intervenção e personalização do espaço, o aluguer e a sua representação na figura do senhorio, assumem um papel quase “fantasmagórico”, assombrando a vivência das jovens e condicionando aquelas que são as suas vontades: “A impotência que as pessoas sentem em mudar o seu ambiente material cria um sentimento de alienação que pode levar a uma projeção da sua frustração” no espaço da casa (id:113). As leituras emocionais que fazem da casa podem, ainda, estar

relacionadas com as memórias que vão criando no espaço, na partilha com outros, como é o caso de L., que vê espelhadas na sala lembranças de momentos passados com a sua família ou amigos; mas, também, com projeções do “eu” na casa, como é o caso de J. que se sente totalmente refletida neste seu espaço. O seu “eu” mistura-se com a casa: “diria que é a minha cara, o espaço mais confortável onde eu já estive e já vivi. Adoro chegar a casa, é mesmo confortável e é um espaço mesmo muito seguro. Meu, muito meu”.

Por outro lado, tanto B. como S., refletem na casa uma nova sensação de liberdade e de realização pessoal. B., por exemplo, olha-a como um símbolo de uma nova fase da sua vida, é uma casa que a preenche com esperança sobre o futuro, pelo entusiasmo que é gerado por estar a começar algo novo; e representa uma ideia de felicidade e tranquilidade, sensações que advêm da casa ser dos seus avós, que lhes cederam o espaço sem necessidade de pagarem renda: “Foi mesmo uma oportunidade incrível podermos vir para aqui, ter a nossa vida e não termos que partilhar a casa com outras pessoas, como a maior parte dos nossos amigos. Os preços das casas estão insustentáveis, portanto também é uma casa muito feliz e tranquila por causa disso. É um peso que nos saiu dos ombros”. É, no entanto, uma casa que considera temporária, visto que tem vontade de sair novamente de Portugal. Este olhar transitório sobre esta casa atual, continua a alimentar o ideal de casa que B. projetou quando ainda estava em casa da sua família: uma casa fora da cidade, com uma vista bonita e tranquilizadora, onde pudesse ter uma sala de convívio grande para receber pessoas. No entanto, quando pensa no seu ideal de casa, revela que tende a não imaginar tanto a casa em si, mas mais um ideal de *atelier* para trabalhar como artista, um espaço que reúne os seus materiais, cadernos, mas, também, memórias, revelando como a sua identidade se funde com o que faz.

Já para S. esta ideia de liberdade é amplificada pelo espaço físico da casa, em oposição às suas experiências anteriores, sobretudo pela dimensão da casa e pela existência de espaços exteriores: “Esta casa acaba por transmitir uma coisa que eu não sabia bem o que era, que é esta liberdade de movimentos maior, não estou tão condicionada e isso é bastante positivo. As outras casas também me davam liberdade, mas era uma liberdade de puxar pela minha imaginação e criatividade para me tirar dali. Esta já não preciso de recorrer tanto à parte externa. Poder ir à varanda, sentar-me e estar ali ao sol e ver a paisagem, é espetacular”<sup>27</sup>. Por outro lado, a casa espelha um sentimento

---

<sup>27</sup> S. referiu, em diversos momentos da entrevista, a paisagem sobre a Lezíria e rio Tejo que via da janela do quarto em casa da família, algo que valorizava e que transporta para a casa atual.

de realização, por ter sido a própria a “construir”, um espaço que reúne tudo o que considera essencial e que é gerida por si, à sua imagem, sem a alçada dos pais. No fundo, é o seu verdadeiro primeiro espaço: “Esta casa transmite-me muito que tenho aqui tudo o que preciso. Obviamente em casa dos meus pais tinha tudo o que precisava, mas era através deles. Aqui tenho tudo o que preciso, mas fui eu que construí. Também a mudança foi um processo trabalhoso, o que traz também um sentimento de realização. Tudo o que aqui está fui eu, com ajuda obviamente do meu companheiro que também trouxe as suas coisas. Mas é um sítio que giro à minha vontade. Curiosamente, ele também não faz muita questão de gerir, é uma coisa que é muito natural em mim. E dos dois sou aquela que liga mais às organizações”. A casa e os objetos que a compõem estão embebidos de significado e memória, refletindo o passado, o presente, mas, também, os “futuros possíveis” das pessoas: “são eles que transformam a nossa casa no nosso lar, um cosmos privado que abriga as nossas memórias dos tempos passados, bem como as nossas esperanças para o que ainda está por vir. Eles ligam o nosso passado com o nosso presente e os nossos futuros possíveis, enquadrando e refletindo o nosso sentido de identidade” (Hecht 2001, 123).

Já para C., a nova casa apresenta diversos desafios, sobretudo na sua relação com o espaço. Por um lado, viu-se obrigada a conviver, no dia-a-dia, com um conjunto significativo de objetos decorativos e mobília que já estavam na casa, mas, também, materialidades que, simplesmente, estavam lá arquivadas e guardadas<sup>28</sup>, e em muitos dos quais não se revê. Em função da presença de todos esses objetos, havia problemas de espaço e arrumação na casa, que inclusivamente impediam C. de trazer os seus próprios pertences e objetos. Existia, ainda, uma ascendência grande da família do seu namorado, características que conjugadas atrasaram o seu investimento material, mas, também, emocional na casa, inclusivamente, fazendo-a olhar para este espaço apenas como transitório: “O meu investimento na casa começou a ser mais recente, no sentido em que achei que seria uma casa de transição, até cheguei a pensar: só vou assumir que vivo com o meu namorado quando houver uma outra casa. Por isso, só bastante tempo depois é que comecei a investir na casa e a pensar que, pelo menos, deveria explorar o meu conforto aqui, não interessa quanto tempo dure, para não ficar desconfortável mais tempo. Nós tínhamos problemas de espaço, de arrumação, por exemplo, para a roupa. Eu não tinha

---

<sup>28</sup> Por exemplo, coleções de revistas antigas, que não são consultadas hoje em dia por ninguém, mas mantêm-se arquivadas nesta casa.

um armário, o meu namorado. não se desfazia de uma cômoda que estava cheia de roupa velha. Portanto, havia muitas coisas práticas que criavam algum desconforto e que me desligavam desta casa, porque não conseguia trazer as minhas coisas. E, na verdade, ainda não trouxe metade das coisas”. Também as diferentes experiências e projeções de casa que C. e o namorado fazem, em função desta ser a sua primeira casa, mas já a quinta casa onde o namorado vive desde que saiu de casa dos pais, contribuíram para adulterar a sua experiência de casa: “Há milhares de preconceitos, ideias e imagens que tens sobre o que vai ser”. Neste contexto, C. está constantemente a negociar a sua própria agência com a da casa, do namorado e, até, da família deste (Miller 2001). Também neste caso, o sentimento de alienação que sente em relação ao espaço da casa (Miller 2001), parece vir, não só da gestão que tem que fazer das expectativas que tinha para a sua própria casa e que não estão a ser correspondidas, mas, também, de toda a materialidade pré-existente no espaço com a qual foi obrigada a conviver. Criar e tratar da casa é um processo alimentado pelo “desejo de desenvolver um sentimento de casa, privacidade e familiaridade” (Lipman 2019, 84) e os objetos herdados tornam, neste caso, esse caminho menos linear. Adicionalmente, partindo da experiência que teve em casa da família, C. projetou sempre que viveria num sítio onde pudesse ter uma dinâmica de bairro: “A parte que me faz mais impressão é a falta de experiência de bairro, sentir-me mais isolada e longe do tipo de coisas que faço. Estava muito habituada a que as minhas pessoas estivessem sempre lá em casa e eu estivesse sempre fora de casa. Ao mudar-me, há muita coisa que vai ficar para trás em vários sentidos”. A casa de infância, mantendo-se como uma referência, condiciona os significados atribuídos à casa numa fase posterior da vida, sendo o momento de saída de casa também aquele que marca o novo trajeto de redefinição do conceito de casa num novo local (Cieraad 2018, 7). Também o facto da saída de casa dos pais não ter sido logo por si assumida como definitiva, “fui ficando, ao início foi mais assumido por ele (namorado) que eu tinha feito esta mudança, do que por mim”, e a pandemia, que levaram a que passasse um período numa segunda casa da família do namorado fora da cidade e que não tivessem a casa aberta para receber os seus amigos ou família com a periodicidade que gostavam, contribuíram para deturpar a sua experiência de casa que, só mais recentemente, considera plena: “Fui melhorando questões práticas sobre as coisas estarem mais organizadas, mais limpas, ter um armário em que cabe, pelo menos, parte da roupa que eu uso no dia-a-dia, ter um escritório onde eu posso trabalhar sem estar a trabalhar no sofá. Enfim, houve várias coisas que foram mudando e que se foram alterando, que tornaram a minha experiência da casa melhor”.

Importa, por fim, realçar que nenhuma das jovens entrevistadas considera a sua casa atual como definitiva no seu futuro, por não se revelar compatível com o que projetam, quer pessoalmente (por exemplo, ter filhos), quer a nível do que gostavam que fosse o espaço físico da casa.

#### 3.4.2 A chegada à casa: o que fazer no espaço?

Na chegada à casa atual, os processos de decisão quanto à decoração do espaço e distribuição das divisões foram diversos entre as jovens entrevistadas. Existem, no entanto, dinâmicas comuns que partilharei, de uma forma geral, aqui. “Nós viemos para esta casa e já existiam cá alguns elementos. O nosso processo foi um bocadinho olhar e pensar como é que nós podemos adaptar as coisas que temos aqui, mas colocá-las ao nosso gosto. Foi muito à volta daquilo que já havia e nós fomos construindo”. I., como revela, mudou-se para uma casa alugada que tinha já objetos e mobília do seu senhorio, aos quais se procurou adaptar, comprando aos poucos aquilo que lhe fazia falta ou aceitando ofertas de objetos e mobílias da família. Por isso, conta que colocar a casa ao seu gosto e do namorado tem sido uma construção e uma negociação entre estas várias dinâmicas. Também C., como já referido, se mudou para uma casa que estava repleta de objetos herdados - “havia uma acumulação profunda de objetos”, conta. Assim, não passou tanto por um processo de decoração do espaço da casa, mas, sim, por um processo de “curadoria” relativamente ao que já existia no espaço: “Havia um lado mesmo muito pouco prático e não funcional da casa. As coisas foram sendo faladas, negociadas, tratadas e a partir do momento em que começam a ser organizadas umas coisas, torna-se mais fácil e desbloqueia-se esse processo para outras. Esta é uma casa que não é só nossa, é também do irmão do meu namorado. As coisas não podem, por isso, simplesmente desaparecer, há um consórcio de decisão que passa pelo meu cunhado e sogra, antes de alguma coisa sair. Estou a falar de coisas maiores, claro. Portanto, o processo de curadoria foi sendo feito aos poucos”. Os objetos novos que trouxe para a casa, num período inicial, foram poucos e, de uma forma geral, mais utilitários, como um armário para pôr a sua roupa ou prateleiras para os seus livros. Poucos tinham um papel decorativo, a não ser um conjunto de serigrafias que já tinha em casa dos pais na perspetiva de um dia as colocar numa casa sua, e que trouxe para o novo espaço já bastante tempo depois de lá estar. Também M. se mudou para uma casa que tinha já alguns objetos e mobília, embora, comparativamente com o caso de C., de forma bastante menos presente. Privilegiando a

decoreção e personalização do espaço, mas, sobretudo, motivada pela vontade de garantir que se “sentiam em casa” e que esta não estava “despida”, M. e o namorado foram trazendo os seus objetos, num processo sobretudo liderado pela própria: “Ambos tínhamos vontade de trazer coisas, mas eu tinha ideias concretas do que fazer e ele não tinha nenhuma em específico ou nada que quisesse trazer da casa dele, então fiquei de certa forma com essa responsabilidade”. Conta que, apesar de algumas limitações, como não poderem colocar nada nas paredes, fizeram bastante pela decoreção do espaço: “Era uma casa super minimalista, muito pouco vivida também. As pessoas que estavam cá são conhecidas do meu namorado, e estavam no Canadá, por isso, a casa estava praticamente vazia”. Relativamente à organização do espaço, M., por trabalhar em casa, precisava de uma zona de escritório. A área atribuída à sala, pela sua disposição, mantiveram como sala de estar e espaço de lazer. O quarto, optaram por fazê-lo na segunda maior divisão da casa, que era também na zona mais resguardada, e o escritório montaram-no num antigo quarto de crianças, de onde retiraram e venderam uma cama tipo beliche. Também para B. e para o seu namorado, trabalhadores independentes, a existência de espaços de trabalho em casa era fundamental. Neste sentido, foi importante tomarem uma decisão sobre o espaço onde cada um poderia trabalhar e ter os seus materiais, e que estas fossem áreas separadas da sala, a zona de lazer e relaxamento. Quanto à decoreção do espaço, B. conta que foi um processo pouco estruturado, que foi acontecendo aos poucos, sobretudo liderado por si e à medida que ia identificando necessidades, a partir de objetos que levaram e outros que herdaram. Por outro lado, para J. é muito importante a decoreção, personalização e estética da casa, pelo que este foi um processo que priorizou: “Para mim é super importante a decoreção. Todas as minhas casas ficaram sempre diferentes, confortáveis e giras, porque para mim a parte estética é muito importante e a maior parte das coisas que estão nesta casa são todas em segunda mão, que é uma dimensão que eu gosto”. Ainda quando vivia em casa dos pais, foi comprando objetos e até mobília em segunda mão para, eventualmente, as integrar numa casa futura sua: “Isto é uma coisa que é muito minha e eu acho que é importante, eu gosto de pôr cor, gosto que existam objetos que vêm de tempos diferentes, de materialidades diferentes”. Também após o falecimento da avó, quando a família desfez a sua casa, ficou com peças que considerava especiais: “Aquele móvel e aquela mesinha vieram do quarto da minha avó quando estivemos a desfazer a casa. Claro que ninguém dava nada por isto, e eu queria imenso. Isto é uma coisa que me parece super especial e não sei onde é que eu ia arranjar”. Como atribui uma importância grande a esta dimensão, para si é importante que, no momento

da mudança para a casa, esta já esteja o mais próximo possível do final, de forma a sentir-se em casa: “Nem num mês a casa já estava com este aspeto. Numa semana eu já tinha os meus livros, as minhas molduras, as minhas flores secas, já estava tudo aqui, a casa já estava mesmo com ar super vivido e só estava aqui há uma semana”. Também relativamente ao processo de decoração da casa, S. mudou-se da sua primeira casa, um T0, para uma casa significativamente maior. Com receio de que fosse demasiado grande para os objetos e mobília que tinha, fez um plano do que poderia ser distribuído em cada uma das divisões. Neste plano, que liderou, mas que também contou com a participação do namorado, foi integrando ainda mobília e objetos antigos que estavam guardados em casa dos pais, de forma a compor os espaços. Para S. o processo de distribuição das divisões foi, também, relativamente simples, tomando todas as decisões em cima daquelas que considera serem as boas práticas numa casa, por exemplo, o quarto estar no local da casa mais resguardado do exterior e mais estável em termos de temperatura.

#### 3.4.3 Vivências na casa

As práticas do dia-a-dia são essenciais para manter ativos os significados de casa (Cieraad 2018, 7), bem como para transformar um espaço num lugar com significado (Rosales 2010, 518). Neste sentido, procurei compreender quais as vivências das jovens nas suas casas atuais: os locais onde passam mais tempo, como vivem o espaço da casa no seu dia-a-dia e se o fazem de uma forma mais solitária ou convivendo com outros. A vivência do espaço da casa, por parte das jovens, é diferente durante a semana e ao fim-de-semana, sobretudo, por causa do trabalho, mas, pode também variar durante a semana conforme as jovens trabalhem a partir ou fora de casa. “Acordo, vou à casa de banho, estou no escritório o dia todo, muitas vezes almoço no escritório ou na cozinha. Depois acaba o dia e estou muito tempo na cozinha, a cozinhar ou então, às vezes, por exemplo, quando o meu namorado chega a casa é o sítio onde nós vamos para saber como é que foi o dia, beber um café, falar ou ficar ali a partilhar qualquer coisa. Depois ou jantamos lá ou aqui na sala”, conta M., que, durante a semana, trabalha a partir de casa e, por isso, passa praticamente todo o seu tempo na divisão que dedicou ao escritório. Por outro lado, quem trabalha fora, revela estar pouco tempo de manhã em casa e regressar, apenas, ao final do dia. Já o período pós-trabalho e a noite são reservados para momentos de partilha com a pessoa com quem dividem casa, algumas tarefas domésticas, mas, sobretudo, para momentos de relaxamento e lazer, tipicamente, nos espaços comuns da casa, como

partilha S.: “Se trabalhar fora de casa, ao final da tarde chego e ‘morro’ no sofá, ou então vou praticar *yoga*. Olho para as plantas e mexo aqui e ali a ver se a roupa já secou. Trato da refeição ou mando vir, e vou para a salinha das refeições. O meu companheiro trabalha por turnos, portanto, quando são os dias em que ele tem que sair muito cedo, tentamos jantar mais cedo e não ficamos no pós refeição tanto tempo. Nós conversamos bastante e às vezes bebemos uma bebida espirituosa e ouvimos música, não temos televisão lá, por isso, chamamos de sala do som. Se ficar em teletrabalho posso esticar-me um bocadinho mais, se tiver que me levantar muito cedo, já estou mais limitada”. Também B. conta que o namorado “é que costuma cozinhar todos os dias, jantamos juntos, costumamos ver uma série no sofá e depois vamos para a cama”, tal como J.: “Estou sempre aqui em casa um bocado antes de jantar, arrumo o que há para arrumar, cozinho e depois vou para o sofá jantar, tento ficar no sofá o máximo de tempo para descansar e depois vou para a cama”. Também ao fim-de-semana as vivências divergem entre quem faz mais uso da casa nestes dias, nomeadamente para momentos de descanso, lazer e tarefas domésticas, ou quem privilegia estar fora de casa: “Se acordarmos aqui no sábado e nenhuma de nós tiver nada planeado, provavelmente, tomamos um pequeno-almoço tipo *brunch*. Se estiver bom tempo, vamos dar uma volta ao paredão, voltamos, cada uma almoça na sua vida e o resto da tarde e à noite geralmente nunca estamos. Mas domingo isto volta-se a repetir. Se é preciso fazer máquinas de roupa ou louça fazemos e domingo é assim um dia mais para estabilizar e fazer jantar. Se for preciso encomendamos comida à noite, aquelas coisas mais de domingo, mas tentamos também estar aqui as duas juntas na sala”, conta J. que vive com uma amiga na sua casa atual e que, de uma forma geral, passa o tempo fora de casa ao fim-de semana. Também L. procura não estar em casa ao sábado e domingo: “Ao fim de semana não estou muito em casa, costumo ter atividades políticas a que tenho de ir, ou jantar fora, sair à noite. Eu gosto de estar em casa a trabalhar, mas não gosto muito de passar o meu tempo livre em casa”. Já I. dedica, nestes dias, tempo à casa e aproveita o espaço de uma forma mais calma, comparativamente aos dias de trabalho: “Durmo mais, fico mais tempo no quarto, na cama, abro mais as janelas, porque estou mais tempo em casa e faço se calhar uma limpeza ou outra. No fundo, é o que eu faço durante a semana, mas com mais tempo, e se calhar faço outras coisas que muitas vezes não tenho tempo, como ver as plantas, colar as coisas nas paredes<sup>29</sup>, ir pondo a casa mais ao meu jeito”.

---

<sup>29</sup> Refere-se a pendurar peças visuais, como os postais, que trouxe de casa da família.

Quando as jovens estão em casa, a sala, o espaço comum da casa, é onde indicam estar mais tempo, sobretudo, em atividades de lazer. Geralmente, este é um espaço partilhado com quem vive na casa, mas, também, com as “visitas”: “99% das vezes estou na sala porque trabalho muitas vezes aqui apesar de ter um escritório, não sei se é por causa da luz, se só por me sentir mais confortável. Vejo aqui filmes e séries e adormeço muitas vezes no sofá como fazia em casa dos meus pais. E é o sítio onde tomamos o pequeno-almoço, onde almoçamos e jantamos”, conta C. A sala é, também, o espaço da casa onde S. passa mais tempo. É aquele que considera mais confortável, versátil e o primeiro sítio onde traz as visitas: “Em termos de conforto é mesmo a mesma melhor divisão. Este espaço é de trabalho, tenho aqui o computador, mas nós gostamos de jogos, portanto também jogamos nele. Também se lê, também se pratica *yoga*, com ou sem tapete, é onde se trata das plantas, onde se vê televisão, onde se dorme uma boa soneca. É o primeiro espaço onde trago pessoas de fora e descanso muito bem a cabeça e o corpo aqui”. Também J. elege a sala como o sítio da casa onde passa a maioria do tempo, em momentos de lazer à volta da televisão ou em conversa com a amiga com quem partilha casa: “Tipicamente estou no sofá a ver televisão ou a conversar com a minha *housemate*. Nós comemos sempre no sofá as duas. Portanto, se é dia de semana e estamos as duas a jantar, comemos no sofá e estamos a ver um filme ou a conversar. Se é fim de semana acordamos e se nos apetece fazer o pequeno-almoço fazemos e depois vimos para o sofá conversar ou ver televisão”. No entanto, L. e M., por trabalharem em casa e terem criado um espaço de escritório nos seus apartamentos, identificam essa divisão como aquela em que passam mais tempo, normalmente, sozinhas. Para M., no entanto, este não é um espaço que considere “seu”, não se revê nele e encara-o como utilitário: “Eu passo muito tempo no escritório, porque trabalho a partir de casa, estou lá das nove às seis e, às vezes, mais, porque ultimamente a carga de trabalho está um bocadinho alta. Então às vezes janto e ainda volto para lá. Mas é um espaço que não é muito meu, não gosto da maneira como está montado. É um sítio puramente utilitário”. No entanto, a sala é o espaço da casa que considera mais confortável, personalizado e que reúne as atividades dos seus tempos livres. Por isso, tenta passar aqui o seu tempo ao fim-de-semana, com o namorado, a ver televisão, jogar jogos, fazer exercício físico, ouvir música ou ler: “Na sala estou a tentar ver mais televisão, porque sou uma pessoa que não vê televisão, então estou a começar a tentar ver mais. E, recentemente, o meu namorado comprou uma *Nintendo Switch* e agora estamos a jogar um jogo de cooperação. Ofereceu-me também este leitor de vinis e ficamos na sala a ouvir música. É aqui que também tento ler mais. Normalmente

leio antes de ir para a cama, mas estou a tentar fazê-lo aqui, porque é um sítio mais agradável do que o quarto”. Também L. identifica o escritório como o espaço onde passa mais tempo, mas, ao contrário de M., este é o seu local de eleição da casa e no qual reúne memórias relevantes: “Foi onde eu escrevi a minha tese de Mestrado, isso nunca me vou esquecer. É onde eu estou a ler e escrever, onde estou a preparar as várias coisas que faço”.

A casa é, também, um espaço onde podem receber outras pessoas, como os amigos ou a família. Nalguns casos, isso é uma dinâmica que acontece de forma regular, noutras menos, embora seja desejado. M. por exemplo, que tem o “trauma”, como a própria define, de em casa da família nunca receber visitas<sup>30</sup>, procurou compensar isso naquele que é o seu *lugar*: “Nós nunca tínhamos visitas em casa dos meus pais e para mim é quase um trauma. Não havia ninguém lá em casa e eu ficava fascinada quando as minhas amigas me convidavam para ir a casa delas brincar, e depois os pais perguntavam se queria ficar para jantar e eu ficava: uau, isto é o máximo. Quando eu for grande, quando tiver o meu sítio, eu vou querer receber pessoas, não vou ficar com receio de como é que a casa está, vou querer ter a minha casa de uma maneira que, a qualquer altura, possa receber pessoas sem ter que ser sempre na casa dos outros, ou fora ou no café”. Por outro lado, o seu namorado vem de uma casa onde regularmente recebiam visitas, pelo que este é um hábito relevante para si: “Agora é super natural e estamos sempre a convidar amigos. Eu convido a minha mãe volta e meia, de duas em duas semanas ela vem cá, traz-me coisas da minha casa e eu mando coisas também. A minha irmã também mês sim, mês não, vem cá e depois no nosso grupo de amigos há sempre uma rotatividade regular. Estão sempre a vir cá”. Também L. recebe de forma regular em casa a sua família e amigos. Inclusivamente, depois da separação da mãe e do seu padrasto, o hábito já antigo de almoçar semanalmente com a mãe e a avó manteve-se, mas agora na sua própria casa: “Todas as semanas a minha mãe e a minha avó vêm cá almoçar e, normalmente, vêm cá muitas vezes amigos meus, jantar, almoçar, trabalhar, beber um café. Costumamos estar aqui na sala, ao almoço e jantar, ou se vier uma pessoa trabalhar ou estudar comigo, estamos no escritório”. Para C. a experiência de receber pessoas em casa é, também, regular, sobretudo pelo contexto de trabalho do seu namorado: “Recebemos muitas pessoas do lado do meu namorado, tanto por causa do trabalho como de coisas na vida dele. É difícil

---

<sup>30</sup> M. relaciona a pouca disponibilidade dos pais em receber visitas com a falta de limpeza ou arrumação de que era crítica em casa da família.

estabelecer um limite, portanto há muitas pessoas, diria, dia sim dia não, está alguém cá em casa. E do meu lado também, mais amigos do que família, não diria regularmente, mas vou recebendo sim”. Também a percepção de que não recebem tantas pessoas em casa como gostariam está presente no contexto de algumas das jovens entrevistadas. É o caso de B. que atribui essa questão à negociação inerente a viver com outra pessoa e, também, ao facto de viver num sítio afastado da maioria dos seus amigos: “Eu recebo menos do que gostava porque também é isso viver com outra pessoa. O meu namorado gosta de estar sozinho e para ele casa é mesmo um espaço de isolamento. Portanto quando eu recebo alguém, preciso de lhe dizer. E claro que é na boa, mas não apareço aqui com uma pessoa espontaneamente. E eu gosto de receber. A cena é que Almada fica um bocado fora de mão. Já tive alguns amigos de Almada, mas depois foram-se sempre embora”. J., por outro lado, adora receber amigos em casa, mas não o faz tantas vezes como gostaria porque tem uma má relação com um vizinho: “O meu vizinho de baixo é muito chato e já chamou a polícia várias vezes, se não teria cá muito mais pessoas em casa. Mas são, essencialmente amigos, não tanto família”. Já S. sinaliza que a sua rotina do dia-a-dia, juntamente com viverem numa zona mais periférica onde não têm ligações próximas, faz com que recebam poucas pessoas em casa: “Não temos exatamente uma rotina que nos permita receber pessoas e também não temos ainda ligações aqui próximas. Uma das desvantagens desta zona é que acaba por estar um bocado afastada, mas a verdade é que as pessoas que nós conhecemos e que nos são mais próximas também moram todas muito mais longe e outras até nem em Portugal, portanto, acabamos por fazer muito aqui vida entre os dois”.

#### 3.4.4 Sentimento de casa

Sendo o “sentimento de casa” um tema central nesta investigação, procurei, naturalmente, saber em que divisão da sua casa atual é que as jovens se sente mais em casa. “A sala. Sou muito ligada às salas, também na casa da minha mãe era a sala. Tem mais elementos para que eu me sinta em casa, os meus livros, as minhas coisas na parede, a minha máquina de costura, o meu tapete, a televisão, um espaço mais de estar, de descanso, a ver qualquer coisa que me distraia e que me faz ficar feliz ou não. A sala é um bocadinho esta sensação de conforto, de estar a partilhar com alguém, de não estar sozinha”. É assim que I. descreve o espaço onde diz “sentir-se mais em casa” na sua casa atual, valorizando a presença dos seus objetos e a personalização do espaço, mas, também,

os momentos de relaxamento e partilha que lá têm lugar. A presença dos objetos pessoais e a decorrente personalização do espaço são razões que levam as jovens a identificarem determinados lugares como aqueles onde se sentem mais em casa. J., por exemplo, valoriza muito a personalização e decoração do espaço e considera essas dinâmicas essenciais para construção de um “sentimento de casa”. A sala é o espaço que, para si, está mais completo nesse aspeto e, por isso, é onde se sente mais em casa: “Está muito confortável. Acho que é o espaço que está mais completo em termos de decoração como eu idealizava. O meu quarto, por exemplo, ainda não tem os quadros na parede. A sala já está muito, muito completa”. A importância dada à personalização é partilhada também por M. que considera a sala o local onde se sente mais em casa, precisamente por ser aquele que tem mais objetos em que se revê: “É onde tenho mais elementos personalizados. O quarto está muito simples, também pela própria disposição, não há muitas coisas que eu possa pôr num quarto que façam sentido estarem lá e que sejam muito minhas. Por isso, eu acho que este é o sítio que é mais a nossa cara, então é onde eu também me sinto mais em casa”. Também S. identifica a sala como esse local, uma vez mais, por ser onde estão a maioria dos objetos relevantes para si, mas, também, por ser o sítio onde tem contacto, não necessariamente com objetos, mas com dinâmicas que valoriza no espaço, como o sol e a luminosidade: “Reúne a maior variedade de coisas que me são queridas. E, também, a questão do sol e as plantas”. Também para L. a presença dos seus objetos é relevante na ligação com um espaço. No seu caso, esse lugar é o escritório, onde tem os seus livros e fotografias da família, objetos pessoais que são para si centrais na sua casa atual: “os livros que são mais importantes para mim estão lá, aqueles que me acompanham desde a minha adolescência e tenho lá na minha mesa de cabeceira as fotografias da minha família”. Os objetos domésticos têm significado em si mesmos, mas também contribuem para comunicar o “sentimento de casa”, sendo uma das funções mais relevantes “fornecer um ambiente familiar, que possa refletir a ordem, o controlo e o significado dos seus habitantes (...)” (Csikszentmihalyi e Halton 1981, 185). Neste sentido, a presença física, numa determinada divisão da casa, dos objetos que são importantes, parece tornar mais provável que esse *lugar* seja aquele onde as jovens se sentem mais em casa.

Para além dos objetos, também a presença e convivência, em determinados espaços, com as pessoas que lhes são importantes, pode ser determinante para criarem, nesses lugares, “sentimento de casa”. É o caso de B, que indica a sala como o espaço onde

se sente mais em casa, porque é aí que está com quem é importante para si, o namorado, mas também a gata. Mais do que o espaço, a companhia parece ser relevante: “É onde eu estou mais com o meu namorado e com a nossa gata, que são os meus bichos-casa. Eles, nesta casa, são importantes para criar esse sentimento de casa e de conforto”.<sup>31</sup> B. salienta ainda como a gata contribui para esta ideia de felicidade à volta da casa e como veio tornar este seu espaço “ainda mais casa”: “Acho que há um ano, quando arranámos a gata, isso veio trazer ainda mais o ambiente de casa e de família. O meu namorado já é a minha família, nós andamos há nove anos, mas um animal que eu já não tinha desde os 8 anos também traz muito esse ambiente e acho que também é feliz aqui.” Por outro lado, C. que, só mais recentemente, começou a investir no seu conforto no espaço e que tem enfrentado alguns desafios à criação de sentimento de casa, associa também a ideia de casa à presença do namorado: “Há uma questão esquisita que é eu sinto-me muito confortável na casa quando o meu namorado está e quando não está não me sinto bem, que é uma coisa um bocadinho bizarra. Mas ao ponto de eu ter medos”. Neste sentido, C. sente-se desligada da casa física, mas “nada desligada a sentir-me bem aqui com ele, que me sinto e fui sentindo sempre”. As melhorias que tem feito ao espaço recentemente, nomeadamente em questões de arrumação e de garantir uma maior presença dos seus objetos pessoais, melhoraram a sua experiência da casa. No entanto, como refere, “há um lado meu que se sente desconectado da casa” que, inclusivamente, quando o namorado está ausente, a levam a procurar estar fora de casa ou, até, a ir para casa dos pais, onde se sente melhor quando está sozinha. Neste contexto da relação das pessoas com o espaço, indica também a sala como o local onde se sente mais em casa, por ser a zona mais vivida, mas, também, por uma projeção que faz no seu sofá atual, que comprou por ser semelhante ao dos pais, dos momentos de convívio em casa da família, onde este objeto-mobília era central. Quando está sozinha, e visto que o seu sentimento da casa está, sobretudo, ligado à presença do namorado e às vivências conjuntas no espaço, C. sente a sala como um lugar de transição e de espera, encontrando conforto e descanso no seu quarto.

Ainda no contexto desta reflexão sobre o sentimento de casa, procurei compreender como é que as jovens percecionam a influência que a sua relação formal com a casa, ou seja, se esta é alugada ou comprada, tem na criação de sentimento de casa.

---

<sup>31</sup> A projeção do conceito de casa em pessoas foi referida por B. em diferentes momentos, como quando lhe perguntei o que significa casa para si e partilhou que esta também pode ser uma pessoa. Recordo que, especificamente quando vivia fora do país, e não sentia os quartos onde vivia verdadeiramente como seus, referia-se ao namorado, quando a visitava, como casa.

Com exceção de J., todas as jovens vivem em casas alugadas<sup>32</sup> e, de uma forma geral, indicaram que se vivessem numa casa comprada, sua, teriam uma ligação diferente com o espaço. Mais uma vez, a maior possibilidade de personalização do espaço numa casa própria é apontada como uma das razões: “Ia poder transformá-la como queria, até em termos de furar paredes. Cada vez que faço um furo, penso "Ai meu Deus, o meu senhorio vai-me dar na cabeça. É a nossa casa, mas ao mesmo tempo não é", relata I. Também M. refere a possibilidade de tornar o espaço mais à sua imagem como uma dinâmica que a faria sentir mais em casa: “Numa casa comprada, em teoria, vais ter liberdade criativa, de pintar e furar tudo o que quiseres. E numa casa alugada ou, pelo menos, nesta casa alugada eu não posso fazer isso, por isso sinto que sim, se tivesse uma casa própria o sentimento era diferente”. Por outro lado, a projeção de uma maior sensação de estabilidade e, com isso, de um maior sentimento de casa é também evidenciada por M.: “Quando a casa é comprada, é literalmente nossa, é a nossa propriedade. E eu acho que em termos depois de sentimentos, mesmo no subconsciente, tu sabes que a tua casa é tua e vais atribuir sentimentos mais permanentes porque é tua e não a vais perder. Numa casa alugada é quase como se fosse: olha, não te agarres muito, porque nunca sabes o que pode acontecer”. Para C., pensar numa casa própria é, também, libertar-se da herança material e emocional da sua casa atual e poder construir um espaço que é seu e que reflete os seus gostos e história: “Aqui não sinto uma tela branca para eu brincar. Acho que há um lado que tem a ver com essa carga toda e outro que tem a ver com eu não querer aceitar estar numa casa de outras pessoas que não a dos meus pais, porque são os meus pais e eu não decidi vir ao mundo. É estar numa casa que estou meia presa a regras e a dinâmicas antigas”.

Nenhuma das jovens entrevistadas olha para a casa atual como permanente no seu futuro e, por outro lado, assumem genericamente que teriam mais ligação ao espaço da casa se este não fosse alugado, mas, sim, comprado. No entanto, comparando com a casa dos pais, todas as jovens indicam sentir-se hoje mais em casa na sua casa atual, por ser o seu próprio espaço, que reúne os seus objetos e no qual ditam as dinâmicas e a sua organização: “Sinto-me mais em casa aqui porque revela a conquista deste espaço que está à minha maneira, não depende de terceiros, por mais que goste muito desses terceiros.

---

<sup>32</sup> B. e C. não alugam formalmente as suas casas porque estas pertencem à sua família ou do namorado. No entanto, para a análise, optei por as considerar como alugadas, mesmo não existindo lugar ao pagamento de renda, porque as casas não são das próprias e existem constrangimentos similares ao do aluguer.

Aqui é o meu cantinho”, partilha S. Por outro lado, J., também indica: “Nesta, sem dúvida. Eu já não me consigo sentir em casa lá, já não tenho o meu espaço, não estou confortável”. Também C., considera sentir-se mais em casa na sua atual, apesar dos desafios, sobretudo pela presença dos seus objetos pessoais: “Sinto-me mais nesta, apesar de tudo. De vez em quando ainda durmo em casa dos meus pais, vou lá jantar e acabo por adormecer, e sinto-me confortável lá, mas não tenho as minhas coisas de higiene e de conforto. E há embirrações infantis que parecem que surgem quando voltas lá”. M.,<sup>33</sup> não tem dúvidas que é na sua casa atual que se sente hoje mais em casa, por ser o seu espaço, recordando, inclusivamente, que na casa dos pais era apenas no seu quarto que se sentia verdadeiramente em casa: “Mesmo em casa dos meus pais, eu não me sentia em casa no resto das divisões, só me sentia em casa no meu quarto, que era o meu espaço. Agora é que eu tenho um sentimento de casa. Aqui sinto-me melhor e mais em casa”. Apesar desta sensação de casa ter sido transferida para as suas casas atuais, a maioria das jovens mantém, ainda, a chave de casa da sua família. Parte apontam razões utilitárias, porque visitam a casa regularmente ou pela eventualidade de, nalgum momento, precisarem de entrar no espaço quando não está lá ninguém, como é o caso de J.: “Tem uma importância que é muito funcional porque, lá está, a minha vida passa muito pela casa dos meus pais. Eu estou lá pelo 3 vezes por semana e depois acaba por continuar a minha casa, porque se eu preciso de alguma coisa eu posso lá ir sem avisar” ou de B.: “É prático, se a minha mãe precisa que eu vá regar as plantas não faz sentido haver outra chave que seja preciso passar”. Por outro lado, evocam também razões emocionais, por ainda sentirem que a casa da família é o seu espaço. L., cuja casa onde viveu com a família já não existe, mantém a chave de casa da avó onde também viveu em criança e onde hoje a mãe vive parte do tempo: “Continuo a ter a chave de casa da minha avó, apesar de nunca precisar de abrir aquela porta. Mas é porque ela diz que um dia pode dar jeito. E também acho que me faz sentir que aquela casa também é minha”. Também para I., a dimensão emocional é relevante: “Eu acho que aquela casa, apesar de já não ser a minha casa principal, vai ser sempre a minha casa ou uma segunda casa. Sei lá, uma casa”. Quando visitam a casa da família, apesar de terem a chave, parte das jovens assumem tocar à campainha por uma questão de respeito pelo espaço pessoal da família, como é o caso de B.: “Se estiver a visitar a minha mãe e ela estiver lá, toco à campainha, porque acho que é mais respeitoso.

---

<sup>33</sup> Como já referido, M. apesar da discussão que teve com o pai que desencadeou a sua saída de casa, primeiro para a casa dos sogros e, depois, para a sua casa atual, revela que essa situação não perturbou a sua ligação com a casa da família.

Se ela estiver na casa de banho ou assim é um bocado fora eu só entrar para lá” ou L.: “A minha avó e a minha mãe podem estar a fazer qualquer coisa. Eu aviso sempre quando vou e depois toco sempre para elas saberem e porque a casa é delas”. S. também toca à campainha sempre que visita a família e destaca como esse movimento lhe traz boas memórias de infância e uma sensação de casa preenchida: “É aquela coisa que vem dos primórdios de tocar e ouvir a voz a dizer: quem é? Sou eu. Eu quem? Mas não havia essa pergunta, a voz já dizia quem era. Quando toco à campainha o que me vem logo à cabeça é isso, o facto de alguém atender, quer dizer que alguém está lá, vou chegar a casa com alguém lá, a casa vai estar completa conforme me lembro dela”. Por outro lado, C., J. e I. abrem com a sua própria chave por terem, ainda, uma sensação forte de casa naquele lugar, como explica C.: “Não me ocorreria tocar à campainha. Só se tivesse a chave demasiado funda na mala, porque olho para lá como a minha casa, totalmente. E, se for preciso, vou ao correio ainda. Mas aviso sempre quando vou lá”.

### 3.5 Objetos de casa da família relevantes para a criação de sentimento de casa

A partir das entrevistas dedicadas aos diferentes objetos que as entrevistadas trouxeram de casa da família e que foram relevantes para a construção de um “sentimento de casa”, reflito agora sobre a forma como esses objetos apoiaram nessa construção, mas, também, porque é que as jovens decidiram trazê-los para o novo espaço, o papel que ocupam na casa atual, o que significaria ficar sem eles e onde estão guardados ou expostos hoje. Recordo que para me apoiar nesta análise, recorri ao trabalho desenvolvido por Mihaly Csikszentmihalyi e Eugene Halton (1981) onde, a partir do seu trabalho de campo e da análise da relação das pessoas com os objetos que valorizam nas suas casas, os autores criaram uma grelha de categorias de significados que me foi conveniente para pensar, também, os significados por detrás das experiências das jovens que entrevistei. Convoco esta grelha de pensamento sempre que me é útil em termos interpretativos para a análise a que aqui me proponho.

As sete jovens entrevistadas, como já referido, foram selecionadas a partir de um questionário online lançado entre novembro e dezembro de 2021, onde indicaram ter levado de casa da família, para a sua nova casa, objetos que tiveram um papel relevante na construção de “sentimento de casa” no novo espaço. Assim, a entrevista presencial nas suas casas previa um aprofundamento da reflexão em torno destes mesmos objetos. Neste sentido, em cada uma das entrevistas com as jovens, pedi que me levassem até junto dos

objetos, já que, para o contexto da investigação, era importante vê-los nos locais onde as jovens tinham decidido colocá-los, para, entre outras dimensões, enquadrar o seu papel hoje na casa, compreender se estavam ou não visíveis e acessíveis e, no limite, como são geridos no contexto da nova casa e na relação com os outros. Para cada objeto identificado, fiz o mesmo conjunto de perguntas, como se de uma pequena entrevista ao objeto se tratasse: de que forma o objeto ajuda na construção de sentimento de casa; como foi angariado ou obtido; o que representa para a jovem e que papel ocupa na casa atual; o que significaria ficar sem o objeto; em que lugar está guardado e porquê?; e qual a razão para o trazer de casa da família para o novo espaço. Ao narrarem histórias sobre os objetos que têm nas casas, as jovens partilham, também, as suas identidades, relatando dimensões que, de outra forma, poderiam não ser apresentadas (Hurdley 2006, 729). Nesta secção apresento as principais reflexões que resultaram destes encontros.

Entre as sete jovens entrevistadas, foram identificados um total de 39 objetos<sup>34</sup>, maioritariamente livros; objetos como posters, quadros, postais com pinturas e serigrafias que, de uma forma geral, classifico como “arte visual”; fotografias; têxteis, que inclui referências a toalhas de mesa ou de banho, colchas, tapetes ou almofadas; mas, também, escultura, no sentido atribuído por Csikszentmihalyi e Halton (1981), tipologia que se refere a objetos que se enquadram nas artes plásticas, representações tridimensionais e objetos artesanais, desde “alta arte”, a objetos produzidos em massa ou feitos à mão pela própria jovem ou por alguém das suas relações (id:268). Os autores, no seu trabalho, refletem sobre a diferença do significado dos objetos em função da idade e do ciclo de vida das pessoas e, para ilustrar estas tendências, arrumam os objetos em duas categorias distintas: objetos de ação e objetos de contemplação. O primeiro refere-se ao desenvolvimento do autocontrolo, a partir de atos únicos, bem como a objetos que implicam interação física ou movimento, e o segundo ao desenvolvimento de identidade a partir de uma reflexão consciente, em objetos cuja relação com se faz por meio da reflexão ou contemplação. No seu estudo, revelam que os objetos mais queridos pelas crianças apresentam uma propensão para a ação e é, através da sua manipulação física, que surge o seu significado. Já nos idosos, há uma maior ligação a objetos que não implicam uma interação física, como fotografias, livros ou pinturas, demonstrando que existe uma viragem, com o avançar da idade, da ação para a contemplação (id:96).

---

<sup>34</sup> Para definir a tipologia dos objetos, apoiei-me, também, na grelha de categorias criada por Csikszentmihalyi e Halton (1981).

Embora no contexto deste trabalho, até pela concentração dos casos numa faixa etária específica, não exista qualquer ambição de refletir sobre os objetos no contexto do ciclo de vida das entrevistadas, revelou-se interessante compreender se a relação das jovens com os objetos que identificaram tinha um pendor mais reflexivo ou de ação. A maioria deles, 28, foram classificados como sendo um “objeto de contemplação” e os restantes 11 “objetos de ação”. Estas características foram atribuídas sempre tendo em conta o contexto particular da relação de cada pessoa com o objeto, existindo, por isso, determinados tipos de objetos, como os livros, que foram considerados “de ação” num caso e, noutros, “de contemplação”. Para C., por exemplo, os livros que trouxe para a nova casa são úteis para o seu dia-a-dia de trabalho ou para o Mestrado: “Às vezes eu preciso deles para o meu trabalho, portanto, não era viável eles estarem longe. Trouxe os importantes ou os mais úteis para o Mestrado e para temas em que eu estava mais interessada nos últimos tempos”. São, assim, neste caso, considerados um objeto de ação. Por outro lado, para L., os livros significam casa e associa-os, sobretudo, à construção da sua personalidade. Já não os vai reler, mas é, para si, fundamental a sua presença no espaço: “Quando me mudei, a minha mãe e a minha avó disseram-me: não precisas de levar os livros todos, e eu disse: não esses eu vou mesmo ter que levar porque são um bocadinho o que eu associo à minha construção, da minha personalidade, da minha pessoa, são eles que me fizeram ser uma parte de quem eu sou hoje”. Mesmo que no passado, quando L. os leu, os livros fossem objetos de ação, hoje são vistos como um objeto de contemplação, por estarem arquivados e serem um meio para regressar a memórias. Também no caso de alguns dos objetos têxteis identificados se passa o mesmo. I. trouxe de casa da mãe uma toalha de mesa que era regularmente usada em refeições conjuntas e que, por gostar tanto dela, já tinha acordado tacitamente com a mãe que, um dia que saísse de casa, a poderia levar consigo. No entanto, essa toalha não é usada por si na casa atual, por não ter uma dimensão adequada às suas mesas, estando, por isso, guardada numa gaveta na cozinha. É, no entanto, um objeto que reflete inúmeras memórias de casa da sua mãe, que identifica como seu e como parte da sua história, sendo relevante para si que este objeto faça hoje parte da sua casa. Pode, neste caso, dizer-se que a toalha é hoje um “objeto de contemplação”. Por outro lado, I. também trouxe de casa da família uma toalha de banho que usava, já há vários anos, e da qual gosta por ter marcas do tempo e sentir que, nesse sentido, é um objeto personalizado: “Era a toalha que eu mais gostava na casa da minha mãe, porque é grande, não gosto muito das toalhas quando são demasiado novas e fofinhas, gosto assim mais ásperas porque sinto que

absorve mais. Já está assim com umas marcas, é uma toalha muito mais personalizada, sempre que posso é a primeira que escolho”. Este é um objeto que ganha significado por meio da sua utilização sendo, assim, considerado um “objeto de ação”. Cada um dos objetos revelou, também, ter diversos significados incorporados que apoiam a construção de sentimento de casa, sendo a conjugação desses vários significados o que os torna relevantes. São, também, objetos que, por todo o simbolismo que têm associados, foram singularizados pelas entrevistadas, sendo hoje “objetos únicos de expressão pessoal aos quais não pode ser atribuído um preço” (Kopytoff 1986 citado em Arnould e Wallendorf 1988). Neste sentido, em muitos dos casos, os objetos tornam-se também “indissociáveis da pessoa a quem pertencem” (Godelier 1996; Weiner 1992 em Silvano 2017).

### 3.5.1 Objetos como veículos de memória

“Tinha uma parede no meu quarto em casa da minha mãe com estes postais todos. Cada vez que ia a um museu, a algum país, trazia sempre os postais dos quadros que vi. Era uma das áreas mais características do meu quarto. Todos me trazem memórias que eu vivi, e que também são eu, portanto, em certa parte foram coisas que eu vi, que aprendi, vivenciei e que são minhas. São momentos meus. É uma coisa que identifico como minha, como algo que tinha no meu quarto e que via todos os dias”. I. refere-se, neste excerto, aos postais que estavam no seu quarto de infância colados numa das paredes e que hoje, em parte, estão expostos na parede da sala da sua casa atual<sup>35</sup>. Apesar da casa da família estar bastante preenchida com objetos escolhidos pela mãe, existindo pouca margem para que I. colocasse algo seu nos espaços comuns da casa, sempre teve liberdade para decorar o quarto como quisesse. As paredes estavam preenchidas com lembranças pessoais, de bilhetes de avião, a fotografias ou a estes postais que trouxe para a sua nova casa e que evocam, sobretudo, memórias pessoais, relacionadas com lembranças de momentos específicos, como ter visto um quadro que gosta num museu; memórias mais latas, que advêm da viagem e do período da vida em que a fez; mas, também, aprendizagens e vivências suas (Csikszentmihalyi e Halton 1981). A dimensão do “eu” projetada no objeto (ibid.), através das memórias e das suas experiências passadas, é também relevante para I., porque é isso que torna estes postais especiais: “Não faria sentido se tivesse outros postais quaisquer, se alguém me trouxesse de fora um postal. Não faria sentido porque

---

<sup>35</sup> O processo de decoração ainda está a decorrer, pelo que parte estão expostos, outros ainda não.

não era eu”. As memórias e a forma como I. se revê nos postais foram, aliás, a principal razão para trazer este objeto de casa da família para a sua casa: “Tem a ver com esta ideia de transportar a minha identidade, as minhas memórias, não as deixar para trás. Se o fizesse, é como se estivesse a negar as coisas que eu tinha em casa e que eram parte de mim”. Para si, é importante ver-se refletida na casa. Trazer e expor objetos que transportam memórias e vivências pessoais é uma forma de se ver vertida no espaço: “Acabamos sempre por trazer coisas que nos fazem identificar como: isto sou eu. Quase como um cartão de cidadão, uma coisa identitária mesmo, de chegar e identificar como meu. Não conseguiria ter uma casa completamente vazia, as casas brancas, sem qualquer objeto que identifique quem lá vive. Uma pessoa tem de sentir-se relacionada com o espaço”. I., no momento da entrevista, estava ainda a construir esta sua relação com o espaço e, por isso, a maioria dos postais não estavam ainda afixados nas paredes da sala, como é a sua vontade. Através destes, procura salientar as suas memórias, enquanto ambiciona que tenham também um papel decorativo e apoiem na construção de uma identidade estética: “Os postais são, acima de tudo, um quadro de memórias, mas também são decorativos. O meu objetivo é preencher uma parede inteira com isto. É que fique uma parede com vida, com arte, quero misturar com outras coisas que eu agora acrescento, misturar o que eu já tinha com o que há de vir. Tem esse papel também de criar vida, identidade e cor”.

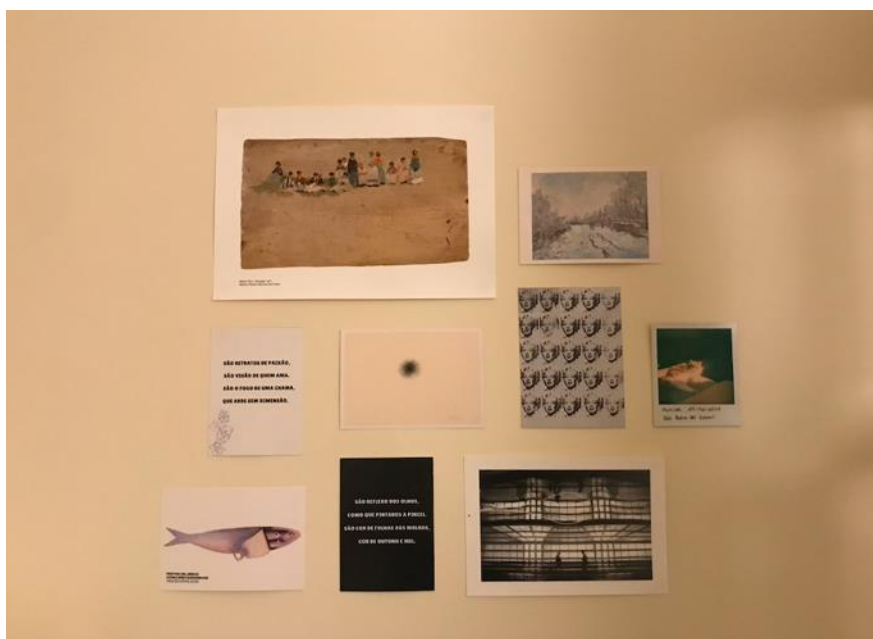


Figura 15 - Postais de I. penduradas na parede da sala



Figura 16 - Postais de I. por pendurar, em cima de um móvel na sala

Tal como neste caso, na experiência das sete jovens, as memórias que os objetos projetam são uma das principais fontes do significado que lhes é atribuído e das principais razões para que tenham sido centrais na criação de sentimento de casa no novo espaço. Os objetos constituem-se tanto como um reservatório de memórias (Anat Hecht 2001; Debary e Turgeon 2007; Kirk e Sellen 2010; Gato 2013), como também de identidade (Miller, 1997; Debary e Turgeon 2007, 2), e são desejados, entre outras dimensões, precisamente pelas “memórias que transmitem” (Debary e Turgeon 2007, 3). Neste sentido, se os objetos recordam memórias, relações, família ou valores tornam-se mais relevantes (Csikszentmihalyi e Halton 1981, 119).

J., tem no móvel da entrada de sua casa uma fotografia em criança ao colo do pai. Esta fotografia já a tinha no seu quarto de infância, na secretária, e foi colocada numa moldura no contexto de um trabalho que teve que fazer para a escola no 9º ano em que o professor pediu que escolhessem a sua fotografia, livro e filme preferidos e explicassem o porquê: “Eu escolhi esta e desde que a pus numa moldura, nunca mais saiu e veio sempre comigo”. A fotografia é o ponto de partida para J. recordar não só este episódio do trabalho para a escola, que fez com que a fotografia passasse a fazer parte do seu dia-a-dia, como também o pai e diferentes momentos que foram vivendo em conjunto ao longo

da vida: “Eu já a tinha na minha secretária em casa dos meus pais, portanto, era uma coisa que eu via todos os dias e sempre quando estava a estudar. É das minhas fotografias preferidas: sou eu e o meu pai. Está mesmo aqui à porta, que é para eu não me esquecer. Obviamente que não me consigo lembrar deste momento, mas consigo lembrar-me de imensos com o meu pai e, portanto, isto acaba sempre por ser um impulso para outras memórias”. Também neste caso, J. associa à fotografia um conjunto de memórias, quer lembranças de momentos concretos, como o trabalho da escola, como *mementos* na perspetiva descrita por Csikszentmihalyi e Halton (1981), ou seja, memórias gerais que não estão associadas a momentos particulares, como as recordações que lhe desperta de diferentes vivências com o pai. Como Anat Hecht (2001) refere, são os objetos “que transformam a nossa casa no nosso *lar*, um cosmos privado que abriga as nossas memórias dos tempos passados”. Por outro lado, como também já referido no caso de I., e como será visível em diferentes momentos deste trabalho, aos objetos estão também associados significados relacionados com pessoas. Desde a própria se projetar no objeto, nomeadamente através de memórias pessoais, como é para J. ter escolhido a fotografia para um trabalho escolar ou ser um objeto que ganhou significado também por estar presente no seu dia-a-dia ao longo de vários anos; como o objeto ser um meio para recordar outros, como é, neste caso, o pai. Esta fotografia transporta consigo, para a casa atual, o sentimento de casa e uma ideia de segurança e conforto que tinha pela casa da família: “É um sentimento de casa que já vinha da outra, uma sensação de segurança. É uma fotografia com o meu pai, é uma sensação de conforto e aquele aconchego de família que vem comigo”.



Figura 17 - Moldura com fotografia de J. com o pai, num móvel no *hall* de entrada

B. tem na sua sala dois postais na parede com reproduções das pinturas “La corbeille d'oranges” de Henri Matisse e “Estúdio (Pombos) (Velazquez)” de Pablo Picasso. Ambos eram parte de um conjunto maior de postais com cópias de obras dos autores, que lhe foram oferecidos pela mãe e avó. Alguns ofereceu a amigos, outros perdeu e estes manteve-os consigo: “Acabaram por ganhar mais impacto por terem sobrevivido”. Como refere Marcoux (2001), quando existe um processo de escolha ou triagem em relação ao que deve ser retido “a pessoa confere mais valor aos objetos retidos (...). Ela ou ele confere-lhe alguma importância que não possuía no início. A produção de raridade, portanto de valor, é de facto o corolário da triagem das coisas” (id:84). Estiveram afixados nas paredes do seu quarto de infância em casa da mãe e, depois, levou-os sempre para as casas onde viveu a seguir, como durante o período em que estudou em Inglaterra, a partir dos 18 anos. São objetos que, neste contexto das memórias, se tornaram especiais e que hoje têm impacto na sua construção de sentimento de casa, sobretudo porque já estão na sua vida há muito tempo, nomeadamente, nos ambientes em que viveu (Csikszentmihalyi e Halton 1981, 271; Marcoux 2001, 84): “Estes postais ajudam na construção de sentimento de casa por me terem acompanhado ao longo destes últimos anos. São coisas que eu trouxe comigo desde que vivia com a minha mãe e que depois, quando cheguei, queria colocar em qualquer sítio de certeza”. Especificamente o postal com a reprodução da obra de Picasso é, ainda, um meio para recordar uma visita a uma

exposição que a impressionou do artista: “Fui ver uma exposição do Picasso com pinturas que ele fez exatamente com o mesmo tema, tipo varandas com dois pássaros, duas pombas e eram 1000 versões diferentes da mesma *cena*. Achei isso também impactante, enquanto artista, que é a perseverança de conseguir ver a mesma coisa de outra perspectiva, de não perder o entusiasmo vezes e vezes sem conta. Este postal, em particular, também me lembra isso”. Como é visível neste caso, as histórias pessoais em redor dos objetos tornam-nos singulares, mesmo que, como nos postais de B., estes sejam na sua essência uma reprodução: “Mesmo que o próprio objeto seja produzido em massa, as histórias sobre ele tornam-no uma produção pessoal” (Hurdley 2006, 723). Também B. destaca dimensões do seu “eu” na relação com estes postais, nomeadamente por representarem artistas e pinturas que gosta: “São artistas que eu admiro e são pinturas que eu gosto, mas não são muito intrusivas. Não queria ter nenhum destes em gigante numa parede, mas são pormenores. Acho que pormenores são *bué* importantes”. No caso do postal de Matisse, a pintura retrata um cesto de laranjas, elemento que B. considera representar o imaginário de casa, contribuindo, nesse sentido, para tornar a sua casa “mais casa”: “Apesar de não ter nada a ver com o meu estilo de desenho nem de pintura<sup>36</sup>, na verdade quase nada do que eu penduro tem, é muito casa, é um cesto de frutas. Não há coisa mais casa para mim do que um cesto de comida. É uma imagem bonita e quente, mas ao mesmo tempo de qualidade e com um tema muito acolhedor, flores e fruta. É mesmo sala para mim”. Este postal foi, inclusivamente, das primeiras “coisas” que colocou no espaço, como que uma marca de que tinha chegado: “Como esta parede é grande, acho que os antigos donos tinham aqui uma televisão, mas para nós não fazia sentido, então foi logo das primeiras que eu pus, tipo: ok este é o nosso espaço, vou pôr a bandeirinha”.

---

<sup>36</sup> Recordo que B. é artista plástica. Quando refere que não é o seu estilo de pintura refere-se ao seu trabalho como artista e não ao seu gosto pessoal.



Figura 18 - Postal com pintura de Picasso, à esquerda, pendurado na parede da sala ao lado de outras peças e obras que não foram abordadas na entrevista



Figura 19 - Postal com pintura de Matisse, pendurado na parede da sala

Para B., os postais não são os únicos objetos que trouxe de casa da família e que, por estarem presentes no seu dia-a-dia há muito tempo (Csikszentmihalyi e Halton 1981; Marcoux 2001), se tornaram relevantes ao ponto de apoiarem hoje na construção de um

“sentimento de casa”. Na visita à sua casa, no sótão onde montou o seu *atelier*, mostrou dois objetos que o avô lhe ofereceu, hoje expostos numa cômoda: uma escultura-pente que parece representar um homem e um peixe feito em cerâmica que hoje está partido. Ambos os objetos a acompanharam nas mudanças de casa, nomeadamente quando foi estudar para fora do país, e levou-os sempre consigo: “São objetos que eu levava comigo sempre e que fazia questão de meter num sítio bonito em todos os quartos onde estive. E depois quando cheguei cá, meti no sótão que é o meu espaço. Como andei com eles quando só vivia em mini quartos afeiçoei-me a eles”. A maioria dos objetos que B. valoriza, como será visível ao longo desta investigação, estão expostos no sótão da casa, um espaço pouco frequentado por visitas e, acima de tudo, acessível a si própria e ao namorado. Na perspetiva de Hecht (2001), este espaço parece ser “um museu privado de memória”, identidade e criatividade. O peixe era onde colocava os seus brincos quando vivia em Inglaterra, mas, nesta sua nova casa, atribuiu-lhe um papel exclusivamente decorativo, embora se tenha partido, “fiquei *bué* triste, mas ainda não consegui colá-lo”. B. relaciona este descuido, que levou a que a peça se partisse, a um maior sentimento de pertença que tem hoje pela sua casa atual, que a poderá levar a depender menos da relação com estes objetos em específico: “Agora que estou aqui há três anos, já me começo a sentir enraizada e comecei a descuidá-los um bocado”. Para além de serem objetos que são um meio para recordar o seu avô, B. destaca também outros sentimentos positivos que estes lhe despertam, enfatizando a sua própria relação com os objetos, como se fossem companheiros que vão presenciando diferentes fases da sua vida e que parecem, até, cumprir quase um papel de amuletos, de certa forma, humanizando-os: “São objetos de que eu gosto e são quase como se fossem brinquedos, mas sem eu brincar com eles. São personagens que me acompanharam já nos vários sítios onde vivi e que estão lá se eu precisar delas”. Como refere Marcoux (2001), no contexto da sua etnografia, também aqui estas “personagens” de B. “tornaram-se atores<sup>37</sup> (...) numa experiência de mobilidade no espaço e no tempo” (id:73).

---

<sup>37</sup> Marcoux (2001) refere esta questão dos objetos como atores no sentido atribuído por Latour (1989).



Figura 20 - Pente e peixe de cerâmica oferecidos pelo avô de B., em cima de um móvel no sótão da casa

As memórias associadas aos objetos podem, também, estar relacionadas com um lugar (Csikszentmihalyi e Halton 1981), no sentido de o objeto ter sido adquirido num determinado sítio e, a partir daí, ficar associado a um conjunto de significados. J., quando tinha 16 anos, comprou numa viagem em família à Tunísia um espelho que hoje é um dos objetos que considera relevantes para a criação de sentimento de casa. Para além de o valorizar esteticamente, é, também, relevante por conter em si uma história, que é a memória dessa viagem: “Eu não gosto de bibelôs que se compram numa loja. Tem de ter alguma história. E o espelho tem essa história. É muito simbólico. Gosto mesmo dele. Acho que é mais simbólico e bonito do que propriamente funcional. Eu devia ter aqui um espelho maior”. O significado original e compartilhado de um objeto pode ser “sobrepuesto ou apagado pelo significado pessoal que adquire” (Morgan e Pritchard 2005, 34). Neste contexto, os objetos que os turistas trazem de uma viagem para as suas casas “fazem parte das construções de si, dos seus próprios projetos individuais de autocriação” (Giddens 1991, citado em Morgan e Pritchard 2005, 34) e tornam-se uma “narrativa de quem o possuiu” (id:34). Por outro lado, este espelho também se tornou relevante pela presença constante no seu quarto de infância (Csikszentmihalyi e Halton 1981; Marcoux 2001), acompanhando-a sempre nas casas posteriores: “Estava todos os dias no meu quarto, eu adorava-o e veio sempre comigo”. Hoje, na sua casa atual, o espelho está numa

mesa que tem no seu quarto, junto à cama, onde reuniu, como se de um “altar” se tratasse, nas palavras da própria, parte dos objetos que são importantes para si.



Figura 21 - Espelho de J. em cima de mesa no quarto



Figura 22 - Mesa que reúne vários objetos importantes para J. no seu quarto

J. tem o hábito de trazer sempre algum tipo de lembrança das suas viagens. Para além do espelho, tem na sua casa atual um presépio que comprou numa viagem que fez com amigas a São Tomé. Era verão, em setembro, e tinha-se separado há pouco tempo do namorado, com quem partilhava casa. Comprou-o numa praia, “a uns miúdos que estavam a vender este género de estatuetas” e foi uma peça importante no regresso à casa da família, após a separação, quando precisou de olhar novamente para o seu quarto de infância e personalizá-lo: “Quando o comprei, em 2019, estava em casa dos meus pais e foi uma altura bem complicada, porque eu saí de casa, vivia com o meu ex-namorado e depois voltei. E quando voltei precisei de fazer do meu quarto um bocado mais casa, porque a casa onde eu vivia com o meu ex-namorado era muito minha, também. Estava toda decorada a meu gosto e quando voltei tive que pôr o meu quarto um bocado assim. Acho que ter um presépio no meu quarto me ajudou a manter um bocado desta tradição, que era uma coisa que eu também fazia nessa casa, de ter objetos que vinham de viagens nossas. Este foi uma coisa que adquiri numa viagem minha, sozinha, e que fez do meu quarto mais casa”. Na sua casa atual, este presépio, hoje visível durante todo o ano num móvel da sala, contribui para o seu “sentimento de casa” por ter incorporado nele uma história, uma memória da viagem, mas, também, por ser um objeto que, de certa forma, materializa uma conquista sua, ao ter recriado o seu espaço na casa dos pais após a separação, como que se recriando a si própria: “Decidi trazer porque é algo que eu trouxe de uma viagem e por gostar dele. Este tem uma história, é uma coisa que eu comprei. Representa mais uma viagem, mais uma coisa que eu adquiri no meio de um processo da minha vida. Foi uma viagem que foi muito gira com as minhas amigas. Gosto imenso dele”. Os objetos adquirem biografias culturais à medida que passam por mãos, contextos e usos diferentes, acumulando assim uma biografia específica ou um conjunto de biografias (Appadurai 1986, 52). Neste caso, o significado original e partilhado do presépio que J. comprou, que tipicamente seria um objeto simbólico do Natal e que estaria exposto apenas nessa altura específica do ano, adquiriu outro significado ao estar imbuído na narrativa pessoal de C., passando a ser um símbolo de uma fase mais delicada da sua vida que está exposto, durante todo o ano, na sua sala de estar.



Figura 23 – Presépio de J. em prateleira de móvel da sala, à direita

Para S. o tapete que trouxe do seu quarto de infância em casa da família e que hoje está na sua sala de estar, junto à janela, é, também, um objeto impulsionador de memórias: “traz-me boas recordações”. Para além de ter estado presente no seu quarto, durante muitos anos, o desenho do tapete retrata um interesse que ainda hoje tem e com o qual cresceu, o espaço: “Veio do meu quarto, é mesmo muito antigo, já está com falhas e tudo. Tem esta decoração de espaço, que é algo que me é bastante próximo, gosto muito, e então acaba por me transmitir um bocadinho de que foi eu crescer com o espaço”.



Figura 24 - Tapete de S. na sala de estar

Repleta de memórias está, também, uma cafeteira que S. trouxe de casa dos pais. Embora não seja o objeto original, recebeu de oferta da mãe uma cafeteira igual à que é usada em casa da família. No seu novo espaço quis recriar um hábito da mãe que, todas as manhãs, usa uma cafeteira como esta para fazer o café, uma reprodução que a apoia na construção de sentimento de casa, ao replicar uma dinâmica de casa da família: “Isto é uma recordação muito forte que eu tenho da minha mãe fazer todas as manhãs o café nestas máquinas. Foi uma coisa que eu senti necessidade de ter para recriar o hábito. E ajuda completamente na criação de sentimento de casa. Ter o café da manhã e esta máquina na bancada é um clássico. Alguma coisa me dizia que eu tinha que ter uma coisinha igual. Traz-me boas recordações e um bocadinho esse cheirinho a casa”. Como sinaliza Kirk e Sellen (2010), os objetos ganham muitas vezes valor sentimental por simbolizarem “lugares, tempos, coisas, pessoas e experiências importantes” (id:10:10) como, neste caso, a cafeteira transporta M. para a mãe e para um ritual desta na casa da família.



Figura 25 - Cafeteira de S. à direita em cima da bancada da cozinha

Também I. trouxe de casa da família os seus livros. Ao colocá-los no novo espaço, numa estante que está à entrada da sala de estar, relata como imediatamente se sentiu mais

em casa: “Lembro-me que quando os pus aqui pensei logo: já parece mais a minha casa. Os livros preenchem coisas, preenchem este móvel e eu acho que uma estante vazia dá a sensação de que não está ninguém, que está vazio”. Os livros representam, por um lado, memórias das suas vivências passadas, no sentido em que a acompanharam em alguns episódios da sua vida: “São livros que eu li ao longo destes últimos anos, portanto, fazem-me lembrar certos momentos”, mas, também, por outro lado, memórias da casa da família, mais especificamente do seu quarto de infância: “Os meus livros eram uma característica do meu quarto e isso teve influência em querer trazê-los e pô-los logo num sentido que é bastante visível”. Nem todos os livros vieram para a nova casa numa fase inicial da mudança. Começou por aqueles que considerava mais importantes e foi trazendo aos poucos, inclusive, alguns que não considera tão relevantes, mas que não quis deixar “desamparados” num espaço no qual já não estaria: “Houve uns que eu trouxe que nem achei assim tanta piada aos livros, mas estavam ali e pensei, não vão ficar aqui, vou trazê-los comigo. São os meus livros, porque é que vão ficar aqui neste quarto que ninguém os vê e que já não fazem sentido e nem têm os outros que estavam ao lado deles?”. Os objetos adquirem também significado pela sua associação com outros objetos (Morgan e Pritchard 2005, 43) como é o caso destes livros que, mesmo não sendo tão marcantes, não fez sentido para I. separá-los daqueles com os quais tem uma maior ligação emocional.

Para além dos livros serem encarados com veículos de memória, no caso de I. também representam aprendizagens pessoais e até mesmo a sua personalidade, quase como uma personificação: “São uma bagagem daquilo que nós acabamos por ser, que é o nosso conhecimento e pensamentos. São estes livros, não é qualquer outro, é este conjunto específico que é meu”. Neste sentido, na casa atual, estes livros prestam também o relevante papel de espelhar os gostos e personalidade de I. no espaço, como se de um cartão de visita se tratassem, promovendo ainda na jovem um sentimento de pertença à nova casa: “Os livros são tipo: olá, esta é a minha casa e estes são os livros que eu leio, que eu li, e que são importantes para mim e, portanto, eu faço parte deste espaço e estes livros fazem parte deste espaço. É um bocado o sentimento de é o meu espaço, é aqui que eu pertença”. Os objetos integram o processo de construção de identidades (Miller 1987 em Silvano 2017, 64). Neste contexto, pode dizer-se que os livros de M. e a sua identidade são mutuamente constitutivos (Giddens 1991, referido em Pauline Garvey 2001, 56), bem como vistos, neste caso, como uma “extensão do próprio eu” (Belk 1995, referido em Morgan e Pritchard 2005, 34).



Figura 26 - Livros de I. numa prateleira de um móvel à entrada da sala

No campo das memórias, os objetos parecem veicular recordações em geral que não estão associadas a um momento concreto, lembranças de momentos específicos, memórias de lugares, memórias que decorrem do objeto estar presente há muitos anos no dia-a-dia, mas, também, memórias que se criam a partir de um objeto ter sido herdado e transmitido dentro da família. I., entre vários objetos que levou de casa da família para a sua própria casa, destaca duas taças que estão hoje guardadas num armário da sua cozinha. Embora as tenha levado também por uma questão utilitária, podem ser encaradas como *mementos* (Csikszentmihalyi e Halton 1981), no sentido em que a recordam da comida de casa da família e das refeições em que a mãe as usava. Por outro lado, uma das taças foi a primeira loiça que a mãe comprou quando foi viver sozinha e que I. agora recebeu como se de uma passagem de testemunho se tratasse: “Esta, que é mais antiga, a minha mãe diz que foi a primeira loiça que comprou quando foi sozinha para uma casa. Quis dar-me e, por acaso, é engraçado porque eu não fazia ideia quando usávamos isso lá em casa. Tem outros significados e ela fez questão de me dar quase como passar o testemunho”. Quando as utiliza desperta-lhe uma sensação de familiaridade e de casa, de conforto de quem contacta com algo que lhe é íntimo, sendo também um veículo para recordar a mãe: “Estar numa refeição e vê-las, traz-me esse sentimento de casa, de casa da minha mãe. Dá esse conforto de uma pessoa já ter visto isto durante toda a vida, no

espaço da minha mãe, no espaço da casa de família e na primeira casa, portanto, lá está, é o sentimento que é inconsciente de uma pessoa se sentir no seu espaço”. São objetos que impulsionam, assim, o sentimento de pertença a este seu novo *lugar*: “É um objeto que foi a minha mãe que me trouxe, portanto, vou-me sempre lembrar que era dela e que utilizávamos lá em casa”. Como refere Miller (1994) a temporalidade é intrínseca aos objetos e o tempo é também responsável por conferir-lhes significado, como acontece no caso de um objeto herdado (Miller 1994, 409). Por outro lado, como Holmes (2018) indica, o sentimento associado aos objetos também pode ser gerado a partir do seu uso no dia-a-dia. Neste contexto, a transmissão de objetos dentro da família, nomeadamente num cenário em vida, pode acontecer não apenas por causa do sentimento em redor do objeto, mas também pela sua utilidade, como parece também acontecer neste caso de I. Assim, “embora o sentimento por esses *itens* seja claro, também é equilibrado com o reconhecimento de seu valor material”, como a utilidade de I. poder usá-las nas suas refeições (id:180-81). Por outro lado, utilizar estas duas taças na sua casa atual é também uma forma de partilhar as suas memórias com outros: “Se vier cá alguém, sou capaz de dizer, olha, sabes, esta taça foi a minha mãe que comprou quando tinha a minha idade e mudou de casa. Conta histórias e traz memórias engraçadas”. Os objetos podem também ser vistos como “veículos para excursões narrativas” (Kirk e Sellen 2010, 10:23-24). Assim, a colocação dos objetos em zonas de destaque da casa ou dar-lhes protagonismo em contextos como são as refeições, são considerados facilitadores para as histórias que um objeto pode contar, através do seu proprietário (ibid.).



Figura 27 - Taças de I., à esquerda a mais antiga, que a mãe comprou quando a própria foi viver sozinha

“Quando eu fiz 17 anos, as minhas amigas ofereceram-me mini fotos de nós, que são autocolantes. São mini fotos das memórias de amizades e de amores que eu ainda tenho”. B. tem hoje, no sótão-atelier de sua casa, onde estão a maioria dos objetos que são para si relevantes na criação de “sentimento de casa”, uma caixa onde guarda este presente das amigas. As pequenas fotografias foram impressas em papel autocolante e, quando foi estudar para fora do país aos 18 anos, levou-as consigo, acabando por colar “uma ou outra na parede e na cama” do seu quarto. Hoje estão guardadas numa caixa, no sótão, que revisita de vez em quando, mas continuam a revelar-se importantes na criação de “um sentimento de casa”, sobretudo, por representarem memórias felizes com os seus amigos, mas, também, de si própria mais nova: “São pessoas de quem eu gosto muito, mesmo que já não me dê todas as semanas. E também são fotos minhas, várias delas são só como é que eu era com 15 anos, o que também é giro. Posso dizer que me dão felicidade. Representam a felicidade das memórias. E é também giro vê-las assim fisicamente, é diferente do que estar só a ver no computador”. Estas fotografias são para B. um objeto com valor biográfico (Hoskins 2007), ao representarem momentos específicos da sua vida, marcadas por um quadro de ação e intencionalidade (Gell 1998) que acorda na jovem memórias de momentos e pessoas concretas da sua juventude, preservando memórias dos seus vínculos pessoais (Csikszentmihalyi e Halton 1981, 69).



Figura 28 - Caixa onde estão guardadas as “mini-fotos” oferecidas pelas amigas

### 3.5.2 Objetos que projetam valores pessoais

“Eu gosto muito de viajar e de viajar sozinha, da ideia de viajar para aprender, para conhecer um sítio e enriquecer. E foi a primeira vez que o fiz, que eu estive sozinha. E acho que quando estás sozinha naquela idade, confrontas-te com muitas coisas que és tu própria, então foi uma coisa super importante para mim de trazer porque acho que tem a ver com quem eu sou”. L. refere-se a uma reprodução de uma pintura do artista William Turner, um dos seus pintores preferidos, que comprou na The National Gallery, em Londres, na primeira viagem que fez sozinha aos 16 anos. Esteve um mês fora e, quando chegou, pendurou a pintura no seu quarto. Este é um objeto que considera muito relevante, não só por estar presente no seu espaço pessoal há vários anos; por ser uma lembrança de um momento específico, a viagem que fez a Londres e o museu que visitou; como, também, porque esta pintura é, de certa forma, a materialização de uma realização pessoal, o início da sua independência ao ter viajado sozinha, conquista alcançada aos 16 anos e que foi relevante numa fase de consolidação do “eu”: “Representa um bocadinho uma ideia de independência, também de autoconhecimento, da fase em que desenvolves o teu próprio gosto, as coisas que tu própria gostas, que vais fazer sozinha, sempre com influência dos pais, mas já desligado. Tem também esse significado de ter viajado sozinha”. Esta peça é, assim, uma representação de um processo de construção da

identidade de L. (Miller 1987 em Silvano 2017, 64) e tem significado também por ser a representação de algo simbólico, como é a conquista pessoal (Csikszentmihalyi e Halton 1981, 20) de viajar sozinha. Adicionalmente, para L. um *lugar* como a casa deve ser um espelho dos seus gostos e interesses e, nesse sentido, a presença de objetos como este é fundamental: “Eu sempre tive uma coisa desde miúda, como quando pomos *posters* da “Bravo”<sup>38</sup> no quarto, que é: eu quero que o meu sítio, o sítio onde eu estou, espelhe os meus gostos e os meus interesses. Desde quando metia fotos de bandas que eu gostava na parede, até hoje, em que gosto de pôr imagens de filmes, de um quadro ou de um sítio onde eu estive, porque acho que o sítio não é meu se ele não espelhar as coisas pelas quais eu me interesso”. Na sua casa, hoje, a reprodução da pintura está exposta no *hall* de entrada.



Figura 29 - Reprodução de pintura de Turner, emoldurada e pendurada na parede do *hall* de entrada

Alguns dos objetos tornam-se relevantes por incorporarem valores pessoais, aspirações, objetivos, conquistas, serem uma manifestação de criatividade ou mesmo, nalguns momentos, por representarem de alguma forma uma pessoa, incorporando traços da sua personalidade (Csikszentmihalyi e Halton, 1981). Nesta secção, partilho objetos

---

<sup>38</sup> Revista para público adolescente

das entrevistadas que se revelaram úteis para a criação de sentimento de casa, ao veicularem este tipo de representações. Os livros de L., como no caso dos posters já descritos, também estão associados à construção da sua personalidade. Colocados numa estante bastante preenchida no escritório da sua casa atual, que até já está a ceder com o peso dos livros, são, entre todos os objetos que apresentou, aqueles que diz que mais a apoiam na construção do “sentimento de casa”: “Tenho uma relação muito grande com os livros, especialmente os meus livros de ficção. Eu acho mesmo que eles são a coisa que me faz sentir mais em casa. Se eles não estivessem cá, não era a minha casa, porque eu tenho uma relação super forte com eles. Eles significam para mim literalmente a ideia de estar em casa”. Entre todos os livros, os de ficção<sup>39</sup> como descreve, são os que mais associa à sua construção enquanto pessoa e ao desenvolvimento da sua personalidade: “Alguns dos livros que aqui estão eu ligo mais à minha adolescência. São um bocadinho o que eu associo à minha construção, da minha personalidade, da minha pessoa, são eles que me fizeram ser uma parte da pessoa que eu sou hoje”. Neste contexto, os livros parecem, ao longo do crescimento de L., terem de certa forma “(...) fornecido um modelo cultural” em torno do qual foi organizando a sua vida (Csikszentmihalyi e Beattie 1979, citado em Csikszentmihalyi e Halton 1981, 70), dando pistas e construindo propósitos para o seu crescimento. Em cada um deles, L. escreveu à mão o ano em que os leu, como que, com isto, marcando de forma definitiva momentos específicos da sua vida. Neste caso, os livros parecem, por um lado, incorporar um certo sentimento de conquista, revendo-se através deles na pessoa que é hoje, no seu crescimento e evolução, e, por outro lado, a ideia de casa, tornando-se estes, por metonímia (Marcoux, 2001) a própria casa: “Se eu sair desta casa, a primeira coisa que eu vou arrumar vão ser os livros. Foi a primeira coisa que eu embalei em casa dos meus pais e que eu fiquei mesmo: isto tem que ir. Eu não os releio todos os dias, mas eles estão aqui, é uma presença”.

---

<sup>39</sup> L. refere-se também aos seus livros académicos e de trabalho, desvalorizando o seu papel na construção de sentimento de casa, na comparação com os de ficção: “Não é uma ligação tão grande como tenho com a ficção, porque eles estão ali mas também podiam estar no meu computador. Hoje em dia já não compro tantos livros académicos em papel”.



Figura 30 - Estante com os livros de L., no escritório

M. trouxe de casa da família a sua coleção de CD's e vinis, que colocou num móvel na sala de estar. Apesar de já não os ouvir no dia-a-dia de forma regular, sobretudo, porque ouve música digitalmente, são importantes para si. Como fã da cantora norte-americana Taylor Swift, vê na compra do CD uma forma de apoio à artista: “Quando sai um álbum, eu compro, não quer dizer que eu vá ouvir o CD fisicamente, mas é a minha forma de apoiar o artista”. Por outro lado, considera-os também uma forma de se expressar e um meio para marcar aqueles que são os seus gostos, nomeadamente num exercício de projeção do seu “eu” para os outros: “É uma forma de expressão pessoal e de mostrar: isto é quem eu sou e é o que eu gosto”. Como sugere Gato (2013), “os objetos que compõem a cultura material da Casa são, simultaneamente, um reflexo da identidade de cada indivíduo e o produto de um jogo negocial produzido para mostrar ao exterior”. Os vinis da Taylor Swift que tem na sua casa atual ganhou-os num concurso da *Universal Music* aos 18 anos, quando estava no primeiro ano da faculdade. Hoje, esses objetos acabam por representar um momento de realização e de vitória pessoal, para além de serem um veículo para recordar um ídolo: “Ganhei num concurso e fiquei super feliz, então também representam esse momento de quando ganhei a discografia inteira em vinil. São representantes de vitórias na vida e de coisas boas. E da Taylor Swift, que é importante para mim”. Há uns meses atrás o namorado ofereceu-lhe um leitor de vinis e, finalmente, pôde ouvi-los: “Até receber o leitor de vinis, fiquei só a olhar para eles”. Esta

discografia, que agora expõe em casa, na sua sala, é representativa de uma artista que M. admira, mas pode também dizer-se que “o seu valor simbólico reside nos esforços investidos em adquiri-lo” (Csikszentmihalyi e Halton 1981, 180), por meio de um concurso, assumindo assim o papel de troféu.



Figura 31 - Estante com os vinis e CD's de M. na sala

Também S. trouxe da casa da família a sua coleção de CD's, bem como a primeira estante que teve, ainda em casa dos pais, para os guardar. Colocou-os, na nova casa, naquela que chama a “sala do som”. Música amadora, tal como o seu companheiro, juntaram neste espaço da casa que dedicam à música as suas coleções de CD's, uma peça que valoriza enquanto objeto, mas também enquanto representação de uma reflexão mais lata sobre o papel do digital e do objeto físico hoje: “Tanto o meu companheiro como eu somos músicos amadores, gostamos muito de música e de ter o objeto em si. O mundo digital de repente pode ir ao ar, mas o físico está aqui. E acaba por ser simbólico, se calhar, o facto de nos juntarmos e de se juntarem as coleções. A música é algo que me acompanha desde sempre e o facto de querer ter o físico daquilo que são os artistas ou os álbuns mais especiais também sempre me acompanhou”. A coleção tem hoje um papel importante nesta sua casa atual, por ter um valor sentimental, inclusivamente pelo próprio ato de S. e o namorado juntarem coleções que são importantes para si num momento em que

começam a partilhar uma vida em conjunto, mas, também, porque são representativos e um apoio para a sua criatividade: “É algo que é de consumo contínuo e de valor emocional e quero tê-los acessíveis porque muitas vezes chego aqui, abro um e vou ver o *booklet*. Muitos deles serviram também para treinar o meu instrumento, que é a voz. Ajudaram bastante nesse caminho e ainda ajudam”. Os objetos, como estes CD’s de S., são singularizados através da “transferência mútua de significado e emoção entre objetos e indivíduos” (McCracken, 1986, em Wallendorf e Arnould 1988, 542). Neste caso, para além de representativos do seu lado criativo e de uma nova fase conjunta de S. e do companheiro, os CD’s representam também os seus gostos e, a junção das duas coleções, a evolução musical de ambos, ao terem descoberto juntos, a partir dos CD’s de cada um, artistas que hoje são dos seu preferidos: “Acabou por haver também um novo conhecimento de outros tipos de música, que fui eu que introduzi ao meu companheiro, outros foi ele e, entretanto, juntos fomos descobrindo outros caminhos e artistas que hoje em dia são dos que mais gostamos”.



Figura 32 - Estante com CD’s de S. na “Sala do Som”

“Eu gosto muito de fazer uma coisa que se chama de *crossing*, que é basicamente registas-te num site e, aleatoriamente, dão-te uma morada. Escreves um postal para essa morada e depois nunca mais interages com a pessoa.”. Para M., no contexto dos objetos enquanto

manifestações de criatividade, era importante ter na sua casa aqueles que lhe permitissem concretizar os seus *hobbies*: “Uma das coisas que eu trouxe logo foi a minha coleção de postais recebidos desde 2019. Tenho aqui os postais todos que me escreveram de todo o mundo, a minha coleção toda de papel de carta e de postais. De outra maneira eu não ia ter quase *hobbies* cá em casa”. O conjunto de postais recebidos e os materiais de estacionário que usa para escrever, estão guardados numa caixa, dentro do armário embutido na divisão que dedicou ao escritório. Para M. a possibilidade de fazer os *hobbies* na sua casa impulsiona o “sentimento de casa” e promove uma sensação de estabilidade na relação com o espaço: “Se eu tiver aqui um *hobby* quer dizer que estou realmente a viver aqui. Estimula a minha criatividade e o facto de eu ter aqui as coisas com que eu faço os meus *hobbies*, faz com que olhe para este como o meu sítio definitivo, onde consigo fazer tudo, desde dormir, a trabalhar, a fazer *hobbies*, etc. Dão-me uma sensação de conforto, a qualquer altura que queira estimular a minha criatividade, ou fazer os meus postais, tenho as minhas coisinhas aqui”. A presença dos postais e dos restantes materiais que a permitem concretizar o seu passatempo e estimular a sua criatividade, surgem, também, como uma forma de M. expressar a sua independência neste novo espaço (Csikszentmihalyi e Halton 1981, 140).



Figura 33 - Caixa onde M. guarda os postais do *crossing*

M. trouxe, ainda, para a casa atual os seus livros que, à semelhança de L., são os objetos que considera que mais a apoiaram na criação de sentimento de casa. Foram também os primeiros objetos que trouxe para o seu novo espaço. Na casa dos pais estavam no seu quarto de infância e refere-se a estes como símbolos de uma realização pessoal, por serem a representação das suas primeiras posses, bem como a materialização de algo que gosta de fazer: “É como se fossem as minhas posses, das que mais me orgulho e são livros que eu gostei muito e comprei ou então corri aquele risco de pensar: vou investir e logo vejo se gosto. Eu gosto muito de ler, por isso também são importantes para mim”. Refere-se ainda aos livros como parte de si e, no fundo, como uma representação sua, como se de personificações se tratassem, sendo protagonistas na criação de um ambiente no qual se revê: “Quando eu vim para cá e queria fazer deste ambiente meu, disse logo à minha mãe: traz-me os livros, porque os livros fazem parte de mim, por isso, são uma das coisas mais importantes de trazer. Eu vejo estes livros um bocadinho como a minha personalidade e eu quero ter a minha personalidade nesta casa. Por isso, os livros ajudam a trazer isso”. Procurou, assim, replicar neste novo espaço, através dos livros que colocou numa estante na sala, o “sentimento de casa” que tinha pelo seu quarto na casa da família: “Quando eu estava no meu quarto de infância, eram dos objetos que mais me davam aquele sentimento de casa e do meu sítio. Então para eu replicar esse sentimento aqui era importante tê-los”. Num contexto doméstico pode dizer-se que constituem o “quadro” as coisas materiais que enquadram a vida quotidiana e que são construtoras de cada pessoa, muitas vezes sem se ter efetiva consciência (Latour 2007). Assim, se os objetos que estão à nossa volta se podem tornar inseparáveis de quem somos (Csikszentmihalyi e Halton 1981, 16), pode também dizer-se que para M., os seus livros “constituem o quadro que dá ordem” ao seu eu. (id:16).



Figura 34 - Livros de M. em prateleiras num móvel na sala

Ainda no contexto de pensar os objetos enquanto veículos de projeção de valores pessoais, M. levou também para o seu novo espaço as plantas que comprou quando ainda vivia em casa da família, bem como fotografias. Quando começou a trabalhar, nos últimos meses em que viveu em casa dos seus pais, começou também a utilizar o *Instagram* e, influenciada por partilhas nessa rede social, de pessoas que tinham plantas nos seus espaços pessoais, teve também vontade de “experimentar como era ter essas plantas”. Começou a comprar e colocou-as na cave de casa dos pais, a zona onde brincava em criança e que se transformou no seu escritório para trabalhar: “Ajudou muito também a fazer daquilo um escritório, um espaço de trabalho que eu gostava”. Sendo um tipo de materialidade diferente, foram, a par dos livros, das primeiras “coisas” a ocupar o novo espaço, tendo-as colocado na sala. Trouxe-as, sobretudo, porque considera-as parte de si: “Quando eu me vim embora, pensei: não vou abandonar as minhas plantas, as minhas filhas. Eu queria sentir-me em casa e foram também das primeiras coisas que eu pedi à minha mãe para me ajudar a trazer, porque fazem parte da minha pessoa”. Tiveram, para si, um papel muito relevante na construção de sentimento de casa por se ver projetada nelas, por incorporarem um ideal de casa e porque, para M., como referido no caso dos CD’s, é relevante que o espaço da casa seja, também, um meio para projetar os seus gostos: “Tem a componente de mim, da minha personalidade, acho que as plantas no geral dão um bom sentimento de casa e isso não havia em casa dos meus pais. Em oposição,

esta parece mais uma casinha com as plantas e também acho que mostra um bocadinho dos meus *hobbies*, das coisas que eu gosto de fazer”. Hoje descreve as plantas como “um dos pontos focais de toda a sala”, tornando o espaço “especial”, seu e vivido: “Dão um sentimento de uma casa e de uma casa vivida”. Neste contexto, as plantas incorporam em si diferentes significados. Por um lado, representam um ideal de estilo decorativo que M. ambicionava para o seu espaço, que lhe foi passado através do que via nas redes sociais e na representação que as pessoas promovem dos seus *lugares* nestes canais, tendo movido, assim, o significado cultural atribuído às plantas para a sua própria vida<sup>40</sup> (McCracken 1986, 80). Por outro lado, podem ser consideradas representativas da capacidade de uma pessoa cuidar (Csikszentmihalyi e Halton 1981, 79), como acontece neste caso com M. que confidenciou olhar para estas “como filhas”. Adicionalmente, “cultivar plantas fornece evidências das habilidades de alguém, portanto, são como troféus que materializam as realizações de uma pessoa” (id:79), uma dimensão que também parece ser relevante neste caso de M. que quis saber como era ter plantas e que hoje, pela sua capacidade de as cuidar, se tornaram uma extensão de si e centrais na ideia de casa.



Figura 35 - Plantas de M. em vasos na sala

---

<sup>40</sup> McCracken (1986), reflete sobre como as pessoas se apropriam do significado dos bens para se expressar, referindo diferentes rituais que são usados para transferir significado do bem para o indivíduo, como o ritual de posse. Neste, os indivíduos não reclamam apenas a posse de determinados bens mas, também, retiram dos objetos as qualidades que lhes foram atribuídas pelo *marketing* (que atualmente encontra nas redes sociais uma forma de influenciar as pessoas) movendo, assim, o significado cultural dos bens para as suas próprias vidas.

Trouxe, também, para a nova casa fotografias da família e suas com o namorado. Apesar da casa dos seus pais não ter fotografias expostas conta como, a partir da relação com outras casas, estas passaram a ser relevantes no seu imaginário do que é uma casa: “A minha ideia de casa tem muitas fotografias, por isso, tentei pôr fotografias aqui também. E essa ideia que construí da presença de fotografias na casa não tem tanto a ver com a experiência de casa dos pais, mas com o que via noutras, como a casa dos meus tios ou dos meus avós”. Esta materialidade incorpora, assim, para M. um ideal de uma casa vivida, com história: “Como é a ideia que eu tenho das outras casas vividas, ajuda-me a criar sentimento de casa porque penso que é isto que as casas normais têm. Os avós têm sempre montes de molduras e fotos pequeninas ou grandes”. Como refere Hurdley (2006), “explorar as narrativas sobre as coisas enfatiza a função das (...) áreas expositivas em casa”, como aquelas onde se colocam molduras. Por outro lado, a materialidade não é delimitada pelo tempo ou espaço, mas é através desta que “as pessoas constroem histórias de presenças ausentes, um horizonte além do qual habitam o passado e o futuro, o outro mundo e o eu ideal” (Didau, 2001, referido em Hurdley 2006, 721). M. procura, assim, compensar com a presença das fotografias neste seu novo espaço, uma materialidade que transporta para si a ideia de casa, mas que não estava presente na casa da sua família. Por outro lado, ver as pessoas que lhe são queridas, no móvel da sala onde colocou as fotografias, apoia na criação de conforto e personaliza o novo espaço: “Ver as pessoas que gosto, dá uma sensação de conforto. Se eu não tivesse aqui fotos do meu sobrinho, de mim e do meu namorado, ia ser um bocadinho impessoal. Foi isso que eu tentei simular aqui. Olho e vejo as pessoas que gosto, e as memórias, então fico logo feliz”. O valor das fotografias está, ainda assim, na memória das pessoas que evocam e que são relevantes para a construção do sentimento de casa (Gato 2013). Também o facto de em casa dos pais do namorado existirem muitas fotografias foi um motor para que M. procurasse garantir esta presença no seu novo espaço, movida pela preocupação de que este se sentisse em casa: “Era para me sentir bem em casa e também para o meu namorado se sentir num sítio caloroso, porque a casa dele também tem fotos, então eu achei que íamos conseguir fazer aqui um paralelo”.



Figura 36 - Fotografias de M. expostas no móvel da sala

### 3.5.3 Objetos que projetam o “eu”

“São coisas minhas, pensamentos meus, ideias. Também são fonte de inspiração, porque são coisas que eu pego e que revisito se estiver sem ideias para ver se há alguma coisa engraçada. Acho que é mais íntimo do que uma fotografia de alguém, a não ser que eu a tivesse tirado, porque fui eu que fiz”. B., artista plástica, reúne no sótão da sua casa, onde tem o seu *atelier*, a coleção dos cadernos e diários gráficos que fez nos últimos anos: “Quando chegámos, esta secretária já estava cá e eu ocupei-a logo com as minhas coisas. Gosto de os ter de fácil acesso, porque é *fixe* poder usá-los também como objetos de consulta, não só como diários”. Até aos 12 anos, criava sobretudo diários escritos e, a partir daí, passaram a ser gráficos. São feitos por si, uma representação da sua criatividade e, por isso, da sua intimidade, apoiando, assim, a criação de sentimento de casa. Os objetos “feitos à mão”, como são estes diários criados por B., estão “imbuídos da pessoa que os produziu” (Inge Maria Daniels 2001, 224), bem como de memórias e qualidades afectivas (Chevalier 1995, citado em Inge Maria Daniels 2001). Por outro lado, são, também, um meio para aceder a lembranças de momentos passados, por estarem muitas vezes representadas nas suas páginas, através do desenho, situações que viveu: “São memórias, claro, porque se eu vou à procura em específico de um caderno de um verão também tenho nele desenhos de pessoas com que eu estava”. Para B. era fundamental ter

os seus cadernos e diários na nova casa, porque é importante que eles estejam todos juntos, como um arquivo do seu percurso pessoal e artístico: “Não faz sentido estarem divididos. Até os que eu estou a trabalhar, estão agora no *atelier*<sup>41</sup>, mas quando eu acabo normalmente trago para aqui, porque é tipo um arquivo, um acervo”. Preservar este arquivo é, também, para B., fazer a manutenção de uma ideia de futuro em que este acervo é partilhado com outros: “Quando eu tiver filhos e netos, acho que é fixe eles também andarem pelas minhas coisas”. Como identifica Kirk e Sellen (2010), a motivação para arquivar bens pode também estar relacionada com um sentido de missão em que os objetos são guardados pela vontade de que sejam preservados para a família ou alguém que lhes é querido (id:10:25). Por outro lado, os objetos, embebidos de significado e memórias, “ligam o nosso passado com o nosso presente e os nossos futuros possíveis, enquadrando e refletindo o nosso sentido de identidade” (Hecht 2001, 123).



Figura 37 - Diários escritos e gráficos de B. no móvel no sótão

Em diferentes momentos, como neste caso de B. e como já foi salientado anteriormente, as jovens entrevistadas destacam algo sobre si mesmas na relação com os objetos e essa projeção do “eu” revela-se um fator impulsionador da criação de “sentimento de casa” no seu novo espaço. Os objetos ajudam a situar a personalidade de

---

<sup>41</sup> B. tem um atelier fora de casa também, em Lisboa, e é a esse espaço que se refere aqui.

um indivíduo num contexto e são usados “para transmitir e alargar o nosso próprio conceito aos outros e a nós próprios”, apoiando na expressão do “eu” (Arnould e Wallendorf 1988, 531)<sup>42</sup>. Por outro lado, como refere Csikszentmihalyi e Halton (1981) “um dos propósitos psicológicos mais importantes do lar é que os objetos que moldam a personalidade de uma pessoa e que são necessários para expressar concretamente os aspetos do eu que a pessoa valoriza, sejam mantidos dentro dele. Assim, o lar não é apenas um abrigo material, mas também um abrigo para as coisas que dão sentido à vida” (id:139). J. trouxe para a sua casa e colocou no *hall* de entrada os seus livros. A maioria deles são de arquitetura e foram comprados durante a licenciatura, refletindo os seus gostos ao longo desse tempo: “Foram sendo adquiridos conforme os vários gostos que eu também ia tendo, e o que achava mais importante e, portanto, também acho que é por isso que me dão uma sensação de casa porque demorou muito tempo a ter estes livros todos”. Em casa dos pais, no seu quarto de infância que, como conta, “apesar de ter levado uma arrumação grande, ficou lá muito congelado”, deixou alguns livros com os quais já não se identifica tanto. Os mais relevantes estão no seu novo espaço: “Trouxe para aqui tudo o que era mais meu e com que eu ainda me identificava. Todos estes livros são importantes”. Durante o curso folheava-os regularmente à procura de referências criativas, uma convivência que aproximou J. dos livros e que os torna objetos relevantes para si: “Gostava muito de os folhear. Sempre que tinha projetos novos acabava por vê-los, tentando encontrar referências em todos para aquilo que eu estava a viver. E, portanto, acho que o facto de fazer isto todos os semestres, me envolvia bastante com eles”. Os livros são objetos que, já desde a casa da família, “me fazem sentir eu”, impulsionando a sua identidade como arquiteta: “Os livros ocupam um papel de Arquitecta, que é uma coisa que eu sou e que não dá para desligar. Têm essa parte de mim muito, muito enraizada”. Csikszentmihalyi e Halton 1981 referem, ainda, como “todas as pessoas podem e, presumivelmente, usam objetos simbólicos para expressar possibilidades vagamente percebidas de si mesmos ou para servir como modelos para possíveis objetivos” (id:28). Neste sentido, é possível dizer que J. expressa o seu papel enquanto arquiteta através dos livros, bem como as suas referências e, neste sentido, os caminhos possíveis para o seu futuro na profissão. Por outro lado, nesta sua casa atual, os livros são também instrumentos relevantes na projeção das referências e gostos de J. nos outros: “Qualquer

---

<sup>42</sup> Arnould e Wallendorf citam autores como Goffman (1959), Holman (1980), Levy (1959), Mick (1986), Turner (1969), Belk (1987), McCracken 1986.

pessoa que entra aqui, olha para estes livros e fica logo com uma ideia de onde entrou. Acaba por dizer também alguma coisa sobre esta casa e dizem um bocado de mim também. Depois são super interessantes, acho que qualquer pessoa que os folheasse iria gostar. Tem essa componente intelectual e eclética porque são de um monte de sítios e autores diferentes”. Assim, os livros, para além de refletirem a identidade de J. são, também, “produto de um jogo negocial produzido para mostrar ao exterior” (Gato 2013), ocupando, neste contexto, uma posição de destaque na casa, como é o *hall* de entrada.



Figura 38 - Livros de J. nas prateleiras do móvel do *hall* de entrada, onde também está a fotografia com o pai.

L. levou para a sua casa atual dois posters dos filmes “Nostalgia da Luz” de Patricio Guzmán e “Psyco”, de Alfred Hitchcock. Estavam ambos na casa da sua família, o primeiro no corredor e o segundo na casa de banho. Ao contrário da reprodução da obra do Turner abordada anteriormente, estes dois cartazes, emoldurados e expostos hoje na sua sala de estar e corredor à entrada de casa, não estão relacionados com as suas próprias vivências. No entanto, a memória de terem vindo de casa da família e de representarem os seus gostos e, por isso, a si própria no novo espaço, tornam-nos impulsionadores do sentimento de casa: “São alguns dos filmes que eu mais gosto e que me fazem sentir que eu própria estou aqui em casa. São as coisas que eu gosto que estão penduradas na parede e lembro-me também da minha família”. Para L. é muito relevante ver-se refletida na casa

e estes posters são um apoio nesse sentido: “Queria que esta casa espelhasse quem eu sou e o que eu gosto, o que é que já fiz, de onde é que eu venho. Representam coisas que eu gosto e que acho que fizeram sentido ao longo do tempo na formação da minha personalidade e do meu gosto”. Por outro lado, são também um veículo para recordar a família, a partilha de interesses e memórias conjuntas: “O meu padrasto é de cinema e foi ele quem me mostrou muitos dos filmes do Hitchcock e a minha mãe gostava muito daquele filme. Ela é historiadora, mostrou-me muitos filmes do Patricio Guzmán e nós depois acabámos por ir ao Chile juntas. Por isso, têm muito a ver também com os interesses que nós partilhamos e com a minha mãe”.



Figura 39 - Poster filme “Nostalgia da Luz”, emoldurado e pendurado na sala de estar



Figura 40 - Poster filme “Psycho”, sem moldura, pendurado no *hall* de entrada

C. tem hoje na sua cama uma colcha que comprou numa viagem que fez com uma amiga ao Myanmar, em 2018. Quando comprou a colcha, ainda sem perspectiva de sair de casa da família, fê-lo porque esta representava um ideal de objeto que desejava ter numa casa futura sua: “Foi uma das primeiras coisas que eu comprei pensando um dia quando tiver uma casa quero levar”. Já depois de ter saído de casa da família, numa das várias idas à casa dos seus pais, foi um dos primeiros objetos que decidiu trazer para o novo espaço, num processo de aceitação da sua casa atual como um *lugar* onde iria estar algum tempo e que, nesse sentido, deveria tentar também tornar seu. Ao colocá-la na sua cama atual, para além de garantir que tem no espaço um objeto no qual se revê esteticamente, “opõe-se às outras colchas que existiam nesta casa”, esta materializa também a conquista pessoal de se ver representada no espaço da casa e da sua aproximação a este *lugar*: “Para mim mudou a essência do quarto, porque trouxe alguma cor. É essa transição também da minha cama deixar de ser a cama de outra pessoa com lençóis de outra pessoa, para ser uma cama que é minha. Tem a ver com um sentido de aproximação meu com o espaço”. Na casa, como já referido, as pessoas procuram, como L. e C., criar um ambiente material representativo do que consideram significativo (Csikszentmihalyi e Halton 1981, 123), utilizando os objetos de forma a que se sintam enquadrados no novo ambiente (Marcoux

2001, 70) e dando destaque no espaço a materialidades que, entre outras dimensões, ganham significado pela associação, por via da metonímia, a pessoas ou eventos que são para si importantes (id:72), como no caso de L. a mãe e padrasto.



Figura 41 - Colcha a cobrir a cama de C.

B. tocou violino dos 6 aos 16 anos de idade. Na sua nova casa, o instrumento está fechado numa caixa própria e guardado no sótão, o seu espaço pessoal na casa onde tem o *atelier*. Já não o usa, mas é um objeto muito relevante para si, do qual não se consegue desfazer: “Perdi estas *skills*, eu agora quando pego no violino já não consigo sacar o que eu queria. Mas mantenho-o na mesma e como o meu namorado é compositor agora ele usa muito para consultar”. Neste objeto estão projetadas várias memórias passadas, mas, também, a sua própria ligação à música, à família e, sobretudo, a um lado seu que é oculto para muitos: “É uma parte de mim que deixou de existir, porque eu às tantas tive que escolher se preferia seguir música ou artes visuais, e estou bué contente com a minha escolha. Representa uma parte da minha ligação à música clássica e da minha ligação à música em geral a ser instrumentista, que já não tenho, mas que na minha infância esteve muito presente. Ajuda-me a fazer a ponte com a infância e com a família. E é uma parte de mim que também se alguém não perguntar não sabe”. Assim, hoje, na sua casa, o violino é encarado por B. quase como uma relíquia, representativa de uma fase da sua vida que

hoje está oculta: “É mais uma preciosidade escondida do que propriamente uma coisa muito presente. Representa as memórias dessa altura e também é um bem que eu tenho. Eu não tenho joias, não tenho cenas valiosas. Esta é das cenas mais valiosas que eu tenho”. Ao violino foi-lhe delegado uma parte da história de B., constituindo-o hoje como um reservatório de memória duma dimensão criativa que explorou no passado, mas que hoje já não está presente, bem como de identidade (Debary e Turgeon 2007, 2). É, assim, um objeto que hoje B. retém pelo seu valor pessoal, não deixando, no entanto, de o ver como uma mercadoria, já que também o estima pelo seu valor financeiro e, no fundo, por ser uma “posse”.



Figura 42 - Violino de B, na respetiva caixa onde o guarda

Por outro lado, C. trouxe para a casa atual um álbum de fotografias de amigos, que hoje está arquivado nas prateleiras que comprou e colocou no escritório. As prateleiras foram adquiridas especificamente para receberem os seus livros e outros objetos pessoais, numa divisão da casa que procurou tornar sua: “Uma amiga minha tinha um livro de receção em casa que tinha fotografias em *polaroides*. Nessa altura, começou a entrar na nossa vida a fotografia analógica, quer através das *Lomos*<sup>43</sup>, polaroides ou

---

<sup>43</sup> Lomography é uma marca de máquinas de fotografia analógica que produz máquinas fotográficas chamadas de *Lomos*.

máquinas descartáveis e fiquei sempre um bocadinho agarrada a isso, não no sentido artístico, não é uma fotografia muito ambiciosa, mas é uma questão de registo mais refletido do que o digital”. Assim, este álbum, que foi relevante na construção de sentimento de casa no novo espaço, surge como uma forma de transportar a vida de C. para a sua casa atual, refletindo no novo espaço diferentes momentos da sua vida e recriando um ambiente onde esta se sente enquadrada (Marcoux 2001). Embora não seja um objeto que consulta diariamente, é para si importante saber que o álbum está próximo: “Sei que estão cá e que se quiser consultar posso fazê-lo. É um objeto morto, mas que está aqui para mim”. Por outro lado, o conforto que este objeto traz à sua casa atual e o papel que tem na construção de sentimento de casa deve-se, também, ao facto de ser um objeto que considera característico do seu quarto em casa da família: “Há uma espécie de conforto porque este álbum também estava à frente da minha cama em casa dos meus pais, numa prateleira. E era uma coisa para a qual eu olhava sempre”. O ambiente físico da casa parece estar relacionado com um conjunto de dinâmicas que ajudam na construção do significado da casa, nomeadamente, através da presença de pertences pessoais que promovem um ambiente familiar e de continuidade, como acontece neste caso de C. ao trazer o conforto da presença de um objeto com o qual se relacionava, diariamente, no seu quarto em casa da família (Kenyon 1999).

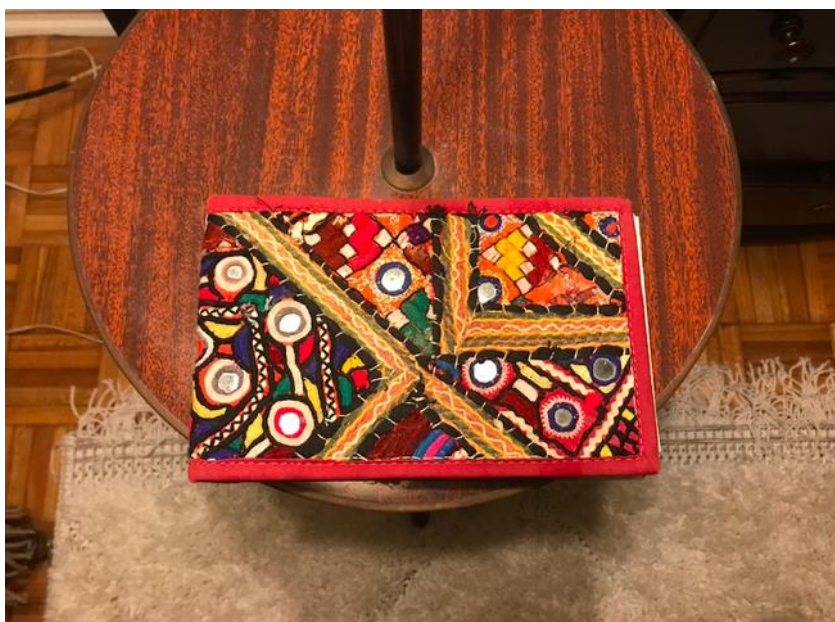


Figura 43 - Álbum de fotografias de C., fechado, em cima de uma mesa do escritório



Figura 44 - Álbum de fotografias de C., aberto, sobre uma mesa do escritório.

#### 3.5.4 Objetos que projetam outros: a família

“Aquela fotografia tirei de casa da minha mãe há um mês ou dois, fui lá a casa, vi-a e disse: eu quero levar esta fotografia. São as três gerações, as duas mulheres que me criaram. Acho que está mesmo gira esta representação de nós as três. As três distraídas com qualquer coisa parva”. Para além das jovens se projetarem a si próprias em alguns dos objetos, noutros casos, como é o da fotografia de I., estes estão associados a outras pessoas. No caso das jovens que integraram este estudo, essa ligação é mais recorrente com membros da família imediata, sobretudo os pais ou os avós. No contexto dessa associação, os objetos ganham significado e tornam-se relevantes na criação do sentimento de casa. A fotografia que I. descreve foi tirada na última viagem que fez com a mãe e a avó, quando a avó ainda estava bem de saúde. A fotografia, que colocou numa prateleira na sala, é uma lembrança dessa viagem, da memória da avó ainda ativa, mas representa, também, os vários momentos de aprendizagem que teve com estes dois pilares da sua vida: “É a minha família, o meu berço, é um bocado de onde eu vim, é quem me criou, a quem eu sou. É olhar para esta fotografia e lembrar-me sempre delas, destes momentos e das aprendizagens”. A fotografia não está na sua casa atual desde o momento da mudança, mas tem hoje um papel relevante na construção de sentimento de casa, sobretudo, porque representa a família, projetando uma ideia de conforto, amparo, segurança e de um local onde pode ser verdadeira consigo própria e com os outros, da

mesma forma que o é com a mãe e avó: “É a minha mãe e a minha avó, são a minha família, o meu conforto e o meu porto de abrigo. São as pessoas com quem eu falo, que sempre me criaram, com quem sempre tive abertura para ser eu. Portanto, estando aqui, faz-me lembrar um pouco isso, que elas estão sempre aqui, sempre estiveram. É trazer essa companhia, essa lembrança, e esse passado também que é presente mesmo assim”.



Figura 45 - Fotografia de I. com a mãe e a avó, na sua infância, emoldurada e colocada em cima de uma prateleira na sala

Também L. tem hoje no seu escritório, o lugar onde se sente mais em casa, em cima da secretária, duas fotografias emolduradas: uma onde está com a mãe e a avó e outra sua com o pai, que trouxe da casa onde vivia com a mãe e padrasto antes da mudança. São relevantes, acima de tudo, porque representam a família e são um meio para a recordar, num espaço e tempo em que esta não está presente com a mesma regularidade do passado: “A minha família é mesmo super importante para mim. Mas eles não estão aqui todos os dias e eu gosto de estar a trabalhar e de vez em quando olhar para eles. Estou a pensar, depois olho um bocado e penso na minha família”. Nesse sentido, para L. era indispensável trazer a família, por meio da fotografia, para o seu novo espaço: “Eu sou muito ligada a eles e a ideia de que ia para uma casa nova, tinha que ter lá as caras das pessoas de quem eu gosto”.

O caso das fotografias de I. ou de L. são demonstrativos de como os objetos ganham também significado pela associação a pessoas que são importantes (Marcoux, 2001). As fotografias, em ambos os casos, “servem para preservar a memória dos vínculos pessoais” (Csikszentmihalyi e Halton 1981, 69) à família imediata, “dando uma identidade e um contexto de pertença aos seus descendentes” (id:69).



Figura 46 - Fotografias de mãe e avó de L. e da própria com o pai, emolduradas e colocadas em cima da secretária do escritório

Também em casa de J. se encontram objetos que são um veículo para recordar a sua família direta, neste caso, a sua avó que fazia coleção de mochos e que lhe passou o gosto por esta representação: “Este mocho representa a minha avó, que fazia coleção de mochos, tinha imensos, para aí 100 ou mais, espalhados pela casa. Tudo o que nós temos de mocho está relacionado com a minha avó”. Ao longo dos anos, toda a família foi ajudando a avó a completar a coleção, oferecendo mochos, em diferentes formatos e matérias-primas, como fazia J., sempre que viajava: “Nós às tantas já não tínhamos mais originalidade para dar nada à minha avó, chega a um ponto em que os senhores velhotes já não precisam de nada e, então, só dávamos coisas com mochos. Sempre que eu ia de viagem trazia-lhe um para completar a coleção”. A partir desta convivência, desenvolveu também este mesmo gosto: “Eu gostar de mochos também vem de uma dimensão que

está relacionada com a minha avó, obviamente. Mas eu gosto deles, acho-os bonitos”. Como refere Hecht (2001), “As coleções tendem a criar sentido e metáfora da mesma forma, pois muitas vezes centram-se num tema particular que é de alguma forma simbólico do colecionador (...). A coleção serve então como uma extensão do eu, uma representação visual do colecionador que reflete percepções e valores individuais” (id:137). Neste sentido, o gosto que J. tem por uma representação que é a centralidade da coleção da avó e que, nesse sentido, é uma extensão desta, pode ser encarado como uma metáfora para a ligação emocional que tem com avó. Para a sua casa atual, depois da morte da avó, J. trouxe um mocho que lhe tinha oferecido após uma viagem com amigas à Turquia, em 2019. Foi uma viagem especial, de despedida de solteira da sua primeira amiga a casar e que aconteceu logo após a sua separação do namorado. O mocho é, para si, não só “um objeto estético”, como também representa a avó, a memória que está associada a um objeto herdado e faz, ainda, a ligação a uma nova fase da sua vida: “É mais uma peça em como o tempo passou e eu fui crescendo. A minha avó, obviamente, tinha mais mochos, mas eu sinceramente só quis ficar com este porque gostava especialmente dele”. Pela relação que tem com a avó, estes objetos transportam para J. uma carga emocional grande: “representa a minha avó e faz-me lembrar a minha avó sempre”. Nesse sentido, apesar de ter a oportunidade de herdar mais mochos da coleção, preferiu não o fazer. A mudança de casa implica, como é revelado aqui, um processo de seleção das “coisas que irão definir a identidade do novo lugar e da nova entidade social” (Marcoux 2001, 79): “Podia ter trazido mais, mas também acho que há um limite para a carga emocional das coisas. E uma casa nova também é uma casa nova e, portanto, acho que um mocho chega, obviamente que a minha avó está em todo lado, mas também não ia trazer para aqui a coleção toda dela, era dela não era minha. Não é a mesma coisa”. Colocou esta peça na “mesa-altar” do seu quarto: “Todo este *set* representa-me muito e é como se fosse uma espécie de um altar aquilo que eu gosto”. A casa, como refere Pauline Garvey (2001) “é um espaço intersubjetivo, um catálogo de memórias e emoções, algumas das quais podem ser acentuadas e outras lançadas para a materialidade” (id:51) presente no espaço. Na casa de J. que valoriza, sobretudo, a presença no espaço de objetos que são repositórios de histórias ou memórias, esta questão é muito clara. A presença do mocho na sua nova casa é uma forma de honrar a memória da avó e de estabelecer uma ligação com o passado e com uma pessoa importante para si (Kirk e Sellen 2010). Os objetos parecem tornar-se ainda mais importantes quando são a ligação com alguém que

já faleceu, como se rodear-se desses objetos fosse rodear-se da pessoa com a qual o objeto se relaciona (Marcoux 2001, 72).



Figura 47 - Mocho e candeeiro de J., ambos à direita, em cima de mesa onde reúne objetos importantes no seu quarto

Para além do mocho, J. tem, ainda, no seu quarto atual, na mesma “mesa-altar”, um candeeiro que também é uma memória e herança da sua avó. Para além de o considerar esteticamente interessante e singular, “acho-o lindo e acho que não há muita coisa igual, é único”, o candeeiro ativa em J. uma memória específica com a avó, de quando lhe perguntou se um dia podia ficar com ele: “Lembro-me da minha avó estar doente na cama e ter aquele candeeiro ao lado, de eu falar com ela sobre ele e dizer que o adorava e ela dizer “claro que sim, fica com ele. Essa memória está na minha cabeça”. O candeeiro não existia na casa da família, mas foi lá que o recebeu quando o herdou da avó e, a primeira vez que o usou, já estava na sua casa a viver sozinha. Nesse sentido, este objeto revela-se importante na construção de “um sentimento de casa”, por ter sido um objeto da avó e ter várias memórias a este associadas, mas, também, porque representa a própria construção que J. fez das suas casas, já numa fase de independência de casa da família: “Ajuda muito porque ele não existia na minha casa. Eu nunca o tive na minha casa dos meus pais, ou seja, eu fiquei com ele lá, mas depois eu usei-o logo na casa nova. E aí o sentimento de

casa eu acho que já tem a ver com o facto de ter sido da minha avó paterna e ser casa, mas mais as casas que eu fui construir”.

### 3.5.5 Presentes: quando os objetos também se tornam relevantes por via da oferta

“Esta representa as minhas amigas, esta representa-me a mim e aquela a minha família. As serigrafias têm um elemento decorativo, por serem obras, e têm este elemento mais emocional de terem sido presentes da família ou dos amigos, ou que eu dei a mim própria”. Tal como neste caso das serigrafias que C. levou para a sua nova casa, alguns dos objetos identificados pelas jovens como relevantes para a criação de sentimento de casa ganharam significado por terem sido ofertas de pessoas importantes. Como Csikszentmihalyi e Halton (1981) destacam uma das melhores formas para criar ligações entre pessoas é através dos presentes numa relação clara com Mauss (1923-24) e o seu *Ensaio sobre a Dádiva*. Por outro lado, a troca de presentes é um ritual que permite que os indivíduos personalizem o significado do objeto, trazendo-o para “o seu próprio mundo” (McCracken 1986, 80) e, assim, produzindo valor que pode ser, como nestes casos, útil para a criação de “sentimento de casa”. Das três serigrafias a que se refere, C. recebeu-as quando ainda vivia em casa da família: duas delas, oferta das amigas e dos pais quando fez 25 anos, e outra que comprou para si. Nunca estiveram expostas na casa da família ou no seu quarto de infância e guardou-as sempre para uma casa futura sua: “Era importante para mim trazê-las porque isto é o tipo de objetos que eu imaginei que iam fazer parte da minha casa e, portanto, fazia parte do projeto elas existirem e estarem expostas e não guardadas”. Como refere Garvey (2001) “a casa ideal ou o projeto decorativo em curso está muitas vezes relacionado com fantasia, visão e construção de identidade” e, nesse sentido, também por C. as projetar para o seu espaço futuro, só as emoldurou quando já estava na casa atual: “Lembro-me de nunca as ter emoldurado porque dizia que consoante a casa não sabia se queria a moldura igual ou não”. Inclusive, também o processo de emoldurar as serigrafias foi um presente, desta vez do namorado para C., numa tentativa simbólica de ajudar a ultrapassar a complexa relação de C. com os objetos pré-existentes na casa e de impulsionar que expusesse aquilo que é seu: “Foi o presente dos meus 28 anos, porque ele sabia que isto existia e também foi uma tentativa de me fazer ultrapassar as coisas em relação à casa e decoração”. No momento da entrevista, as serigrafias não estavam penduradas na parede, mas, sim, encostadas no chão. Serão, no entanto, penduradas na sua sala atual e, apesar de ainda não o ter feito, já

apoiam na criação de sentimento de casa, não só por serem objetos seus numa casa tão cheia de *coisas* que não lhe pertencem e com as quais foi forçada a conviver, como “pela dimensão decorativa, por terem essa ligação com a família e com amigos, pela história de como surgiram”. Têm, também, uma vertente estética e são uma forma de C. se ver projetada no espaço: “Tem este lado mais decorativo de tentar criar uma dinâmica e um ponto meu nas várias divisões e, por outro lado, eu saber exatamente em que momento me foram dadas e o que isso quer dizer”. Como refere Mary Douglas (1991) a casa é uma ideia localizada no espaço, embora não necessariamente um espaço fixo, bem como uma estrutura no tempo e, em função das pessoas que nela vivem, tem uma dimensão estética e moral também associada (Douglas 1991, 289) que C. procura amplificar através da presença no espaço de objetos como estas serigrafias.



Figura 48 - Serigrafia de obra de Helena Almeida, emoldurada e ainda embrulhada no chão, encostada junto ao local onde será pendurada



Figura 49 - Outras duas serigrafias, também emolduradas e embrulhadas, encostadas junto ao local onde serão penduradas

J. valoriza muito a singularidade dos objetos e as histórias e memórias que lhes associa: “eu gosto de tudo o que tem este bocadinho de história e que venha de viagens, porque tudo tem uma memória”. Na “mesa-altar” no seu quarto atual, tem uma caixa oferecida num Natal pela sua avó, que se tornou relevante neste processo de identificação com a casa, por ser a materialização de uma oferta da avó, ser hoje um meio para a relembrar, mas, também, por lhe trazer a lembrança específica do Natal e do momento em que a recebeu: “Esta em específico foi a minha avó que me deu, por isso, ajuda bastante a fazer sentir-me em casa, faz lembrar o Natal e faz-me lembrar a minha avó. Depois é um objeto que eu acho bonito, acho histórico, não sei onde é que ia arranjar uma igual, sinceramente, acho que tinha que ir a uma velharia, e nem sei se há. E, portanto, tudo o que é assim mais único eu gosto”. Também através deste objeto, que é “funcional e bonito” recorda outros presentes que a avó lhe deu e que não estão, necessariamente, neste espaço.



Figura 50 - Caixa bege de J. com apontamentos na tampa, à esquerda

S. criou, na sala da sua casa atual, numa área junto à janela, o seu espaço dedicado ao *yoga*. Tem o colchão estendido no chão para quando quer praticar, a estatueta de Shiva, um dos deuses do hinduísmo considerado o criador do *yoga*, e uma fotografia com os seus antigos professores desta prática. Nenhum destes objetos veio de casa da família, mas dão o contexto para que na janela, mesmo à frente da zona onde colocou o tapete, esteja pendurado um objeto habitualmente designado de “espanta espíritos”. Foi a mãe quem lhe ofereceu há muitos anos e esteve, desde então, em casa da família, pendurado no seu quarto de infância. Tornou-se, nos últimos anos e agora neste espaço, uma peça relevante por ter sido um presente da mãe, considerá-lo esteticamente interessante e, ainda, uma marca na memória do seu *lugar* de infância: “Esteve durante muitos anos no meu quarto, foi oferecido pela minha mãe. Ela achou que tinha a ver comigo, pelas cores, mesmo antes de eu estar nas coisas do *yoga*. Acaba por me trazer a sensação da decoração que eu tinha no meu quarto e acho-o bonito, tem umas formas e umas cores que me atraem e, claro, como foi oferecido pela minha mãe é especial”. As diferentes referências afetivas associadas a este objeto e “o apego pelas capacidades evocativas deste” (Gato 2013), como o valor que decorre de ter sido um presente da mãe e da memória da sua presença no espaço de infância e juventude, contribuem para que hoje a apoie na construção de sentimento de casa no novo espaço.



Figura 51 - “Espanta-Espíritos” de S., pendurado junto à cortina, na “sala do som”

Procurei compreender, ainda, tendo como referência o trabalho de Csikszentmihalyi e Halton (1981), o que significaria para as jovens ficar sem os objetos descritos anteriormente. De uma forma geral, destacam emoções e sentimentos negativos, ancorados em diferentes tipos de perdas, como o desaparecimento de memórias e recordações: “Ia ficar tristíssima mesmo, ia querer comprar outros. Mas não ia ser a mesma coisa, na verdade. Não tem a história, não tem o dia em que eu tive o dia inteiro a passear em Nova York com um livro, de não sei quantos quilos, que é a coisa menos prática da história, não tem nada disso. Lembro-me perfeitamente do dia em que foi, do que tinha vestido. Portanto, não teria nada a ver”, como partilha J. relativamente a um dos seus livros; o rapto de lembranças de momentos definidores do seu crescimento e personalidade, como refere L. também em relação aos livros: “Em termos materiais era a pior coisa que podia acontecer, era um dano completamente irreparável, porque eu podia tentar comprar os mesmos livros, mas não iam ser os livros que eu li. Não iam ser aqueles livros que me acompanharam. Eu sei exatamente quando os li, e em que fase da minha vida é que cada um me tocou. Também ia perder isso, que pode parecer estúpido, mas é uma coisa que é importante”; o espaço da casa teria o seu “eu” menos refletido e tornava-se impessoal: “Ficava triste, não pelas fotografias em si, mas ficar sem esta representação

ia tornar o espaço muito mais impessoal, mais frio e menos confortável. Ia ficar desconfortável.”, como partilha M. sobre as fotografias que colocou na sua sala; os objetos, por serem únicos e insubstituíveis, implicariam a perda de algo que é singular: “Uma vez assaltaram-me, roubaram-me a minha mala, eu tinha lá um diário gráfico em que andava a trabalhar há um ano e tal e foi *bué* horrível. Andei pelos lixos a ver se o encontrava, já nem queria saber do telemóvel nem da carteira, porque isso não dá para replicar. Não é uma coisa que se compre. São ideias que se perdem, são momentos que desaparecem e que já nem te lembras como é que era”, relata B. sobre uma experiência com os seus cadernos e diários gráficos; ou, ainda, significaria a perda de memórias relacionadas com uma herança ou um presente: “Era uma pena. Acho-o bonito e, embora desse para comprar outro igual, mas lá está, este é este, foi-me oferecido e estive no meu quarto”, conta S. relativamente ao “espanta espíritos” que a mãe lhe deu; ou, até, inclusivamente, perdia-se a oportunidade de passar o objeto para gerações seguintes: “Era uma perda de um objeto que poderá ser até uma passagem. Esta toalha, lá está, é da minha mãe, agora é minha e eu acho que um dia há-de ser dos meus netos, dos meus filhos, se tiver filhos, porque é característica, nunca vi nenhuma toalha assim. Já se fez aqui muita refeição, tem muito significado. Então acho que é um bocado uma perda de um objeto tão importante no seio da família, porque também onde nós passávamos mais tempo era a comer e a partilhar coisas, mesmo com a minha mãe e os amigos que iam lá a casa. Seria essa perda de memórias. Não é que elas se perdessem, mas a representação delas”, partilha I. sobre a toalha de mesa. Estas leituras perante a perda de objetos que encerram significados pessoais revelam como a sua ausência forçada pode “provocar uma diminuição do sentido do eu” (Belk 1988, 142). Adicionalmente, a vulnerabilidade provocada por essa perda, nomeadamente em situações limite como roubo ou acidente, pode, também, ter implicação no sentimento de casa: “A casa (por exemplo, Cooper 1974; Duncan 1976; Duncan e Duncan 1976) e o bairro (por exemplo, Bakker e Bakker-Rabdau 1973; Gerson, Stueve e Fischer 1977) foram sugeridos como fortes fontes de identidade pessoal. Tal como acontece com os bens mais pessoais, a casa e a vizinhança parecem contribuir para a consciência do ‘eu’ na medida em que a pessoa sente controlo sobre estes. Esta pode ser a razão pela qual Brown (1982) descobriu que as vítimas de roubo relatam menos sentido de comunidade, menos sentimento de privacidade e menos orgulho na aparência da sua casa do que os vizinhos cujas casas não foram arrombadas” (id:143).

### 3.6 Outros objetos relevantes para o sentimento de casa

Os objetos que vieram de casa da família transportam para as casas atuais significados que apoiam na construção de “um sentimento de casa” no novo espaço. Existem, no entanto, outros objetos que, embora não tenham vindo de casa da família, se tornaram também relevantes nessa mesma experiência. Das sete entrevistadas, apenas M. indica que tudo o que foi importante para se estabelecer emocionalmente na nova casa veio de casa dos pais. Com esta exceção, todas as outras jovens identificaram objetos que são posteriores à casa da família e que hoje são importantes por trazerem conforto ou outra sensação positiva, por serem um meio para recordarem um *lugar*, por transportarem memórias ou, mesmo, por projetarem neles o seu “eu”. Os significados atribuídos aos objetos e que são, depois, transportados para os espaços, impulsionam a criação de sentimento de casa e têm impacto na experiência de construção da casa.

“O meu gira-discos, que está ali naquela caixa, foi-me oferecido pelo meu pai no Natal e eu já tinha saído de casa. Para mim é uma coisa que me faz já sentir muito em casa. É o meu gira-discos, são os meus discos que também começaram a acumular-se, e estar a ouvir um vinil aqui em casa é uma sensação de conforto”. Para I. o gira-discos tornou-se relevante por promover uma sensação de prazer e conforto, que decorre, sobretudo, de uma atividade proporcionada pelo objeto que era recorrente em casa da família também: ouvir música. Esta sensação de conforto e prazer é partilhada ainda por C. referindo-se às plantas: “Foi a primeira coisa que comprei para esta casa, uma *monstera*, e foi para dar alguma vida à casa”, em oposição aos objetos pré-existentes no espaço, herdados de gerações anteriores da família do namorado. Por outro lado, são também destacados objetos que se tornaram relevantes porque veiculam memórias, não tão antigas como as de casa da família, mas já relevantes. “As fotografias que tenho na parede com os meus amigos e alguns destes cartazes que já trouxe depois de estar aqui, também são muito importantes”. Para L. estes objetos são relevantes por razões similares às dos objetos que vieram de casa da família, como as memórias, remetendo, naturalmente, no entanto, para outros períodos da sua vida. Também J. destaca diferentes objetos que tem em casa e que são relevantes pelas memórias e lembranças que despertam, como umas chávenas herdadas da avó ou uma fotografia com a sua colega de casa da primeira viagem que fizeram após o início da pandemia covid-19. Apesar de importantes, destaca como em casa distribuiu os objetos conforme a sua relevância, colocando no quarto aqueles a que atribui uma importância maior e que, por isso, procura

proteger e resguardar do exterior, e nos espaços comuns os menos relevantes: “Há níveis aqui para as coisas. No quarto estão as coisas mais importantes. Há um conjunto de objetos que considero que são menos relevantes, mas ainda assim especiais. Decidi pôr neste espaço público da casa, a sala, estas chávenas, por exemplo, porque este espaço também tem muita coisa minha e própria. Acho que ter aqui, por exemplo, o mocho que é a minha avó, acho que já é demasiado pessoal. Se se partisse aqui eu ia ficar muito triste, no meu quarto, se alguém partir sou eu, em princípio. Espero que não se partam as chávenas, mas não é a mesma coisa”. Por outro lado, também alguns objetos da sua colega de casa são hoje relevantes, por conviver com estes há muito tempo ou por despertarem memórias do seu imaginário infantil: “Aquele planta, não é que tenha grande amor à planta, é da minha colega de casa, não é minha. Mas o facto de ter vindo da outra casa e ser algo que nós construímos as duas, dá-me uma sensação de casa” ou “aquele tapete, por exemplo, apesar de ser dela, a mim dá-me uma sensação de casa, porque faz lembrar a infância e é o caso, era o tapete dela de quando era miúda”. As memórias estão também espelhadas nos objetos que B. destacou como relevantes para o sentimento de casa, como um que foi oferecido por uma tia-avó no Natal de 2020, que não puderam passar juntos: “Ela deu a cada pessoa da família um cabaz com comida de Natal e esta coisinha bué querida, que durante uns tempos estava aqui na mesa, tipo centro de mesa”, ou um tabuleiro de xadrez que comprou com o namorado numa viagem a Amesterdão: “É tipo meio objeto de decoração, meio brinquedo”. Também C. destaca um objeto do qual não se consegue desfazer, apesar de considerar “irracional”, uma escova de dentes que foi o primeiro presente simbólico que o namorado lhe deu, numa altura em que já passavam bastante tempo juntos na casa, apesar de C. ainda não viver lá oficialmente: “O primeiro presente que o meu namorado me deu foi esta escova de dentes. E eu não me consigo desfazer”. Destaca, ainda, o projetor que recebeu de presente dos pais, já quando vivia nesta nova casa, e que é relevante por replicar no novo espaço uma vivência de casa da família, ver regularmente filmes ou séries com os pais na sala, onde tinham um projetor de imagem. São, ainda, destacados objetos que se revelam importantes porque as jovens se veem espelhadas neles: “Os pratos, que são dois diferentes: uns que com umas frutinhas que acho muito queridas, gosto de usar e adoro olhar para eles. E outros que umas amigas minhas me deram”. C. destaca como estas peças de cozinha são importantes porque a refletem a si e ao seu gosto no espaço: “Tem a ver com esta reciclagem de coisas que já existiam e que são minhas. Têm outra energia, um traço diferente, o meu sentido de humor, o meu gosto”.

### 3.7 Objetos pré-existentes na casa: visões e impacto no sentimento de casa

As casas das entrevistadas já tinham objetos no momento da mudança, com os quais passaram a ter de conviver. Reflito, nesta secção, sobre o porquê e o formato em que os objetos foram ou não mantidos, bem como o impacto que tiveram na criação e manutenção do sentimento de casa. As razões para manterem os objetos são distintas. Por vezes, existe a obrigação de os manter, no caso de casas alugadas, por serem do senhorio e por, em alternativa, não terem onde os guardar noutra local, como é o caso de I.: “O senhorio não tinha onde os pôr, por isso, tive de os acolher. O sofá já estava cá, o que acabou por ser bom porque um sofá não é propriamente barato” ou de M.: “Nós não tínhamos muita liberdade, os móveis tinham de ficar e depois não íamos ter onde os guardar para não se estragarem. Também não queríamos ter o investimento de estar a comprar móveis só porque sim”, o que, por outro lado, se revelou, nestes dois casos, útil financeiramente. Noutros, os objetos são preservados por uma questão prática e utilitária, como aconteceu com B.: “A casa já tinha este sofá, o frigorífico, os armários quase todos, a secretária. Deitámos fora a máquina de lavar loiça porque estava estragada. Mantive outros porque têm bom uso, mesmo este sofá que está assim rasgado, mas está ótimo. Não vamos comprar um novo sofá”. S. também manteve alguma mobília ou peças que lhe eram úteis, como a aparelhagem de CD’s: “Foi uma decisão funcional, era a cama, umas estantes e eram coisas que iam ter que ficar lá quando eu saísse, estavam boas, nunca se estragaram. O que eu posso mencionar em particular é a aparelhagem que na altura a senhoria me perguntou se eu queria e eu disse sim porque tenho CD's. Usei bastante a aparelhagem”, bem como L.: “Estavam cá mesas, sofás, coisas que eu não tinha repetidas e, portanto, eram objetos práticos”. Em outros contextos ainda, os objetos que estavam na casa são parte da vida de outras pessoas que vivem na casa, como aconteceu com J. que, apesar de ser obrigada a conviver com a mobília dos seus colegas de casa, conseguiu intervir bastante no espaço, trazendo o seu cunho e trocando os objetos de local de forma a espelhar os seus gostos: “Havia alguns objetos na casa, porque também havia pessoas com quem eu morava. Portanto tinha de ser. Mas pus tudo de uma forma diferente. Não é que a casa fosse só minha, mas mexi na casa toda, de uma maneira a ficar completamente diferente”. C. mudou-se para a casa do namorado, totalmente recheada de objetos herdados, e, desde então, tem passado por um processo de negociação dessas materialidades: “A casa estava cheia de objetos. Havia coisas que estavam impróprias para consumo, rasgadas e velhas, e essas foram mais fáceis de sair. Mas, desde a minha

mudança, a aura e organização da casa mudaram bastante. O resto foi sendo negociado.” Por outro lado, como a casa é também o escritório do namorado, há ainda um conjunto significativo de objetos que decorrem da sua profissão que, de forma regular e consistente, ocupam o espaço. Neste âmbito, C. procurou também trazer alguma organização: “Há muitas coisas de profissão que estão sempre a entrar e sair para concertos, estúdios de gravação, ensaios, etc. Portanto, há todo um lado desta casa que é um pesadelo, mas que agora está mais arrumado”. No geral, neste caso, C. não trouxe muitos objetos novos para a casa, mas, sobretudo, nas substituições que foi fazendo de algumas peças, encontrou um formato de trazer o seu gosto para o espaço: “Não houve assim tantas coisas novas, foram mais substituições de coisas e, aí sim, eu tentava pôr algum cunho meu na decisão”.

Neste processo de manutenção dos objetos que já estavam na casa, há casos em que estes se mantiveram visíveis e com a sua função original<sup>44</sup>, e outros em que as jovens optaram por os esconder em áreas não visíveis da casa<sup>45</sup>. Em alternativa a esconder, alguns foram simplesmente realocados no espaço, sendo-lhes atribuída, até, uma nova função, conforme os gostos pessoais das jovens ou o que consideram pertinente para a vivência neste *lugar*. M., por exemplo, escondeu alguns objetos nos quais não se revia esteticamente e colocou as loiças de cozinha originais da casa, que não ia usar, mas que não se podia desfazer, em armários de difícil acesso nesta divisão, de forma a ter os seus utensílios numa área acessível: “Vendemos um beliche e havia um quadro no quarto que era horrível, então nós tirámos e escondemo-lo. Na cozinha, para conseguirmos ter as nossas coisas, também guardámos as da casa em sítios menos acessíveis. Foi mais uma mudança de disposição, de guardar e esconder algumas coisas, não tanto de transformar. Transformação não fizemos nenhuma”. Por outro lado, I. encaminhou os objetos que não queria que fossem visíveis para a marquise da casa, zona que ficou intransitável pela quantidade de objetos presentes, mas que está relativamente escondida no espaço: “Acolhi aqueles objetos que eu achava que faziam algum sentido e deixei para a marquise aqueles que não queria de todo. É a minha zona da tralha, está lá uma secretária preta e a cama, por isso é que esta marquise está um caos”. Os locais onde as pessoas escolhem guardar os objetos herdados da casa poderão ser reveladores das “respostas emocionais à herança doméstica” (Lipman 2018, 86). Assim, retirar os objetos da vista pode ser

---

<sup>44</sup> De uma forma geral, os objetos que foram mantidos pelas jovens na sua casa atual estão arquivados ou expostos em locais visíveis da casa.

<sup>45</sup> Tipicamente, os objetos escondidos em áreas não acessíveis da casa são aqueles que as jovens não valorizam esteticamente ou pelos quais não têm interesse.

indicador da sua “falta de valor ou, alternativamente, da sua importância, como são as coisas que requerem algum tipo de proteção. Tais objetos reforçam o *heimlich* - a casa como um lugar seguro, de privacidade; ou um lugar para guardar segredos - e, simultaneamente, o *unheimlich*: a casa como não sendo familiar, indeterminado, um lugar onde há coisas secretas, escondidas” (id:86). Por outro lado, colocar fora de vista objetos herdados da casa para uma divisão que não é usada ou uma área de arrumação de acesso complexo, é “uma forma de equilibrar a necessidade de respeitar objetos encontrados como parte da identidade da casa com o projeto de reforçar a pertença através de objetos pessoais expostos” (id:93). Noutros casos, as jovens optaram por manter os objetos herdados visíveis, atribuindo-lhes novas funções ou colocando-os noutros espaços da casa. J., que é arquiteta e que, nesse contexto, tem uma preocupação especial com a distribuição dos objetos no espaço, realocou na casa vários objetos: “Isto vem de uma sensação, quando estou nos espaços, que estes estão desequilibrados ou que a luz não está a ser boa neles. Isto é uma coisa que é muito intuitiva minha. Por isso, realoquei muita coisa no espaço, não os transformei, não pintei, fui tudo à base da decoração. Mudei a função de algumas coisas, isso totalmente. Coisas que estavam na varanda que foram para dentro da casa, assim deste género”. C., como já referido, também trouxe uma nova arrumação ao espaço, o que implicou uma revisão da utilidade de determinadas peças de mobília ou áreas da casa: “Fiz algumas mudanças. O estirador ali, que era uma prateleira de tralha, por exemplo, foi arrumado e ficou um espaço de trabalho para o meu namorado soldar, e para eu trabalhar. Este armário era capaz de ter tudo lá dentro, agora tem só as coisas que são desta zona. A casa está mais organizada e pensada”. Criar o espaço de uma casa é alimentado “pelo desejo de desenvolver sentidos de pertença, privacidade e familiaridade” (id:84). Neste sentido, realocar ou reorganizar os objetos herdados na nova casa poderá representar uma tentativa de criar um sentimento de pertença, ao mesmo tempo que se assume a sua presença no espaço.

Estando este trabalho focado no papel dos objetos na criação de sentimento de casa, procurou-se também compreender se esta herança material da casa teve ou não impacto no “sentimento de casa”. Maioritariamente, as jovens consideraram que sim, embora de forma diversa. Nalguns casos foi ou é uma experiência negativa, por sentirem os objetos como provisórios, auxiliares, não se reverem esteticamente neles ou promoverem a falta de ligação ao espaço. Noutros casos, referem uma vertente mais positiva do impacto dos objetos no sentimento de casa, sobretudo, porque fruto da

convivência com os objetos, estes foram assimilados como seus e revelaram-se úteis para a construção emocional da casa. I., por exemplo, considera que, apesar dos objetos terem sido úteis numa dimensão financeira, não espelham os seus gostos ou mesmo uma conquista pessoal sua, fazendo com que hoje não se reveja totalmente no espaço da casa: “Tem impacto, de certa forma, no início, mas depois a pessoa começa a aceitá-los. Eu sinto-os um bocado como provisórios, temporários, auxiliares. E não têm a parte da conquista, do ter que poupar dinheiro e ir ver, escolher, colocar, montar. Haver uma decisão, uma montagem, uma dedicação para eles. Não tem o lado de ser adequado a mim e, o facto da casa ter objetos, tem implicação em não conseguir escolher 100% aquilo que quero para o espaço”. Também para C. os objetos herdados da casa e o próprio histórico da casa, desassocia-na do espaço e criam um peso negativo, decorrente de não ter autonomia para gerir e tomar decisões sobre estas materialidades herdadas: “Esta casa já viveu imensas vidas: Já foi de uma tia-avó com o marido, de uma tia-avó doente, do meu namorado solteiro, comprometido, a viver com amigos, de uma pandemia em que basicamente a avó dele vivia quase cá e, depois, a minha entrada. Há um lado, que tem a ver com a minha desvinculação da casa, de sentir que as coisas são demasiado pesadas, seja pelo estilo, pela utilização, seja pela sua velhice. E acho que me traz um peso, à casa e a mim, saber que tenho de passar por um processo de negociação sempre que procuro repensar um objeto”. Por outro lado, tanto J. como B. se apropriaram dos objetos herdados da casa, e, apesar de não serem seus, são hoje um meio para impulsionar a sensação de casa. J, tipicamente, impõe os seus gostos e procura encontrar formatos de enquadrar os objetos de uma forma que seja mais personalizada: “Acabam por ter alguma história sempre e, se são bem usados, promovem a sensação de casa. Eu acho que estas coisas todas que têm história ajudam nessa sensação. Os objetos, apesar de não serem meus, acabo por me apropriar um bocado deles”. B criou uma ligação aos objetos, sobretudo ao sofá, por via da sua utilização recorrente: “Este sofá agora é *bué* a minha casa, porque é o espaço de convívio maior entre mim e o meu namorado, sem ser a cama. Claro que nós passamos tipo 8h a dormir, mas quando estamos acordados, convivemos muito no sofá para ver *cenar* e ouvir música”. Também M. considera que os objetos da casa tiveram impacto na sua relação com o espaço e na construção de sentimento de casa, por não se rever totalmente na decoração: “Sim, definitivamente, se eu tivesse que ter decorado a casa ou comprado móveis mesmo de raiz para mim, tenho certeza que ia ser completamente diferente. Seria o sofá que eu escolhi, que eu paguei, tem toda uma outra importância”. No entanto, não considera que esta sensação provoque algum tipo de

sentimento negativo e valoriza a dimensão prática da casa já estar mobiliada: “O facto de ser uma casa já mobilada, para mim e para o meu namorado foi um super *plus*. Se às vezes gostávamos de ter as nossas mobílias, sim, porque não gostamos muito destas. Se tivéssemos umas escolhidas por nós mesmo, era um sentido de casa ainda mais exaltado. Mas não estamos mal, as coisas cumprem o propósito”.

### 3.8 Conclusão

Nesta dissertação procurei compreender, num contexto em que jovens saem de casa da família para morar numa nova casa, qual é o papel reservado aos objetos, que decidem levar da casa anterior para o novo espaço, na construção do sentimento de casa. Neste contexto, através da experiência de sete jovens adultas, aprofundi as razões pelas quais os objetos se tornaram especiais e, por isso, prestam um papel importante na experiência do novo espaço.

Todas as jovens entrevistadas revelaram ter consciência de que nas suas vidas, nalgum momento, se sentiram em casa num lugar, sendo que, de uma forma geral, esse espaço corresponde à casa da sua família, a primeira referência de casa. Casa pode ser entendida como um “repositório de ideias complexas (...) sobre a relação das pessoas com outros, especialmente a família, lugares, espaços e coisas” (Mallett 2004, 84), uma conceptualização abstrata codificada com significados práticos e simbólicos complexos que expressam, entre outras, questões de identidade (Birdwell-Pheasant e Lawrence-Zuniga 1999). É, por outro lado, “uma entidade que congrega memória e pertença, ideais e afetividade, espaço e tempo, local e global, avaliações negativas e positivas” (Rosales 2015, 64). O “apego a um lugar” reflete “um fenómeno complexo” que incorpora diversos aspetos, entre eles a emoção, os sentimentos, as práticas e ações levadas a cabo pelas pessoas nos lugares, podendo estar o vínculo afetivo assente no próprio lugar ou nas relações sociais que lá se desenrolam (Setha Low 1992). No plano concreto, as jovens entrevistadas, a partir das suas experiências pessoais, referem-se de uma forma geral à casa como um espaço de conforto, segurança e tranquilidade, um refúgio que protege do exterior e que é controlado por quem nele vive. É, também, um espaço de intimidade em oposição ao espaço público, de partilha e encontro, bem como um reflexo e repositório da dimensão emocional de cada uma. E, ainda, para algumas, um espaço personalizado, considerado quase como um prolongamento de quem nele vive.

Quando descrevem a casa da família, as jovens destacam, sobretudo, dimensões relacionadas com a sua visão do espaço físico da casa, entre elas características de decoração, estética ou outras como a luminosidade, tamanho ou funcionalidade; a relação do “eu” com o espaço, revelando as suas leituras simbólicas e os sentimentos ou lembranças pessoais que lhes desperta, como é para L. a associação deste espaço ao seu crescimento e a “tornar-se adulta”, para B. ser uma casa “receptiva, acolhedora e muito musical” ou para M. ser um espaço que relembra a sua infância “feliz e calorosa”; e, ainda, a relação com a família, em que as jovens associam a casa, divisões ou objetos específicos, a familiares ou momentos em família. São exemplos, os casos de I. que projeta no quarto da mãe um ideal de conforto como se fosse o “colo de mãe” ou S., para quem a casa são as pessoas importantes da sua vida e que são parte do seu crescimento e, por isso, ao descrever a casa descreve também as pessoas onde habitualmente estão, como “a mãe na cozinha, com a televisão ligada, com luz e cheiros bons e roupa estendida”. Se, por um lado, para estas jovens a casa da família é a primeira referência de “sentimento de casa”, este sentimento não estava disseminado por toda a casa, mas sim concentrado em divisões da casa concretas. De uma forma geral, o quarto era o local onde sentiam mais em casa, por ser “o seu próprio espaço”, um “local de reserva pessoal e da família”, onde se refugiavam, e um espaço de descoberta e reflexo do “eu”, que espelhava as suas próprias escolhas de decoração e personalização, afirmando as suas personalidades, gostos e interesses e revelando como este “é um lugar onde a própria autonomia pode ser cultivada por meio de “diálogos” com o *eu*, mediados por posses queridas” (Rochberg-Halton 1980, referido em Csikszentmihalyi e Halton 1981, 137). Era, tipicamente, uma divisão onde estavam sobretudo sozinhas e quando o espaço era partilhado, faziam-no de forma controlada e com pessoas do seu círculo íntimo. Noutros casos mais particulares, a sala por ser protagonista na partilha de momentos familiares e fonte de memórias, é o local que duas das jovens, I. e C., identificam como onde se sentiam mais em casa. Também em casa da família as jovens tinham vários objetos relevantes emocionalmente, tanto objetos pessoais, como livros, cartazes, fotografias ou recordações que, genericamente, estavam alojados em espaços mais privados como o quarto onde cultivam a sua autonomia (Csikszentmihalyi e Halton 1981, 138), como objetos partilhados, que pertencem a um familiar, mas com os quais conviveu, ou que são partilhados por todos e, por isso, estão expostos ou arquivados em espaços comuns da casa. São exemplos, o álbum de fotografias de família de C. ou os quadros da mãe de B. que estavam expostos na sala e que lhe eram próximos, por representaram o gosto da mãe em tocar cravo e, por

outro lado, a avó numa viagem, revelando como os objetos também ganham valor pela ligação que têm com momentos que são constitutivos da família e da sua história (Marcoux 2001, 72).

Também Marcoux (2001) revela como em contextos de mobilidade os objetos que as pessoas transportam consigo podem ter um papel relevante para que estas se sintam enquadradas em novos ambientes. O momento da mudança para o novo espaço implicou, naturalmente, escolhas por parte das jovens entrevistadas no que diz respeito aos objetos a levar e à forma como o iriam fazer. Os contextos são distintos, mas é possível dizer que, nalguns casos, foram levados por etapas, priorizando-se, numa fase inicial, objetos utilitários e, noutras, foram transportados, em simultâneo, objetos úteis e relevantes emocionalmente, por terem existido mudanças nos contextos de infância ou ser importante emocionalmente para as próprias. No entanto, todas as jovens indicam ter deixado em casa das suas famílias algum tipo de objetos que valorizavam, sobretudo, recordações, livros, objetos ligados à infância e juventude que hoje já não valorizam tanto ou que não têm utilidade no dia-a-dia. As razões para não os trazerem são variadas, desde falta de espaço na casa atual, a segurança de estarem bem guardados e acessíveis em casa da família ou a vontade de quebrar com o passado. No caso de casais que se juntaram, também poderiam existir repetições na conjugação de posses ou *coisas* que se revelaram incompatíveis entre ambos e que os obrigou a fazerem concessões e a deixarem para trás objetos relevantes pessoalmente (Marcoux 2001, 79), como aconteceu com M., que decidiu deixar a caixa das suas recordações e lembranças na casa dos pais por considerar que o namorado iria olhar para este objeto como “tralha”. Apesar deste contexto atual, com exceção de um caso, todas as jovens planeiam trazer os objetos um dia para a sua própria casa.

Relativamente à casa atual, procurou-se cruzar as descrições que as jovens fizeram das suas casas com a forma como contaram idealizar a sua própria casa quando ainda viviam em casa da família e como perspetivam este espaço no seu futuro. Também neste caso, à semelhança das visões que partilharam de casa da família, as descrições estavam ancoradas em duas dimensões: os seus olhares sobre o espaço físico da casa e sobre o “eu” na relação com o espaço. Neste contexto, foi perceptível como é atribuído valor a determinadas configurações da casa por reproduzirem “um quadro doméstico” que procura dar continuidade e reproduzir hábitos e práticas familiares (Silvano 2017, 68), como é para I. a cozinha e o valor que lhe atribui hoje no seu espaço enquanto ponto de

encontro e convívio, tal como acontecia na casa da mãe. Por outro lado, também foi evidenciada a importância atribuída aos objetos como motores de transformação de uma “casa anónima” para uma “casa com significado”, um processo que pode ser percorrido, nomeadamente, através da decoração (Rosales 2010, 518), como no caso de L., que se mudou para uma casa onde o namorado já vivia, mas que não tinha nenhum tipo de elementos decorativos. Por ser algo que a perturbava, assumiu o papel de trazer essa dinâmica à casa colocando, inclusive nos espaços comuns, objetos que são representativos dos seus gostos e interesses. Nas suas descrições, as jovens refletem ainda o seu olhar mais emocional sobre a casa e os sentimentos que esta lhes desperta. Neste contexto, foram evidenciados casos em que as jovens têm dificuldade em sentir a casa como totalmente sua com as restrições que têm, por causa do aluguer, à personalização do espaço, como acontece com M. ou I, revelando como “a simples ideia de que a casa é uma expressão direta do gosto de alguém é falsa” (Miller 2001) e como o aluguer e a sua representação na figura do senhorio podem até assumir um papel “fantasmagórico”, assombrando a vivência das jovens e condicionando aquelas que são as suas vontades (ibid.). Ainda neste contexto, C. também revela alguma alienação em relação à casa atual, por se ter mudado para um espaço da família do namorado onde este já vivia e que está repleto de objetos que não são seus e com os quais se viu obrigada a conviver, mostrando que criar e tratar da casa é um processo alimentado pelo “desejo de desenvolver um sentimento de casa, privacidade e familiaridade” (Lipman 2019, 84) e como os objetos herdados tornam, neste caso, esse caminho menos linear. Por outro lado, para B. ou S. a casa reflete uma nova sensação de liberdade e de realização pessoal, por ser um símbolo de uma nova fase de vida, “preencher com esperança sobre o futuro” ou por simbolizar uma realização pessoal. A importância atribuída à personalização do espaço e à convivência com objetos com significado é também clara quando as jovens identificam a área da casa atual onde se “sentem mais em casa” que, de uma forma geral, corresponde ao local onde têm a maioria dos seus objetos, mostrando como estes contribuem para comunicar o “sentimento de casa”, sendo uma das suas funções mais relevantes “fornecer um ambiente familiar, que possa refletir a ordem, o controlo e o significado dos seus habitantes (...)” (Csikszentmihalyi e Halton 1981, 185). Para além dos objetos, também a presença e convivência, em determinados espaços, com as pessoas que lhes são importantes, pode ser determinante para criarem, nesses lugares, “sentimento de casa”.

Chegados à reflexão sobre os objetos que trouxeram de casa da família e que foram importantes para o sentimento de casa, apoiada pelo trabalho de Mihaly Csikszentmihalyi e Eugene Halton (1981), procurei pensar sobre como esses objetos ajudaram nessa construção, mas, também, porque é que as jovens decidiram trazê-los para o novo espaço, o papel que ocupam na casa atual, o que significaria ficar sem eles e onde estão guardados ou expostos hoje. As memórias que os objetos projetam revelaram-se uma das principais fontes do significado que lhes é atribuído e das principais razões para que tenham sido centrais na criação de sentimento de casa no novo espaço, revelando como os objetos se constituem tanto como um reservatório de memórias (Anat Hecht 2001; Debary e Turgeon 2007; Kirk e Sellen 2010; Gato 2013), como também de identidade (Miller, 1997; Debary e Turgeon 2007, 2) e são desejados, entre outras dimensões, pelas “memórias que transmitem” (Debary e Turgeon 2007, 3). Estas memórias projetadas pelos objetos assumem diferentes formatos, desde serem *mementos*, lembranças concretas de momentos específicos que foram marcantes, já fazerem parte da vida das jovens há muito tempo, serem memórias de viagens ou, mesmo, heranças. Por outro lado, alguns dos objetos tornam-se relevantes por incorporarem valores pessoais, aspirações, objetivos, conquistas, serem uma manifestação de criatividade ou mesmo por representarem, de alguma forma, uma pessoa, incorporando traços da sua personalidade (Csikszentmihalyi e Halton, 1981). Noutros objetos, as jovens refletem o seu “eu” e é também por isso que são impulsionadores da criação de “sentimento de casa” no novo espaço. Os objetos ajudam a situar a personalidade de um indivíduo num contexto e são usados “para transmitir e alargar o nosso próprio conceito aos outros e a nós próprios” (Arnould e Wallendorf 1988, 531)<sup>46</sup>. Por outro lado, as pessoas usam objetos simbólicos para “expressar possibilidades vagamente percebidas de si mesmos” (Csikszentmihalyi e Halton 1981, 28) e, no contexto doméstico, estes apoiam também na criação de um ambiente onde se sintam enquadradas (Marcoux 2001). A partir da experiência das entrevistadas foi possível perceber que os objetos expressam características das próprias jovens, quer porque são representativos da sua criatividade, dos seus gostos e interesses ou mesmo vias, através das quais, manifestam as suas personalidades. Para além de se projetarem a si próprias em alguns dos objetos, noutros casos, estes estão associados e ganham também significado pela associação a pessoas que são importantes (Marcoux,

---

<sup>46</sup> Arnould e Wallendorf citam autores como Goffman (1959), Holman (1980), Levy (1959), Mick (1986), Turner (1969), Belk (1987), McCracken 1986.

2001), tornando-se relevantes na criação do sentimento de casa sendo que, no caso das jovens que integraram este estudo, essa ligação revelou-se mais recorrente com membros da família imediata, sobretudo os pais ou os avós. Também os objetos que ganharam significado por terem sido ofertas de pessoas importantes surgem como relevantes, por serem um meio para recordar uma história ou memória pessoal ou refletirem quem ofereceu e até outras memórias em torno desta. Por fim, foi também evidenciado que, para além dos objetos que vieram de casa da família, as jovens têm hoje também em casa outros objetos que já são importantes para o sentimento de casa, por trazerem conforto, associarem a um espaço anterior por onde passaram, projetarem neles o “eu” ou memórias.

Regressando à minha inquietação inicial, provocada pela sinergia partilhada entre uma experiência pessoal e a exposição a novos conhecimentos, entendo, agora, a importância dos objetos vindos da casa de família como uma afirmação da nossa necessidade de identidade e de sociabilização. A sua ausência tornar-nos-ia incompletos e menos capazes de tornarmos nosso o que antes não era.

## Parte 4

### 4.1 Bibliografia

Altman, Irwin, e Setha M. Low. 1992. *Place Attachment - Human Behaviour and Environment Advances in Theory and Research*. Nova York: Plenum Press.

Appadurai, Arjun. 1986. "Introduction: Commodities and the Politics of Value". Em *The social life of things: commodities in cultural perspective*, editado por Arjun Appadurai, 3-63. Cambridge: Cambridge University Press.

Badolato, Luca, Francesco C. Billari, Gunhild O. Hagestad, Aart C. Liefbroer, Richard A. Settersten Jr, Zsolt Spéder, Jan Van Bavel. 2021. *The Timing of Life - Topline Results from round 9 of the European Social Survey*. Londres: European Social Survey ERIC.

Belk, Russell. 1988. "Possessions and the Extended Self". *The Journal of Consumer Research*, Vol. 15, No. 2 (setembro): 139-168. <https://doi.org/10.1086/209154>.

Bernard, H. Russell. 2011 [1995]. *Research Methods in Anthropology*. Walnut Creek, CA: Alta Mira.

Birdwell-Pheasant, Donna, e Denise Lawrence-Zúñiga. 1999. *House life: space, place, and family in Europe*. Oxford: Berg.

Bourdieu, Pierre. 1970. "A Casa Kabyle Ou O Mundo às Avestas". *Cadernos De Campo (São Paulo - 1991)*, Vol. 8 (8): 147-159. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v8i8p147-159>

Chapman, Tony. 2001. There's no Place Like Home. *Theory, Culture & Society*, Vol. 18 (6): 135–46. <https://doi.org/10.1177/02632760122052084>.

Cieraad, Irene. 2018. "Home". Em *The International Encyclopedia of Anthropology*, editado por Hilary Callan, 1-8. Oxford: John Wiley & Sons, Ltd.

Clarke, Alison J. 2001. "The Aesthetics of Social Aspiration". Em *Home possessions material culture behind closed doors*, editado por Daniel Miller, 23-45. Oxford, UK: Berg.

Csikszentmihalyi, Mihaly, e Eugene Halton. 1981. *The meaning of things: domestic symbols and the self*. Cambridge: Cambridge University Press.

Daniels, Inge Maria. 2001. "The 'Untidy' Japanese House". Em *Home possessions material culture behind closed doors*, editado por Daniel Miller, 201-229. Oxford, UK: Berg.

Debary, Octave e Laurier Turgeon. 2007. "Introduction: entre objets et mémoires". Em *Objets & Mémoires*, editado por Octave Debary e Laurier Turgeon, 1-36. Paris, Québec: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, Presses de l'Université Laval.

Douglas, Mary. 1991. The Idea of a Home: A Kind of Space, *Social Research*, Vol. 58 (1): 287-307.

Douglas, Mary, e Baron C. Isherwood. 1979. *The world of goods: towards an anthropology of consumption*. Londres: Allen Lane.

Duarte, Alice. 2010. "A antropologia e o estudo do consumo: revisão crítica das suas relações e possibilidades", *Etnográfica* [Online], Vol. 14 (2): 363-393. <https://doi.org/10.4000/etnografica.329>

Ferreira, Sérgio Vítor, e Cátia Nunes. 2010. "Transições para a idade adulta". Em *Tempos e Transições de Vida: Portugal ao espelho da Europa*, organizado por José Machado Pais e Vítor Sérgio Ferreira, 39-67. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

Garvey, Pauline. 2001. "Organized Disorder". Em *Home possessions material culture behind closed doors*, editado por Daniel Miller, 47-68. Oxford, UK: Berg.

Gell, Alfred. 2010 [1997]. *Art and Agency. An Anthropological Theory*. Oxford: Clarendon Press.

Hecht, Anat. 2001. "Home Sweet Home: Tangible Memories of an Uprooted Childhood". Em *Home possessions material culture behind closed doors*, editado por Daniel Miller, 123-145. Oxford, UK: Berg.

Holmes, Helen. 2019. "Material Affinities: 'Doing' Family through the Practices of Passing On". *Sociology*, 53 (1): 174–191. <https://doi.org/10.1177/0038038518777696>.

Hoskins, Janet. 2007. "La biographie visuelle des objets: photographies et tombes en Indonésie orientale". Em *Objets & Mémoires*, editado por Octave Debary e Laurier Turgeon, 139-151. Paris, Québec: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, Presses de l'Université Laval.

- Hurdley, Rachel. 2006. "Dismantling Mantelpieces: Narrating Identities and Materializing Culture in the Home". *Sociology*, 40(4), 717-733. <https://doi.org/10.1177/0038038506065157>.
- Kenyon, Liz. 1999. "A Home from Home - Students' transitional experience of home". Em *Ideal Homes? Social Change and domestic life*, editado por Tony Chapman e Jenny Hockey, 84-95. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Kirk, David S., e Abigail Sellen. 2010. "On human remains: Values and practice in the home archiving of cherished objects". *ACM Transactions on Computer-Human Interaction*. Vol. 17 (3), 10-10:43. <https://doi.org/10.1145/1806923.1806924>.
- Kopytoff, Igor. 1986. "A Biografia Cultural das Coisas: a mercantilização como processo". Em *The social life of things: commodities in cultural perspective*, editado por Arjun Appadurai, 89-121. Cambridge: Cambridge University Press.
- Latour, Bruno. 2007. "Une sociologie sans objet? Remarques sur l'interobjectivité". Em *Objets & Mémoires*, editado por Octave Debarry e Laurier Turgeon, 37-57. Paris, Québec: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, Presses de l'Université Laval.
- Lipman, Caron. 2019. "Living with the past at home: The afterlife of inherited domestic objects". *Journal of Material Culture*, Vol. 24 (1): 83-100. <https://doi.org/10.1177/1359183518801383>
- Low, Setha M. 1992. *Symbolic Ties That Bind: Place Attachment in the Plaza*. Nova York: Plenum Press.
- Mallett, Shelley. 2004. *Understanding home: a critical review of the literature*. Oxford e Malden: Blackwell Publishing Ltd
- Marcoux, Jean-Sébastien. 2001. "The Refurbishment of Memory". Em *Home possessions material culture behind closed doors*, editado por Daniel Miller, 69-86. Oxford, UK: Berg.
- McCracken, Grant. 1986. "Culture and Consumption: A Theoretical Account of the Structure and Movement of the Cultural Meaning of Consumer Goods", *Journal of Consumer Research*, Vol. 13 (1): 71-84. <https://doi.org/10.1086/209048>.
- Miller, Daniel. 1987. *Material Culture and Mass Consumption*. Oxford: Basil Blackwell.

- Miller, Daniel. 1994. "Artefacts and The Meaning Of Things". Em *Companion Encyclopedia of Anthropology. Humanity, culture and social life*, editado por Tim Ingold, 396-419. Londres e Nova York: Routledge.
- Miller, Daniel. 2001. *Home possessions material culture behind closed doors*. Oxford: Berg.
- Morley, David. 1988. *Television: Cultural Power and Domestic Leisure*. Londres e Nova York: Routledge.
- Ochs, Elinor, e Merav Shohet. 2006. "The Cultural Structuring of Mealtime Socialization". *New Directions for Child and Adolescent Development* 111, (Spring): 35-49, <https://doi.org/10.1002/cd.154>.
- Petridou, Elia. 2001. "The Taste of Home". Em *Home possessions material culture behind closed doors*, editado por Daniel Miller, 87-104. Oxford, UK: Berg.
- Pritchard, Annette e Nigel Morgan. 2005. "On souvenirs and metonymy - Narratives of memory, metaphor and materiality", *Tourist Studies*, vol.5(1): 29-53. <https://doi.org/10.1177/1468797605062714>.
- Ramos, Alice, e Evelia Álvarez. 2021. "Enquadramento teórico". Em *Os jovens em Portugal hoje. Quem são, que hábitos têm, o que pensam e o que sentem?*, coordenado por Laura Sagnier e Alex Morell, 11-29. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Rosales, Marta V. 2010. "The domestic work of consumption: materiality, migration and home-making", *Etnográfica* [Online], vol. 14 (3) (outubro): 79-94. <https://doi.org/10.4000/etnografica.191>.
- Rosales, Marta V. 2015. *As coisas da casa. Cultura material, migrações e memórias familiares*. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais.
- Silvano, Filomena. 2017. "Des choses qui ont traversé des océans: sur la matérialité des transactions identitaires". *Pensée plurielle*, vol. 45 (2): 61-75. <https://doi.org/10.3917/pp.045.0061>.
- Wallendorf, Melanie e Eric J. Arnould. 1988. "My favourite things: A Cross-Cultural Inquiry into Object Attachment, Possessiveness, and Social Linkage". *Journal of Consumer Research*, vol. 14 no. 4: 531-547. <http://www.jstor.org/stable/2489159>.

Weiner, Annette B. 1994. "Cultural Difference and the Density of Objects", *American Ethnologist*, vol. 21 (2): 391-403. <https://doi.org/10.1525/ae.1994.21.2.02a00090>.

Xerez, Romana, Elvira Pereira e Francielli Dalprá Cardoso. 2019. *Habitação Própria em Portugal numa perspetiva intergeracional*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

#### **4.2 Referências online**

Eurostat. 2020. "When are they ready to leave the nest?". Consultado a 20 maio, 2022. <https://ec.europa.eu/eurostat/web/products-eurostat-news/-/EDN-20200812-1?inheritRedirect=true&redirect=%2Feurostat%2Fhome%3F>

Eurostat. 2022. "Age of young people leaving their parental household". Consultado a 20 maio, 2022. [https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Age\\_of\\_young\\_people\\_leaving\\_their\\_parental\\_household#Gender\\_differences](https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Age_of_young_people_leaving_their_parental_household#Gender_differences).

Gato, Assunção. 2013. "CASAS: Espaços Vividos, Espaço Representados". Consultado a 7 abril, 2023. <https://espacodearquitetura.com/artigos/maria-assuncao-gato-casas-espacos-vividos-espaco-representados/>.

Shaw, Emily. 2007. "Frame Analysis." *Encyclopedia Britannica*. Consultado a 4 abril, 2022. <https://www.britannica.com/topic/frame-analysis>.

### 4.3 Lista de Figuras

Figura 1 - Planta da casa da família de I., desenhada pela própria	48
Figura 2 - Planta da casa da família de L., desenhada pela própria	49
Figura 3 - Planta da casa da família de J., desenhada pela própria	50
Figura 4 - Planta da casa da família de B., desenhada pela própria	51
Figura 5 - Planta da casa da família de C., desenhada pela própria	52
Figura 6 - Planta da casa da família de M., desenhada pela própria	53
Figura 7 - Planta da casa da família de S., desenhada pela própria	56
Figura 8 - Planta da casa atual de I., desenhada pela própria	74
Figura 9 - Planta da casa atual de L., desenhada pela própria	75
Figura 10 - Planta da casa atual de J., desenhada pela própria	76
Figura 11 - Planta da casa atual de B., desenhada pela própria	77
Figura 12 - Planta da casa atual de C., desenhada pela própria	78
Figura 13 - Planta da casa atual de S., desenhada pela própria	79
Figura 14 - Planta da casa atual de M., desenhada pela própria	81
Figura 15 - Postais de I. penduradas na parede da sala	100
Figura 16 - Postais de I. por pendurar, em cima de um móvel na sala	101
Figura 17 - Moldura de fotografia de J. com o pai, num móvel no <i>hall</i> de entrada	103
Figura 18 - Postal com pintura de Picasso, à esquerda, pendurado na parede da sala ao lado de outras peças e obras que não foram abordadas na entrevista	105
Figura 19 - Postal com pintura de Matisse, pendurado na parede da sala	105
Figura 20 - Pente e peixe de cerâmica oferecidos pelo avô de B., em cima de um móvel no sótão da casa	107
Figura 21 - Espelho de J. em cima de mesa no quarto	108
Figura 22 - Mesa que reúne vários objetos importantes para J. no seu quarto	108
Figura 23 - Presépio de J. em prateleira de móvel da sala, à direita	110

Figura 24 - Tapete de S. na sala de estar	110
Figura 25 - Cafeteira de S. à direita em cima da bancada da cozinha	111
Figura 26 - Livros de I. numa prateleira de um móvel à entrada da sala	113
Figura 27 - Taças de I., à esquerda a mais antiga, que a mãe comprou quando a própria foi viver sozinha	115
Figura 28 - Caixa onde estão guardadas as “mini-fotos” oferecidas pelas amigas	116
Figura 29 - Reprodução de pintura de Turner, emoldurada e pendurada na parede do <i>hall</i> de entrada	117
Figura 30 - Estante com os livros de L., no escritório	119
Figura 31 - Estante com os vinis e CD’s de M. na sala	120
Figura 32 - Estante com CD’s de S. na “Sala do Som”	121
Figura 33 - Caixa onde M. guarda os postais do <i>crossing</i>	122
Figura 34 - Livros de M. em prateleiras num móvel na sala	124
Figura 35 - Plantas de M. em vasos na sala	125
Figura 36 - Fotografias de M. expostas no móvel da sala	127
Figura 37 - Diários escritos e gráficos de B. no móvel no sótão	128
Figura 38 - Livros de J. nas prateleiras do móvel do <i>hall</i> de entrada, onde também está a fotografia com o pai.	130
Figura 39 - Poster filme “Nostalgia da Luz”, emoldurado e pendurado na sala de estar	131
Figura 40 - Poster filme “Psycho”, sem moldura, pendurado no <i>hall</i> de entrada	132
Figura 41 - Colcha a cobrir a cama de C.	133
Figura 42 - Violino de B, na respetiva caixa onde o guarda	134
Figura 43 - Álbum de fotografias de C., fechado em cima de uma mesa do escritório	135
Figura 44 - Álbum de fotografias de C., aberto sobre uma mesa do escritório	136

Figura 45 - Fotografia de I. com a mãe e a avó, na sua infância, emoldurada e colocada em cima de uma prateleira na sala	137
Figura 46 - Fotografias de mãe e avó de L. e da própria com o pai, emolduradas e colocadas em cima da secretária do escritório	138
Figura 47 - Mocho e candeeiro de J., ambos à direita, em cima de mesa onde reúne objetos importantes no seu quarto	140
Figura 48 - Serigrafia de obra de Helena Almeida, emoldurada e ainda embrulhada, encostada no chão junto ao local onde será pendurada	142
Figura 49 - Outras duas serigrafias, também emolduradas e embrulhadas, encostadas junto ao local onde serão penduradas	143
Figura 50 - Caixa bege de J. com apontamentos na tampa, à esquerda	144
Figura 51 - “Espanta-espíritos” de S., pendurado junto à cortina na “sala do som”	145

## 4.4 Anexos

### 4.4.1 Guião questionário quantitativo

#### Condições para responder ao questionário

1. Tem entre 18 e 34 anos?
2. Saiu de casa dos seus pais (ou similar) e entrou numa nova casa, com o propósito de ser uma casa não temporária, entre janeiro de 2019 e dezembro de 2021?
3. A mudança de casa aconteceu dentro da Área Metropolitana de Lisboa (Alcochete, Almada, Amadora, Barreiro, Cascais, Lisboa, Loures, Mafra, Moita, Montijo, Odivelas, Oeiras, Palmela, Seixal, Sesimbra, Setúbal, Sintra ou Vila Franca de Xira)?

#### Questionário

1. Indique-nos com quem vivia na casa de onde saiu?

Mãe

Pai

Avô

Avó

Irmãos

Outros

2. Na casa da sua família vivia com algum animal de estimação?

3. Das opções apresentadas abaixo, qual a principal razão para ter saído da casa da sua família para a nova casa.

Para viver com outra(s) pessoa(s)

Para estar mais próxima/o do trabalho

Simplesmente para viver sozinho

Outro

4. Na sua nova casa vive com mais alguém?

Sim

Não

5. Indique com quem partilha casa atualmente:

Parceira(o)

Um(a) ou mais amigas(os)

Irmã(a)

Outros \_\_\_\_\_

6. Das opções apresentadas abaixo, qual a que melhor descreve a relação com a sua nova casa:

Habitação própria

Habitação arrendada

7. Vive atualmente com um animal de estimação?

Sim

Não

8. Quando fez a mudança, a nova casa estava vazia ou tinha já mobília ou objetos? Considere vazia se a casa apenas tinha eletrodomésticos instalados.

Vazia

Com mobília ou objetos

9. Trouxe algum objeto, independentemente de ser roupa, loiça, mobiliário, quadros, livros ou brinquedos, da casa da sua família para a nova casa?

Sim

Não

10. Desses objetos pelo menos um foi levado para a nova casa exclusivamente pelo seu valor emocional?

Sim

Não

11. Descreva em baixo o objeto ou objeto(s) levado(s) para a sua nova casa exclusivamente pelo seu valor emocional.

12. O(s) objeto(s) que levou para a nova casa foi útil para criar um sentimento de casa no seu novo espaço de habitação?

Sim, foi útil

Não, foi indiferente

13. Trouxe da casa da sua família algum enxoval (conjunto de objetos que foi sendo preparado para ser levado para a nova casa, como lençóis, panos, toalhas, entre outros)?

Sim

Não

14. Quem comprou as peças do enxoval?

A minha família

Eu

A minha família e eu

Outro \_\_\_\_\_

15. O enxoval que levou para a nova casa foi útil para criar um “sentimento de casa” no seu novo espaço de habitação?

Sim, foi útil

Não, foi indiferente

16. Utiliza uma ou mais peças do enxoval na sua nova casa?

Sim

Não

17. Atualmente onde se sente mais em casa?

Na casa da minha família

Na minha casa atual

18. Com que regularidade visita a casa da sua família?

Diariamente

Todas as semanas

Quinzenalmente

Uma vez por mês

Outro

19. Ainda tem a chave de casa da sua família?

Sim

Não

20. Quando vai a casa da sua família, abre a porta de casa com a sua chave de casa ou toca à campainha antes de entrar?

Abro com a minha chave

Toco à campainha

21. Costuma cozinhar na sua nova casa?

Sim

Não

22. A maioria dos pratos que cozinha são semelhantes aos da casa da sua família ou diferentes?

São semelhantes

São diferentes

23. Cozinhar pratos semelhantes aos de casa da sua família é útil para criar um “sentimento de casa” no seu novo espaço de habitação?

Sim, é útil

Não, é indiferente

#### Dados de caracterização

1. Indique a sua idade
2. Indique o código postal (XXXX-XXX, localidade) do local da nova casa
3. Indique o código postal (XXXX-XXX, localidade) do local da casa onde vivia anteriormente
4. Qual o seu nível de instrução escolar

Ensino básico 3ºciclo/secundário unificado (concluiu 9 anos de escolaridade)

11ºano (concluiu 11 anos de escolaridade)

12ºano (concluiu 12 anos de escolaridade)

Cursos médios/bacharelato

Ensino superior incompleto

Licenciatura e/ou pós-graduação

Mestrado ou mais

NS/NR

5. Qual das seguintes opções descreve melhor a situação em que se encontra atualmente?

Trabalho por conta própria/liberal

Trabalho por conta de outrem

Estudante

Desempregado

Outro \_\_\_\_\_

NS/NR

6. Se na pergunta anterior respondeu que trabalha, qual a sua profissão?

7. Dos seguintes intervalos, qual o valor médio das despesas mensais totais do seu agregado, incluindo a renda ou empréstimo da casa e despesas correntes?

Até 250€

De 251€ a 500€

De 501€ a 750€

De 751€ a 1000€

De 1001€ a 1500€

De 1501€ a 2500€

De 2501€ a 3000€

3001€ ou mais

NS/NR

#### Conclusão do questionário

Obrigado pela sua participação. Tencionamos contactar alguns dos participantes deste questionário para uma entrevista mais aprofundada. Deixe-nos aqui o seu email, se estiver de acordo com este contacto adicional:

#### **4.4.2 Guião entrevista semiestruturada**

##### Significado e sentimento de casa

1. Nalgum momento da tua vida te apercebeste que tinhas “sentimento de casa” por um espaço?
2. Quando é que começaste a desenvolver “sentimento de casa” pela primeira vez? Foi em casa da tua família ou em que contexto?
3. O que é que casa significa para ti?
4. Já alguma vez desenvolveste sentimento de casa pela casa de outras pessoas, como de amigos, avós, por exemplo?

##### Casa da família

1. Descreve-me a casa onde vivias com a tua família
2. Desde o teu nascimento, viveste sempre na mesma casa com a tua família ou passaram por casas diferentes? Se sim, quantas e porque é que essas mudanças ocorreram?
3. Qual a divisão da casa onde te sentias mais em casa na casa da tua família. Porquê? Descreve-me o espaço.
4. Esse mesmo espaço era regularmente partilhado com outras pessoas? Se sim, quem?

5. Qual era, habitualmente, a tua participação nas tarefas da casa? Por exemplo: cozinhas, participavas nas limpezas, entre outros?
6. Existiam momentos regulares de partilha familiar, como refeições conjuntas, verem televisão em conjunto, jogar jogos, entre outros? Se sim, podes descrever-me os principais momentos?
7. Em casa da tua família quem tomava as principais decisões quanto à decoração do espaço, disposição das várias divisões e presença de objetos?
8. Descreve-me os objetos de maior valor emocional que tinhas em casa da tua família. Qual a sua origem?
9. Onde guardavas ou expunhas os teus objetos de maior valor emocional? Porquê nesse(s) local?
10. Quando vivias em casa da tua família como é que idealizavas a tua própria casa?

#### Casa atual

1. Podes descrever-me a tua casa atual como se eu nunca a tivesse visto?
2. Em que espaços da casa passas mais tempo? Descreve-me o que fazes habitualmente nesses espaços. Esses espaços são partilhados com outras pessoas?
3. Como foi o processo de decisão quanto à decoração do espaço da casa, disposição das várias divisões e presença de objetos?
4. As principais tarefas da casa, como cozinhar, limpeza, compras, entre outras, são feitas por ti?
5. Recebes, regularmente, pessoas na tua casa? Se sim, quem? (família, amigos...)
6. Existe alguma contribuição regular da tua família para a tua casa, como apoio em comida, em tarefas domésticas, uma mesada ou outros?
7. Há algum local específico da casa onde te sintas mais em casa? Porquê?
8. Vives numa casa alugada, se fosse comprada achas que a tua ligação à casa seria diferente?
9. Olhas para esta casa como definitiva no teu futuro? Porquê?
10. Tipicamente, durante um dia de semana, qual é a vivência que fazes da tua casa? E ao fim-de-semana?
11. Atualmente sentes-te mais em casa na casa da tua família ou na tua casa atual?

## Objetos na casa atual

1. Fazer *tour* pela casa e pedir que entrevistada identifique objetos que tenham vindo de casa da família e apoiem na criação de sentimento de casa. Indicar que objetos serão fotografados individualmente. Para cada objeto fazer estas questões:
  - a) De que forma este objeto ajuda na construção de sentimento de casa?
  - b) Como foi angariado, obtido?
  - c) O que representa o objeto para ti e que papel ocupa hoje na casa?
  - d) O que significaria ficar sem o objeto?
  - e) Em que lugar está guardado o objeto e porquê?
  - f) O objeto veio de casa da família. Qual a razão para o trazeres?
  
2. Há objetos que tenhas nesta casa que não tenham vindo de casa da família e que já sejam especiais e relevantes para o sentimento de casa?
  
3. Se quando a entrevistada se mudou, a casa já tinha algum tipo de objetos:
  - a) Quando fizeste a mudança, a casa já tinha alguns objetos. Mantiveste esses objetos? Se sim: qual a razão para o fazeres? Se não, qual a razão para não o fazeres?
  - b) Mantiveste os objetos no seu formato e função originais ou exerceste sobre eles alguma mudança? Porquê?
  - c) Consideras que esses objetos tiveram algum impacto na tua construção de sentimento de casa?
  - d) O que sentes ao pensar que estes objetos já foram parte da vida de outras pessoas?
  
4. Trouxeste algum objeto de casa da tua família especificamente porque te permitia manter um hábito passado que não querias abandonar neste novo espaço?
  
5. Se tem a chave de casa da família: qual é a importância de manteres a chave de casa da família? Quando visitas a casa da família hoje, abres a porta com a tua chave ou tocas à campainha? Porquê?

Se não tem a chave de casa da família: porque deixaste de ter?

Saída de casa

1. Quando preparaste a saída de casa da tua família, como foi o teu processo de escolha dos objetos a trazer?
2. Manténs na tua casa atual, neste momento, todos os objetos que trouxeste de casa da tua família? Se não, porque os deixaste de ter?
3. Deixaste algum tipo de objetos que valorizes em casa da tua família? Qual a razão para essa decisão? Se sim, prevês algum dia trazê-los para a tua própria casa?
4. O teu quarto manteve-se em casa da tua família ou foi transformado? A decisão sobre o que fazer ao espaço (manter ou transformar) foi tomada por quem?
5. Com que frequência visitas hoje a casa da tua família. Porquê essa regularidade?

#### **4.4.3 Sistema de categorização para análise dos objetos**

Para a análise dos significados associados aos objetos que as jovens trouxeram de casa da família e que foram relevantes para o sentimento de casa, recorri ao trabalho de Mihaly Csikszentmihalyi e Eugene Halton (1981), *The Meaning of Things: domestic symbols and the self*, onde os autores criaram uma grelha de categorias que me foi conveniente para pensar os significados por detrás das experiências das jovens. Descrevo em baixo o sistema de categorização utilizado, que se divide entre categorias para identificar a tipologia dos objetos, a sua forma de obtenção, bem como os significados incorporados nos objetos. Incluo, ainda, no final, um conjunto de categorias que criei para classificar o local onde estavam colocados os objetos na casa.

##### **Categorias de tipos de objetos**

- Livros
- Artes visuais
- Fotografia
- Têxtil
- Escultura
- CD's
- Loiça

- Espelho
- Candeeiro
- Instrumento musical
- Utensílios de cozinha
- Plantas

### **Classes de objetos**

- Objeto de ação
- Objeto de contemplação

### **Categorias de classificação da forma de obtenção dos objetos**

- Comprado
- Presente
- Herança
- Feito à mão pela própria
- Prémio
- Recebido: quando um parente mais velho tinha um objeto e agora pertence à entrevistada

### **Classes e categorias de classificação dos significados**

#### **I. Passado**

##### **A. Memórias**

- Mementos: memórias em geral, não associadas a ocasião particular
- Lembrança: memória de ocasião específica
- Herança: transmitido dentro da família
- Souvenir: memória de um local, quando adquirido no contexto de uma viagem
- “Tenho há muito tempo”: o objeto está com a entrevistada há muito tempo, quer em posse da própria, quer no ambiente onde viveu

##### **B. Associações**

- Coleções: objetos valorizados enquanto coleção
- Presente: objeto valorizado porque foi um presente de alguém

#### **II. Presente-Futuro**

##### **A. Experiência**

- Prazer: sentimentos positivos associados ao objeto
- Ocasões Regulares: usado para eventos ou atividades quotidianas que ocorrem regularmente
- Libertação: permitiu alcançar sensação de libertação, como fuga ou desabafo da frustração

#### **B. Qualidade intrínseca do objeto**

- Feito à mão: pela entrevistada ou alguém próximo
- Singularidade: objeto descrito como sendo único fisicamente ou por causa de associações pessoais ao objeto

#### **C. Estilo**

É mencionado algum aspeto decorativo, de moda ou de *design*

#### **D. Utilitário**

Valorizado pela conveniência, economia de tempo, dinheiro, energia ou por ser um investimento

#### **E. Valores Pessoais**

- Incorporação de um ideal: desde valores pessoais, aspirações, objetivos, conquistas que são desejadas ou procuradas. O objeto incorpora um objetivo procurado, ainda não alcançado
- Realização: manifesta a criatividade ou uma realização/conquista do entrevistado
- Personificação: descrito como tendo as qualidades de uma pessoa, seja uma pessoa real ou metafórica

### **III. Códigos pessoais**

#### **A. Eu**

A entrevistada destaca algo sobre si mesmo em relação ao objeto

#### **B. Família Imediata**

- O objeto projeta os pais
- O objeto projeta os avós

#### **C. Fora da família**

- O objeto projeta amigos
- O objeto projeta heróis ou pessoas que admira

### **Categorias de classificação dos locais onde estão alojados os objetos na casa**

- Acessível, quando está num local de fácil acesso
- Não acessível, quando está num local de difícil acesso
- Visível, quando o objeto está à vista numa divisão
- Não visível, quando o objeto não está à vista numa divisão
- Espaço partilhado, quando está num espaço utilizado ou frequentado por várias pessoas
- Espaço privado, quando está num espaço utilizado ou frequentado apenas pelo entrevistado